

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

MARIA GISELE PERES

PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS:

Culturas e experiências de trabalhadores latino-americanos.

Uberlândia, 1990/2007

Uberlândia-MG

2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

MARIA GISELE PERES

PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS:

Culturas e experiências de trabalhadores latino-americanos.

Uberlândia, 1990/2007

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em História da
Universidade Federal de Uberlândia como
requisito para obtenção do título de Mestre
em História

Área de concentração: História Social

Orientadora: Profa. Dra. Célia Rocha Calvo

Uberlândia-MG

2008

Banca examinadora

Profa. Dra. Célia Rocha Calvo
(Orientadora)

Profa. Dra. Regina Ilka de Vasconcelos
(Examinadora)

Profa. Dra. Heloisa de Faria Cruz
(Examinadora)

Agradecimentos

Este trabalho tornou-se possível a partir da colaboração de muitos que, mesmo sem saber, foram de diferentes maneiras importantes. São amigos, familiares e professores que, de uma forma ou de outra, se fizeram presentes ao longo da produção deste trabalho e que abriram caminhos para que ele se concretizasse. Muitas reflexões presentes neste texto se devem a estas diferentes pessoas que, dando seu apoio teórico e/ou afetivo, foram tornando o período do curso de mestrado mais proveitoso, agradável e criativo.

Os primeiros a quem aqui quero agradecer são os trabalhadores que gentilmente contribuíram com suas narrativas, memórias e histórias.

À professora Célia Rocha Calvo, minha orientadora, pela presença e incentivo constantes. Pelo apoio nas horas difíceis, por compreender meu tempo de reflexão, os limites e angústias que permeiam o pensar historicamente.

Ao professor Leandro José Nunes, pelo apoio inicial e por sempre me incentivar a continuar.

Ao professor Paulo Roberto de Almeida, pela colaboração na banca de qualificação, pelas discussões ao longo dos cursos de graduação e mestrado que sempre estimularam a reflexão crítica.

Aos professores da Linha Trabalho e Movimentos Sociais, pelas contribuições com leituras e reflexões acerca do tema. Em especial a professora Regina Ilka, pela leitura atenciosa do trabalho para a banca de qualificação e por ter aceitado participar da banca de defesa.

À professora Heloisa de Faria Cruz pela disposição em participar da banca de defesa deste trabalho, agradeço sua leitura e as contribuições que sua presença trará a discussão deste tema.

Aos meus amigos do curso de mestrado: Orlanda Rodrigues Fernandes, Sérgio Daniel Nasser e Janaína Silva Ferreira. Amigos de sempre, que me acompanham desde a graduação. Agradeço pelas reflexões e discussões tanto nas aulas quanto fora delas que muito contribuíram para o amadurecimento desta pesquisa. Em especial a Juliana Lemes Inácio, amiga sempre presente, sempre pronta a contribuir, a ler, reler e discutir caminhos para a pesquisa.

As contribuições dos colegas do curso de doutorado Vagner José Moreira, Paulo César Inácio, Rejane Meireles Amaral e em especial à amiga Sheille Soares de Freitas,

pelas leituras, observações e discussões sobre a temática que me apontaram outras possibilidades.

Aos colegas e amigos da E. E. Maria da Conceição Barbosa de Souza, em especial a Vera Farinelle, amiga, companheira, um pouco de tudo que há de bom, por suas contribuições ao longo do período letivo, o que conseqüentemente significou importante colaboração para o andamento desta pesquisa.

À minha tia Zélia, pelo apoio na busca por material bibliográfico.

Aos meus irmãos e sobrinhos por fazer minha vida mais feliz, alegrando e preenchendo meus momentos de lazer.

Aos meus pais Geraldo e Zeila, que se doaram por completo e que renunciaram aos seus sonhos, para que, muitas vezes, eu pudesse realizar os meus; aqueles que me deram a vida e me ensinaram a vivê-la com dignidade.

Ao Rogério e a Magna, meus segundos pais, pela compreensão quando necessitei e pelo abraço reanimador.

Ao Davi, companheiro e amigo, que em todos estes anos nunca disse não aos meus pedidos. Por sua presença constante, ajuda incondicional, compreensão e respeito por minhas escolhas, o que muitas vezes significou momentos de ausência e angústias.

*“Tenho vinte e cinco anos de sonho e de sangue
E de América do Sul, por força desse destino
Um tango argentino, me vai bem melhor
Que um blues.”*

(A Palo Seco – Belchior)

RESUMO

Esta pesquisa tem como ponto central a reflexão acerca das experiências e vivências de trabalhadores latino-americanos (não-brasileiros) em nosso país, mais especificamente na cidade de Uberlândia-MG. São trabalhadores que vieram do Peru, Chile, Argentina, Equador e Uruguai e trabalham principalmente com a produção e/ou venda de artesanatos. Investigo os significados sociais, as tensões presentes nas relações estabelecidas por eles em suas trajetórias, memórias e culturas, as disputas pelos espaços da cidade, a luta pelo direito ao trabalho e pelo respeito às suas diferenças. Com a intenção de compreender a dinâmica social vivida por esses sujeitos, procurei refletir sobre a maneira como produzem e transformam os espaços da cidade por meio de seus trabalhos e das relações constituídas. Além disso, analiso as relações que eles constituem, desde a saída de seus países, como uma das maneiras que lhes possibilitam conseguir trabalho, moradia e continuar suas andanças e/ou permanecer. Interessa destacar que a principal preocupação esteve em torno de questões ligadas ao fazer-se desses sujeitos sociais, por isso a importância dada a seus modos de viver e trabalhar, à maneira como concebem seus viveres e o sentido que atribuem a seus trabalhos. Entre as diversas possibilidades de análise que as fontes abriram, para além daquilo que desejava interrogar ao iniciar a pesquisa, aponto a problemática da produção de artesanatos que, ao mesmo tempo em que impulsiona suas andanças, lhes possibilitam resistir e burlar leis excludentes que os colocam como “ilegais”. Dentre as fontes utilizadas estão as narrativas orais produzidas com os trabalhadores, o Estatuto do Estrangeiro, o Jornal Correio de Uberlândia, fotografias publicadas nesse jornal e outras produzidas por mim, o que tornou possível refletir sobre o que significa a presença desses sujeitos na cidade de Uberlândia, como o poder público e a sociedade em geral os vêem, como essas pessoas se apresentam, qual o significado do viver de modo itinerante e quais os limites e possibilidades deste viver.

Palavras-chave: Trabalhadores. Culturas. Memórias. Experiências.

ABSTRACT

This research has as central point of reflection concerning the experiences of Latin American workers (not-Brazilians) in our country, more specifically in the city of Uberlândia-MG. They are workers who had come from Peru, Chile, Argentina, Equator and Uruguay and work mainly producing and/or selling handicrafts. I investigate the social meanings, the tensions gifts in the relations established for them in its trajectories, memories and cultures, the disputes for the spaces of the city, the fight for the right to the work and the respect to its differences. Attempting to understand the social dynamics lived by these citizens, I tried to reflect on the manner such they produce and they transform the spaces of the city by means of their works and constituted relations. Moreover, I analyze the relations that they constitute, since the exit of their countries, as one way to make possible to them to obtain work, housing and to continue their journeys and/or to remain. It is noteworthy that the main concern questions was around themselves growing as human being of these social citizens, therefore the given importance to their ways of living and working, to the way as they conceive their life and the meaning attributed to themselves works. Among a variety of possibilities of analysis that the sources had opened, as well as what I desired to interrogate on research beginning, I point the problematic one of handicrafts production, which stimulates their journeys, besides make possible to them resisting and evading excluding laws that place them as “illegal”. Among used sources there are oral narratives produced with the workers, the Foreigner’s Statute, the Periodical Correio de Uberlândia, photographs published in this newspaper and others produced by me, became possible to reflect on what means the presence of these citizens in the city of Uberlândia, how they’ve seen by public power and the society in general, how these workers present themselves, which is the meaning of their itinerant way of life and which are the limits and possibilities of this life.

Key Words: Workers. Cultures. Memories. Experiences.

RESUMEN

Esa investigación tiene como punto central reflexiones acerca de las experiencias y vivencias de trabajadores latinoamericanos (no-brasileños) en nuestro país, con especificidad en la ciudad de Uberlandia-MG. Son trabajadores que han venido de Perú, Chile, Argentina, Ecuador y Uruguay y trabajan principalmente con la producción y/o venta de artesanías. Investigo los significados sociales, las tensiones presentes en las relaciones establecidas por ellos en sus trayectorias, memorias y culturas, las disputas por los espacios de la ciudad, la lucha por el derecho al trabajo y por el respecto por sus diferencias. Al intentar comprender la dinámica social vivida por esos sujetos, busqué reflexionar sobre la manera como producen y cambian los espacios de la ciudad por medio de sus trabajos y de las relaciones constituidas. Además, analizo las relaciones que constituyen desde la salida de sus países como una de las maneras que les posibilitan conseguir trabajo, vivienda y continuar sus andanzas y/o permanecer. Interesa destacar que la principal preocupación ha estado alrededor a las cuestiones ligadas al hacerse de esos sujetos sociales, por eso la importancia dada a la manera como conciben sus modos de vivir y lo sentido que atribuyen a sus trabajos. Entre las distintas posibilidades de análisis que me han abierto las fuentes, más allá de lo que deseaba interrogar al iniciar la investigación, apunto la problemática de la producción de artesanías, que mientras impulsan sus andanzas, se les posibilitan resistir y burlar leyes excluyentes que les suponen por “ilegales”. Entre las fuentes utilizadas están las narrativas orales producidas con los trabajadores, el Estatuto del Extranjero, el Periódico Correo de Uberlandia, fotografías ahí publicadas y otras de mi propia producción, lo que tornó posible reflexionar sobre lo que significa la presencia de esos sujetos en la ciudad de Uberlandia; como el poder público y la sociedad en general les ven a esos trabajadores; como esas personas se presentan; lo que significa vivir de modo itinerante y cuales los límites y posibilidades de ese vivir.

Palabras Claves: Trabajadores. Culturas. Memorias. Experiencias.

LISTA DE FOTOS E IMAGENS

Foto 1	Vista da Praça Tubal Vilela, em Uberlândia, março de 2006. Acervo da pesquisadora.....	33
Foto 2	Praça Tubal Vilela. Acervo do Arquivo Público Municipal.....	36
Imagem 1	“Argentino é preso por traficar drogas”.....	45
Imagem 2	“Argentino é preso com maconha”.....	45
Imagem 3	“Gerais; peruano é preso ao filmar adolescente”.....	46
Foto 3	Artesãos trabalhando na Praça Tubal Vilela, junho de 2006. Acervo da pesquisadora.....	76
Foto 4	Vendedor ambulante vende CDs diretamente de suas mãos para não ser surpreendido por fiscais.....	87

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	12
CAPÍTULO I Em busca de trabalho, para além das fronteiras... ..	28
CAPÍTULO II Trabalho e experiências nas disputas pelos espaços da cidade.....	64
CAPÍTULO III A arte do fazer-se trabalhador num modo de viver em itinerâncias.....	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
FONTES.....	134
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	138

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A escolha de falar sobre as experiências de trabalhadores latino-americanos que vivem de modo itinerante está ligada principalmente às minhas experiências e inquietações suscitadas muitas vezes pelos temas relacionados à história da América Latina. Até ingressar no curso de História da Universidade Federal de Uberlândia, os contatos que tive com as experiências de outros povos deste imenso continente americano foram escassos e desconectados de minhas vivências como cidadã brasileira.

Com as leituras e discussões realizadas nas disciplinas de História da América Latina¹ entrei em contato com alguns textos que me fizeram refletir sobre esse estranhamento, a maneira como nos sentimos distantes não só quanto aos modos de vida de nossos vizinhos da América Latina, mas também em relação às suas histórias, como se não fizéssemos parte dela².

Naquele momento me inquietava a forma como a América Latina era pensada de fora para dentro, distanciando o Brasil do restante do continente. A partir dessas reflexões acabei deixando de me sentir essencialmente brasileira, na busca por compreender esse sentimento de estranhamento. Ao mesmo tempo, me chamava à atenção a forma como as experiências de trabalhadores que iam e vinham entre América Latina, Europa e EUA apareciam na mídia ligadas principalmente à violência, à ilegalidade, à frustração do sonho de fazer “a América”. A ênfase das notícias nas redes de TV e de outros veículos de comunicação estava – e continua – centrada principalmente no foco dramático vivido por essas pessoas, tratadas como “migrantes”, sobretudo quando apontados nos conflitos que permeiam a fronteira México-EUA, tema que acabou virando novela de televisão, cujo título era “*América*”³.

¹ Cabe ressaltar que, além das disciplinas de História da América realizadas no período da graduação, no primeiro semestre de 2007 acompanhei novamente a disciplina de História da América III ministrada pela Profa. Dra. Célia Rocha Calvo na tentativa de problematizar algumas reflexões e aprofundá-las.

² Estas reflexões geraram a produção da monografia **Entre a civilização e a barbárie**. Nação, Estado, modernização na América Latina do século XIX, orientada pelo Prof. Ms. Leandro José Nunes e defendida em julho de 2005.

³ Telenovela produzida pela Rede Globo de Televisão e exibida no horário nobre da televisão brasileira entre março e novembro de 2005, escrita por Glória Perez e dirigida por Marcos Schechtman. Contou com 203 capítulos, estreando com 56 pontos de audiência, sendo que o último capítulo chegou a atingir 70 pontos de audiência. Esta telenovela foi exibida também na Venezuela (2006), Peru (2007), Chile (2007), Portugal (2007), Croácia (2007), Macedônia (2007) e República Dominicana (2007).

Em contato com algumas publicações percebi que a importância dada a essa temática – do ir e vir, do atravessar fronteiras – dava ênfase à idéia de migrações, sobretudo entre o México e os EUA, entre as cidades fronteiriças dos países do Mercosul e São Paulo⁴. No entanto, andando pela cidade de Uberlândia notei a presença de trabalhadores latino-americanos, sobretudo nas ruas e praças, com suas relações de trabalho em torno da venda de artesanato. Esta presença me fez refletir sobre a problemática desta investigação, no sentido de buscar compreender, para além do que era noticiado nas manchetes de jornais e revistas e nas imagens da TV: o que essas pessoas teriam a dizer sobre suas ações, sobre essas idas e vindas; o que pensavam sobre essas experiências de buscar trabalho do outro lado das fronteiras dos seus países?

A leitura e as reflexões da obra de Néstor Garcia Canclini “A globalização imaginada⁵” me fez ponderar acerca da necessidade de pensar o movimento de pessoas pelo mundo por meio de suas culturas. Segundo este autor, estes movimentos são mais complexos do que as múltiplas narrativas⁶ que buscam significar a globalização como um movimento centrado apenas nos processos migratórios ou de transnacionalização do

⁴ Foram importantes as leituras de publicações como: REIS, Rossana Rocha. Soberania, direitos humanos e migrações internacionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, USP, v. 19, n. 55, p. 149-164, jun./2004; BONASSI, Margherita. **Canta América sem fronteiras: imigrantes latino-americanos no Brasil**. 1999. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999; DOMINGUEZ, Luis Esteban. **Imigração argentina em São Paulo - 1970-1983: ressignificando identidades**. 2004. Dissertação (Mestrado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004; CARDOSO, Arnaldo Francisco. Migrações internacionais: os blocos regionais e a mobilidade mundial de mão de obra. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 112-124, 2002; MARTES, Ana Cristina Braga; SOARES, Weber. Remessas de recursos dos imigrantes. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, USP, v. 20, n. 57, p. 41-54, mai./ago. 2006; NETO, Helion Póvoa. A imagem da imprensa sobre a emigração brasileira. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, USP, v. 20, n. 57, p. 25-39, 2006; PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, USP, v. 20, n. 57, p. 07-24, mai./ago. 2006. Além dessas publicações também a análise da **Revista Travessia** – revista da Pastoral do Migrante de São Paulo produzida pelo CEM (Centro de Estudos Migratórios), desde sua primeira publicação em 1988 até o último número publicado que tive acesso em 2006, possibilitou a reflexão sobre como este tema vem sendo tratado por diversas áreas do conhecimento e por diferentes agentes na sociedade.

⁵ CANCLINI, Néstor Garcia. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

⁶ Ao falar sobre “múltiplas narrativas” Canclini chama a atenção para a idéia que busca dar conta das relações entre América Latina, Europa e EUA e que parte do princípio simplificador de que os séculos XVI até meados do século XX são marcados pela discriminação do norte em relação à América Latina e pela admiração desta por eles. Canclini desdobra essa idéia em três narrativas europeu-latino-americanas: o binarismo maniqueísta; o encontro intercultural; a fascinação distante; e examina também outras três narrativas que buscam dar conta da relação entre os Estados Unidos e a América Latina: a incomensurabilidade entre as identidades anglo-saxã e latina; a americanização dos latino-americanos e a latinização dos Estados Unidos; a vizinhança amistosa sob a tutela norte-americana. Como observa Canclini, como estas velhas narrativas podem dar conta do processo em que estamos vivendo?

capital e que, a partir de algumas explicações redutoras, buscam significar este trânsito constante de pessoas pelas diversas partes do mundo⁷.

A partir daí compreendi a necessidade de realizar uma outra reflexão indagando sobre como os trabalhadores, em suas ações, vivenciam esse processo; como compreendem suas travessias por diferentes fronteiras; como enfrentam os conflitos e tensões que permeiam estas ações, como se fazem trabalhadores nestes atos e modos de viver em itinerâncias por diferentes Estados-nações.

Partindo dessas reflexões coloquei então como objetivo investigar diferentes experiências⁸ de trabalhadores latino-americanos (não brasileiros) que vivem na cidade de Uberlândia, indagando sobre o modo como eles se tornam visíveis na paisagem social da cidade, ocupam e imprimem suas maneiras de ser, suas culturas e modos de viver e trabalhar.

Com esta intenção, procurei fazer um levantamento preliminar de latino-americanos que vivem em Uberlândia; pesquisei o banco de dados digital do jornal Folha de São Paulo (1995-2005) com a intenção de compreender como as experiências de trabalhadores latinos eram significadas por esse periódico, além de ir à Pastoral do Migrante de São Paulo na procura por fontes que pudessem trazer à tona as lutas e os significados das andanças desses sujeitos.

Diante disso, e interessada em refletir sobre o terreno comum de experiências desses trabalhadores, optei por trabalhar com fontes orais, para compreender por meio de seus atos interpretativos⁹ as diversas dimensões dos seus viveres, seus modos de

⁷ É importante ressaltar que a problemática sobre esses temas (transgressões de fronteiras; territorialização/reterritorialização; o local e o regional numa era de globalização; viver ilegalmente, etc) são foco de análises de “antropólogos” engajados nas discussões da UNESCO, em especial Néstor Garcia Canclini e Renato Ortiz, o que explica, neste trabalho, o diálogo constante com esses autores. Porém, cabe salientar que este diálogo não significou o distanciamento da perspectiva histórica, mas a tentativa de produzir um trabalho que tivesse como horizonte tais discussões, dialogando com elas sem, no entanto, se apropriar de conceitos ou teorias desconectados da pesquisa que propus desenvolver.

⁸ Ao falar sobre experiência, tomo como referência E. P. Thompson que, ao trabalhar as mudanças dos padrões de vida no fazer-se da classe operária inglesa, coloca a experiência humana como fundamental para compreender as transformações nos viveres desta classe. Segundo Thompson, é a experiência que permite superar a dicotomia entre estrutura e processo histórico, assim como romper com a supremacia da determinação econômica. A partir da experiência é possível compreender como os sujeitos elaboram e reelaboram seus modos de viver juntamente com seus valores. Assim, compartilhando desta perspectiva é que compreendo que é a partir de como as pessoas vivem suas experiências que as transformações vão sendo engendradas e não simplesmente devido a uma estrutura econômica que determinaria o viver dos sujeitos sociais (Cf.: THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, v. 1; 2001, v. 2; 2002, v. 3).

⁹ Cf: KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro et. al. (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho d'Água, 2000, p. 116-138.

traduzir, de imprimir significados sobre o trabalho vivido por meio de suas itinerâncias em diversas cidades e países¹⁰.

Com este objetivo iniciei a produção de entrevistas com trabalhadores latinos que foram realizadas, em sua maioria, na Praça Tubal Vilela durante seus horários de trabalho. As entrevistas e nossas conversas aconteciam entre o atendimento a um cliente ou outro, enquanto produziam algum artesanato, embora algumas dessas entrevistas tenham sido também realizadas em suas casas.

Como critério de seleção para a produção das fontes orais, optei por entrevistar apenas os trabalhadores latinos que trabalhassem nas ruas da cidade de Uberlândia, o que me conduziu a trabalhadores que estavam em sua maioria de forma “ilegal”¹¹ no Brasil.

Ao longo da pesquisa compreendi que esta “ilegalidade” recai sobre estes trabalhadores por serem considerados pelo Estado Brasileiro como “estrangeiros”. Porém, suas narrativas evidenciaram que esta “rotulação” não lhes diz muito, já que a partir do lugar social que ocupam passam a se reconhecer também como cidadãos na sociedade brasileira e se dispõem a lutar por seus direitos. Todavia, isso não significa que a sociedade os reconheça como cidadãos, o que os leva à necessidade de criar uma série de estratégias para viver no Brasil.

Esta situação é principalmente delimitada pela lei, o que dificulta a vida desses sujeitos em solo brasileiro¹². O problema de estar com a documentação irregular

¹⁰ Também foram muito importantes para a realização deste trabalho e a reflexão sobre os usos das fontes orais as oficinas de História Oral coordenadas pelo Prof. Dr. Paulo Roberto de Almeida durante o ano de 2006, assim como o Seminário Interinstitucional “Caminhos da História Social: diálogos sobre memórias, fontes orais e perspectivas de investigação” realizado no primeiro semestre de 2007 e que contou para seu encerramento com a presença do Prof. Alessandro Portelli da Universidade Sapienza – Roma, Itália.

¹¹ A ilegalidade ocorre quando não há a regulamentação dos documentos após o vencimento do visto. Esta situação conduz então à clandestinidade, não porque estejam fora da lei, no sentido de serem contrários a ela, mas sim porque são excluídos dessa lei que lhes nega a participação na sociedade brasileira como cidadãos legítimos.

¹² As leis que regem a migração no Brasil foram editadas em um período histórico marcado pelo autoritarismo. Aprovado o Estatuto do Estrangeiro em 1980, foi sancionado em 1981. Suas determinações condizem mais com o regime de exceção pelo qual o Brasil havia passado do que com o momento de abertura política que estava sendo iniciado. Desta forma, o que prevaleceu neste Estatuto foi o caráter autoritário, onde a segurança nacional deveria prevalecer, o que fez com que todo estrangeiro fosse visto como subversivo prestes a colocar em perigo a sociedade brasileira. Visto como um recurso que proporcionaria segurança ao trabalhador brasileiro, o Estatuto do Estrangeiro constituiu-se em um instrumento de controle e punição aos migrantes, no entanto, ao ser criado no início dos anos de 1980, período ainda marcado pela Ditadura Militar, abria espaço para que entrassem no país todos aqueles considerados oportunos para alguns setores técnicos com um nítido apoio ao capital privado, facilitando assim a entrada de mão-de-obra especializada e em muitos casos barata. O Estatuto do Estrangeiro nasceu de uma necessidade daquele momento histórico de barrar a entrada de elementos considerados subversivos. Desta forma, os mais prejudicados com este Estatuto foram certamente os refugiados de países latino-americanos que passavam também em seus países por uma ditadura militar e viram

aparece nas entrevistas como uma tensão constante em suas vidas e a possibilidade, mesmo que isso nunca chegue a acontecer, de serem extraditados do Brasil. Por isso, durante as entrevistas, esses sujeitos sempre buscaram mostrar que são pessoas corretas e trabalhadoras e não marginais, pois ter problemas com a polícia pode levar a uma saída forçada do país.

Em algumas conversas quando o gravador estava desligado, o que os fazia se sentir mais à vontade, ao lhes perguntar sobre os problemas e dificuldades enfrentadas alguns afirmavam não haver problema algum, já que “graças a Deus” nunca tiveram conflito com a polícia.

Acredito que, ligada a esta tensão vivida, estão algumas dificuldades que tive para a produção das fontes orais. Esses obstáculos apareceram, sobretudo, quando os entrevistados perguntavam sobre a finalidade da pesquisa e quando eu lhes perguntava se poderia gravar suas falas. Muitos nunca aceitaram terem suas narrativas gravadas, outros, mesmo concedendo a entrevista, perguntavam ainda durante a gravação se aquilo não era para os fiscais ou para a polícia.

A meu ver é importante destacar este fato, uma vez que traz consigo a situação de “ilegalidade”, problemática que tangenciou toda a pesquisa. Devido a esta situação foram poucos os que se prontificaram a gravar entrevistas. No entanto, compreendo que isto não invalida a representatividade das narrativas gravadas, uma vez que elas expressam um campo comum e compartilhado de sujeitos que vivenciam as experiências que estou interpretando neste trabalho¹³.

aumentadas as dificuldades de se manter no Brasil, uma vez que a segurança contra estrangeiros foi reforçada através de uma maior fiscalização. Nesse sentido, sendo tal instrumento fruto de um período sem democracia está em discordância com a Constituição de 1988, uma vez que o Estatuto vigente até nossos dias, salvo poucas modificações, prioriza a segurança nacional, os interesses políticos, socioeconômicos e culturais do Brasil, colocando-se em defesa do trabalhador brasileiro (Estatuto do Estrangeiro, artigo 2º, “Da aplicação”). Em oposição, a Constituição Nacional de 1988 declara a cidadania e a dignidade da pessoa humana como seu fundamento, sendo seus objetivos promover o bem estar de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação. Segundo a Constituição de 1988, a República Federativa do Brasil deve buscar “a integração econômica, política, social e cultural dos povos da América Latina, visando à formação de uma comunidade latino-americana de nações” (Constituição Brasileira, artigos 1º, 3º e 4º).

¹³ Foi fundamental para a reflexão acerca da pesquisa com fontes orais os textos de Alessandro Portelli. Aqui destaco em especial o texto “A filosofia e os fatos”, onde Portelli analisa as possibilidades que podem ser abertas pelas narrativas. Segundo o autor: “No plano textual, a representatividade das fontes orais e das memórias se mede pela capacidade de abrir e delinear o campo das possibilidades expressivas. No plano dos conteúdos, mede-se não tanto pela reconstrução da experiência concreta, mas pelo delinear da esfera subjetiva da experiência imaginável: não tanto o que aconteceu materialmente com as pessoas, mas o que as pessoas sabem ou imaginam que possa suceder. E é o complexo horizonte das possibilidades o que constrói o âmbito de uma subjetividade socialmente compartilhada” (1996, p. 70). Isso significa que a representatividade não está no número das narrativas produzidas, nem nos acontecimentos históricos que estas fontes podem conter, mas na exceção e nas possibilidades de refletir sobre um campo

Junto a esta dificuldade se fez presente, durante as entrevistas, certa censura na fala desses sujeitos. Percebi esta censura como uma tensão que expressa angústias e medos, o que me conduziu a tentar compreender os motivos que os fizeram deixar seus países de origem. Embora esses motivos tenham firmado a busca por melhores condições de vida, surgiram também outras motivações que, se em um primeiro momento me pareceram um tanto utópicas, depois, ao longo da pesquisa, fizeram sentido a partir do momento em que compreendi que as necessidades também incluem sonhos, desejos e esperanças que aparecem junto com suas necessidades econômicas. Diante disso chamou a atenção a produção por esses sujeitos dos espaços da cidade como espaços também de trabalho.

Em seus enredos emergiam diferenças e tensões que compõem a vida da cidade, marcada pela diversidade de pessoas e pelas desigualdades sociais. Fiquei interessada em compreender as diferenças constituídas nas relações entre os trabalhadores latinos e os “outros” trabalhadores brasileiros para refletir sobre a forma como essas diferenças são pensadas e vividas na maneira como criam estratégias para trabalhar na Praça Tubal Vilela.

Assim, também dialoguei com trabalhadores brasileiros que dividem os mesmos espaços da cidade, com os quais as entrevistas possibilitaram perceber como os latinos compartilham experiências com os demais trabalhadores que estão na mesma situação que eles com o diferencial de não serem considerados pelo Estado brasileiro como estrangeiros.

Ao aprofundar este tema refleti sobre as disputas pelo modo de organizarem-se neste espaço de relações conflituosas e sobre as estratégias que forjam nestas relações: eles e os trabalhadores brasileiros; eles e os poderes instituídos na cidade.

Nessa direção, considerei interessante produzir também fotografias que focassem as diferentes produções e significações dadas àquele espaço que expressam também necessidades e desigualdades da vida na cidade.

Com esse objetivo produzi algumas fotografias com a intenção de trazer para o texto as percepções que tive durante os momentos que fiquei na Praça Tubal Vilela e nas ruas centrais da cidade, as quais traduzem minhas impressões sobre este espaço e a presença dos trabalhadores nele. A intenção foi mostrar os muitos e diferentes

compartilhado de experiências que, mesmo que não seja experimentado diretamente por estes sujeitos, está em seu horizonte delimitando suas escolhas (PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos; narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996).

significados atribuídos a este espaço, em especial da praça, nos atos de transformá-la em um lugar de trabalho, onde é travada todos os dias a luta pelo direito por pertencer à cidade¹⁴.

Além das disputas acerca do direito às diferentes formas de estar nesses espaços, percebi que era constante em suas narrativas a busca por “explicar” quem são eles, o que foi interpretado por mim como a expressão de tensões vividas, na maneira como falam das práticas de coerção dos fiscais, da polícia e das estratégias criadas para poderem trabalhar nesses locais.

Verifiquei que, se por um lado nas narrativas identifiquei todo o empenho dos trabalhadores latinos em se mostrarem honestos e compromissados com seus trabalhos, de certa maneira estas atitudes revelaram um campo de disputas, ao qual estas pessoas em seus enredos faziam implícita ou explicitamente referência. Assim, percebendo essa tensão procurei em outros registros como esses sujeitos e seus trabalhos aparecem pela ótica de diferentes agentes, para então identificar outros protagonistas dessa trama.

A partir disso, optei por analisar juntamente com suas narrativas o jornal Correio de Uberlândia¹⁵ no período que compreende 1993 a 2006, uma vez que a vinda desses sujeitos foi demarcada em sua maioria neste período. Neste periódico encontrei notícias nos cadernos “Policial” e “Cidades” e nas “Manchetes” o que fez perceber quais lugares eram aqueles que o jornal imprimia o sentido de que estes trabalhadores estavam fora do lugar. Nessas páginas os trabalhadores latinos apareciam identificados como migrantes, isto é, associados a imagens que os colocam como sendo os de fora, sempre tratados como forasteiros, não-cidadãos ou marginais.

Refletir sobre esses não-lugares tornou-se interessante à medida que foi possível perceber que, se por um lado os trabalhadores das ruas e praças da cidade de Uberlândia são apresentados como informais e há a tentativa de mostrar a necessidade de que a lei

¹⁴ Pesquisas que refletem essa abordagem: CALVO, Célia Rocha. **Muitas memórias e histórias de uma cidade**: experiências e lembranças de viveres urbanos. Uberlândia 1938-1990. São Paulo, PUC/SP, NUPHECIT, mai. 2001. (mimeo); BATISTA, Sheille Soares de Freitas. **Buscando a cidade e construindo viveres**. Relações entre campo e cidade. Uberlândia, UFU, 2003. (mimeo); MADEIROS, E. Antunes. **Trabalhadores e viveres urbanos**: trajetórias e disputas na conformação da cidade. Uberlândia – 1970-2001. Uberlândia, UFU, 2002. (mimeo); MORAIS, Sérgio Paulo. **Trabalho e cidade**. Trajetórias e vivências de carroceiros na cidade de Uberlândia. 1970-2000. Uberlândia, UFU, 2002. (mimeo); SANTANA, Leonardo Henrique. **“1988 Uberlândia fez 100 anos”**. Uma leitura da cidade aniversariante nos cadernos do jornal Correio de Uberlândia. Monografia (Graduação em História). Uberlândia: CDHIS, 2007 (mimeo).

¹⁵ Periódico pertencente ao Grupo Algar, foi criado em 1938 com o nome Correio do Triângulo. A partir de 1991 passou a se chamar Jornal Correio, e em 1995, Jornal Correio de Uberlândia. É o periódico de maior circulação na cidade atingindo até mesmo algumas escolas que recebem o jornal gratuitamente. Encontra-se arquivado e organizado no Arquivo Público Municipal da cidade de Uberlândia, sendo de fácil acesso a todos os que têm interesse de pesquisá-lo.

seja cumprida para que as ruas se tornem livres de barracas, de vendedores de frutas e de “artigos inusitados”, por outro, permitiu pensar também as resistências e as lutas para permanecerem nele. Refletir sobre esses atos foi importante para pensar as tensões que estão sendo vividas e as estratégias criadas a cada dia pelos trabalhadores que se negam a sair dos espaços da cidade que lhes está sendo proibido.

Por meio das notícias do jornal tornou-se possível refletir sobre as lutas pelo lugar, os conflitos e as tensões de classes que são quotidianos na vida destes trabalhadores; permitiu problematizar não apenas as dificuldades particulares de cada entrevistado, mas de modo mais amplo as disputas de poder e as estratégias criadas nestas disputas pelo direito à cidade. Busquei perceber como as imagens de uma cidade – próspera, desenvolvida, um verdadeiro chamariz para “migrantes” – imputavam ações que buscavam colocar esses trabalhadores como forasteiros, gente que não era da cidade. Nesse sentido, tornou-se interessante problematizar também o processo de construção desta imagem de migrantes/forasteiros e suas implicações na produção social da memória sobre esses sujeitos na cidade.

Assim, tendo em vista as possibilidades de abordagens que foram abertas na pesquisa com o jornal, busquei, ao analisá-lo, ler seus silêncios, seus posicionamentos e os interesses que estão em jogo. A busca por esses indícios permeou toda a pesquisa. Quando por exemplo no Arquivo Municipal da cidade de Uberlândia, uma uberlandense que, ao ser informada que minha pesquisa tratava sobre “migrantes”, logo iniciou uma fala sobre como Uberlândia se desenvolveu e atraiu milhares de pessoas. Segundo esta senhora, a cidade cheia desses “migrantes” tornou-se mais perigosa, pois, como não há trabalho para todos, as ruas se enchem de mendigos, marginais ou ambulantes que de certa forma “poluem” a imagem desejada para a cidade.

O que pude perceber na prática foi aquilo que estava encontrando nas páginas do jornal Correio de Uberlândia, o que aparecia também como tensão nas narrativas, uma imagem pejorativa construída sobre estes sujeitos identificando-os de forma depreciativa como mendigos ou marginais.

O referido jornal, dando ênfase à imagem negativa que atribui a estes sujeitos, busca também construir visualmente por meio das fotografias a evidência de que os trabalhadores que ocupam os espaços da cidade são infratores. Estas imagens por sua vez não são produzidas de forma isolada, mas se fazem presentes nas páginas deste jornal como forma de reforçar as idéias difundidas pelo grupo que o compõe por meio de suas reportagens. Essas matérias, presentes muitas vezes nas páginas policiais, ao

vincular esses sujeitos à marginalidade, busca anular ao mesmo tempo seus direitos à cidade. Nessa direção, refleti sobre as fotografias produzidas e publicadas pelo jornal Correio de Uberlândia como uma forma de problematizar as disputas pela produção dos espaços da cidade. Para isso optei por manter as legendas que acompanham as fotografias e que indicam a orientação de leitura buscada por este periódico¹⁶.

Nas cenas focadas por este jornal os diferentes significados são apagados na tentativa de silenciar a diversidade e as diferenças sociais. Representando os interesses dos grupos que detém o poder econômico na cidade este jornal elege alguns espaços como representativos da memória deste grupo que se quer hegemônico e expropria desses espaços os trabalhadores, negando-lhes o direito a estarem ali e indicando ao mesmo tempo quais os lugares que estes devem ocupar na cidade.

No entanto, apesar dessa tentativa por parte desse periódico de apagar a presença dos trabalhadores, ao longo da pesquisa percebi que na Praça Tubal Vilela são presentificados diversos modos de relações nas múltiplas formas que as pessoas utilizam este espaço constituindo seus territórios, o que permite pensar na distância existente entre a história firmada pelos grupos dominantes, as imagens produzidas pelo jornal e as formas que as pessoas possuem de se reconhecer pertencentes à cidade. Nesta praça são estabelecidas relações que delimitam o lugar na consciência de pertencimento das pessoas, na maneira como se requerem cidadãos.

A imagem de marginal que é construída socialmente sobre esses trabalhadores é um problema vivido quotidianamente por eles e se evidenciou também em suas narrativas nas maneiras como buscaram romper com “estigmas” que pesam sobre eles devido ao modo diferenciado de viver e trabalhar, assim como quando buscavam delimitar seu espaço como lugar de direito.

Diante desses modos de ver esses trabalhadores, percebi que seria importante analisá-los já que buscam explicar quem são eles, colocando-os em um lugar na sociedade. Compreendendo que nossos interesses e escolhas são profundamente marcados pelos interesses e pelos valores da classe à qual pertencemos, busquei

¹⁶ Para a reflexão sobre os usos das fotografias, assim como o dos jornais constitui-se como obra de fundamental importância a tese de doutorado “Famintos do Ceará – imprensa e fotografia entre o final do século XIX e o início do século XX” da Profa. Marta Emília Jacinto Barbosa. Ao analisar a construção de uma memória sobre a fome, a autora permite refletir sobre a utilização de jornais e fotografias. A partir desse trabalho pude compreender melhor a necessidade de problematização dessas fontes que, ao contrário do que muitos pensam, não são neutras nem objetivas, como os demais documentos carregam nelas as marcas deixadas por quem as produziram, suas intenções e interesses.

problematizar qual o sentido desses modos de ver e das fronteiras sociais construídas nas relações de dominação experimentadas diariamente¹⁷.

Assim, para entender as imagens construídas sobre esses trabalhadores, minha proposta foi refletir os significados que os próprios trabalhadores constroem socialmente, seja no modo como narram os motivos para suas itinerâncias, e as experiências de saírem de seus países, seja nas estratégias construídas para trabalhar, permanecer em Uberlândia ou ir para outras cidades brasileiras. Por meio da pesquisa foi possível apreender a imagem que se projeta sobre esses trabalhadores e a imagem que eles mesmos construíram na relação com a pesquisadora no momento da produção das entrevistas falando dos seus modos de viver, culturas e experiências.

Com o intuito de compreender melhor as tensões que esses trabalhadores vivem na luta por seus direitos a trabalhar e a ter um espaço, procurei uma outra visão sobre eles que não aquela dos jornais, o que me levou a compreender como se dão as relações por eles estabelecidas com outros sujeitos que compõem os espaços das cidades por onde passam e trabalham.

Assim, interessada em produzir um trabalho forjado por diversas vozes e compreender como esses sujeitos se relacionam e são vistos pelos demais moradores da cidade, realizei entrevistas com pessoas que vivem em Uberlândia e que, de uma forma ou de outra, passam pelo centro da cidade e acabam entrando em contato com esses trabalhadores.

Esses entrevistados eram no geral também trabalhadores. Assim, embora realizassem outros tipos de trabalho como auxiliar de serviços gerais, sacoleira, etc., suas narrativas possibilitaram a percepção de que o trabalho realizado nos espaços da cidade é considerado um meio legítimo de ganhar a vida, mostrando assim uma outra forma de ver as práticas dos trabalhadores latinos e que se distancia das visões do jornal Correio de Uberlândia e do posicionamento da Prefeitura Municipal.

Além desse intercruzamento constante com a situação de trabalhadores brasileiros e as visões que estes possuem sobre as produções e modos de trabalhar dos

¹⁷ Concordando com Richard Hoggart, percebo também que as fronteiras sociais são delimitadas pelo modo como as diferenças sociais e culturais se constituem no enredo das relações vividas pelos sujeitos. “Nós” e “eles” se constituem na vivência do processo, na maneira como nos requeremos diferentes ou iguais. Assim, a criação de mundos distintos – mas que se relacionam de forma permanente e conflituosa – está presente nas práticas sociais e nas maneiras de viver as relações de dominação. É a partir do lugar social que ocupamos que travamos nossas relações e fazemos nossas escolhas (Cf.: HOGGART, Richard. Quem são as classes trabalhadoras?; “Nós” e “eles”. In: _____. **As utilizações da cultura**; aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Presença, 1973. cap. 1, p. 15-31; cap. 3, p. 87-122).

latinos, busquei salientar ao longo do texto também as tensões e diferenciações que vão sendo delimitadas nas vivências desses sujeitos.

Isto ficou mais claro ao aprofundar as reflexões sobre as produções dos trabalhadores latinos. Por meio delas e de seus modos de trabalhar foi possível compreender a forma como significam e atribuem valor ao trabalho que produzem. Ao conceberem suas produções como criações artísticas esses trabalhadores estabelecem uma distância entre seus modos de trabalhar e o daqueles que eles próprios classificam como camelôs, criando assim uma diferenciação entre estes segmentos.

Os enredos construídos por estes trabalhadores permitem pensar as diferentes nuances da classe trabalhadora, uma vez que ali na praça todos podem ser trabalhadores, no entanto algumas experiências ocorrem de forma diversificada¹⁸. Deste modo, torna-se possível pensar essa classe como não homogênea e, portanto, não pode ser compreendida apenas por meio de teorias, pois distanciada da realidade vivida pelos trabalhadores, pode nos conduzir a uma universalização e ao apagamento das diferenças existentes¹⁹.

Isto fez com que eu reconsiderasse algumas de minhas questões e passasse a me preocupar mais em desenvolver uma pesquisa que não apenas apontasse diferenças, mas que fosse capaz de compreender estas diferenças a partir das relações de classes que as fontes estavam indicando. Ou seja, as relações que esses trabalhadores estabelecem com a classe dominante – assim como as estabelecidas dentro de seu grupo –, como estes sujeitos resistem, bem como se conformam nas relações.

Nessa direção, aliando a pesquisa às leituras realizadas nas disciplinas do mestrado²⁰ comecei a perceber que as tensões e confrontos vividos não podem ser mais pensados apenas a partir de organizações políticas, mas em seu cotidiano, em suas experiências de exploração e dominação, assim como na luta e resistência que se dá no

¹⁸ Para falar de classe trabalhadora me referencio em E. P. Thompson, em especial quando na introdução à sua obra **A formação da classe operária inglesa** diz: “Por classe, entendo um fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência. Ressalto que é um fenômeno histórico. Não vejo classe como uma ‘estrutura’, nem mesmo como uma ‘categoria’, mas como algo que ocorre efetivamente (e cuja ocorrência pode ser demonstrada) nas relações humanas” (THOMPSON, 1997, p. 9). É nesse sentido que compreendo ser necessário refletir sobre a classe trabalhadora em seu fazer-se, a partir das experiências vividas na relação com outros sujeitos sociais. Assim se faz possível percebê-la como fluída, impossível de ser congelada ou de ser compreendida fora das relações.

¹⁹ Cf: HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura 1**. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Editorial Presença, 1973. v. I.

²⁰ Foram fundamentais a leitura de autores que traduzem a perspectiva da História Social: E. P. Thompson; Raymond Williams; Stuart Hall; Richard Hoggart; Yara Aun Khoury; Déa Ribeiro Fenelon, entre outros. Suas obras – listadas na bibliografia final – auxiliaram a reflexão sobre a temática escolhida, ao despertar questões e instigar um novo olhar que busca colocar em foco as dissidências.

dia-a-dia. Concordando com Déa Ribeiro Fenelon, percebo que há a necessidade de redirecionar as perspectivas de investigação:

[...] ampliando novas maneiras de apreensão da realidade econômica do poder político e, portanto, o alargamento da visão sobre o vínculo entre a exploração e a dominação, para poder também ampliar a compreensão de que outros movimentos sociais e populares, possam se constituir em alternativas possíveis no caminho da construção de um contra-poder popular. Isto não significa excluir ou recusar o movimento operário como tal, mas significa reconhecer no social uma diversidade mais ampla [...]. Significa também a disposição de examinar as lutas reais dos trabalhadores, seu conteúdo, sua direção, isto é, as lutas dos trabalhadores e não apenas as de suas organizações oficiais.²¹

Nessa direção, ao dizer que esses sujeitos são portadores de uma experiência que é da classe trabalhadora, cabe ressaltar que procurei não pensar esta classe de forma fixa, uma vez que os sujeitos buscam articulações. Para isso, foi importante compreender as identificações que esses trabalhadores constroem, o modo como se fazem na experiência social, para então entender o que é esta classe à qual estou me referindo, uma vez que não é um bloco homogêneo, mas é demarcada por diferenças. Concordando com E. P. Thompson compreendo que,

[...] classe não é, como gostariam alguns sociólogos, uma categoria estática: tais e tais pessoas situadas nesta e naquela relação com os meios de produção, mensuráveis em termos positivistas e quantitativos. Classe, na tradição marxista, é (ou deve ser) uma categoria histórica descritiva de pessoas numa relação no decurso do tempo e das maneiras pelas quais se tornam conscientes de suas relações, como se separa, unem, entram em conflito, formam instituições e transmitem valores de modo classista.²²

Na tentativa de direcionar minha pesquisa por meio da tradição marxista, compreendi que é por meio do trabalho que estes sujeitos criam laços e relações de pertencimento com a cidade. Esta percepção me levou então a focar o trabalho que realizam e as relações que constituem por meio dele como a forma que possibilita viverem suas vidas de modo itinerante. Colocando-se aí, então, as estratégias, resistências, e algumas vezes também, acomodações que permitem suas andanças assim como suas permanências nas cidades brasileiras.

²¹ FENELON, Déa Ribeiro. Trabalho, Cultura e História Social: perspectivas de investigação. **Revista Projeto História**. São Paulo, EDUC, n. 4, junho de 1985, p. 24.

²² THOMPSON, E. P. Folclore, Antropologia e História Social. In: **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos**. Campinas: Editora UNICAMP, 2007, p. 260.

Buscando compreendê-los a partir de como se apresentavam durante nossas conversas e entrevistas e instigada por questionamentos gerados a partir de discussões nas aulas do mestrado foi possível romper com conceitos como “migrantes” ou “retirantes”, conceitos que, afinal, expressam relações dadas sem que os próprios sujeitos se reconheçam nelas. É enquanto trabalhadores que esses sujeitos deslocam-se e, em suas andanças, vão transformando o mapa social, criando uma geografia diferenciada, pautada em itinerâncias.

Isto significou deixar de lado alguns dos supostos recorrentes sobre esse tema que estavam arraigados naquilo que nos é apresentado quotidianamente pelos meios de comunicação²³ e pela história tida como oficial que perpetua este tipo de conceito. No entanto, ao longo de minha pesquisa não desconsiderei a situação de itinerância na qual vivem – situação que passou a ser compreendida como um modo de viver desses sujeitos – mas procurei compreendê-la como um movimento na busca por alternativas para suas vidas, uma vez que estas pessoas são sujeitos e não vítimas da sociedade em que vivem.

Além de colocar o problema de como são vistos socialmente, acredito que o mais importante a ser destacado é que, ao falarem sobre este problema, estes sujeitos me conduziram a refletir sobre uma possível identidade nacional. Ao chegar neste ponto ficou claro, ao analisar seus enredos, que atributos exteriores impostos a eles como símbolos de suas nacionalidades não lhes significam nada, uma vez que suas identificações e sentidos de pertencimento apenas possuem significados quando construídos nas relações que travam por meio do trabalho, dos amigos, dos vizinhos, etc.

Nesta direção, ao refletir sobre quem são estes sujeitos históricos, percebi como o conceito de identidade nacional era problemático, embora esteja presente no debate historiográfico que busca através de um conjunto de atributos estabelecer o que é ser argentino, uruaio, peruano, brasileiro, etc.

Estes atributos, construídos ao longo do processo de constituição das nações, foram, e continuam sendo, utilizados para explicar o que significa pertencer a este ou

²³ O que aqui estou chamando de meios de comunicação inclui o jornal Folha de São Paulo, periódico onde realizei um levantamento por meio de um banco de dados digitalizado do próprio grupo Folha sobre como o tema da migração aparecia em suas reportagens durante o período de 1995 a 2005. Inclui também a mídia televisiva, principalmente a Rede Globo de Televisão que produziu uma série de reportagens chamada “Fronteiras” que foi ao ar entre os dias 28/05/2007 e 31/05/2007 que possibilitou aprofundar ainda mais a reflexão sobre a imagem construída socialmente em torno desses sujeitos.

àquele país, o que leva a homogeneizar culturas dissidentes e excluir todos aqueles que não se encaixam a tais atributos²⁴.

Pude constatar de forma mais clara como se dá a construção desse tipo de interpretação ao ler a dissertação de mestrado sobre a imigração argentina em São Paulo de Luis Esteban Dominguez²⁵. Nela o autor retoma os atributos que definem a argentinidade como o futebol, o tango e a literatura de Jorge Luís Borges. Apesar de chamar a atenção para o fato da existência na Argentina de diferentes culturas, como por exemplo, a dos povos indígenas, o autor continua a reproduzir uma noção de identidade que delimita o que é ser argentino, o que o faz deixar de lado aqueles que não se identificam nesta definição²⁶.

A identidade firmada nos parâmetros políticos e geográficos de um Estado não é a preocupação desses sujeitos. Na realidade o conceito fechado que nós pesquisadores às vezes buscamos encontrar pode ser completamente rechaçado quando conseguimos perceber e compreender como estas pessoas buscam ser cidadãos em outros países, independente de suas origens.

Partindo da perspectiva da História Social, ao analisar os enredos dos trabalhadores, não pretendi vitimá-los e desqualificá-los, mas compreendê-los dentro de sua lógica de vida. Para isso busquei entender suas escolhas, valores, práticas, relações estabelecidas e como disputam também o direito a uma forma diferente de conceber os seus viveres, as suas andanças e/ou itinerâncias.

Nesse sentido, a luta política que é travada por meio deste fazer historiográfico está em modificar não o que já aconteceu, mas a forma como esses trabalhadores são vistos socialmente, ao mesmo tempo em que constituem seus próprios olhares sobre os “outros” ao colocar em pauta uma reflexão que gira em torno de disputas de valores, de modos de viver em itinerâncias ou de permanências.

Cabe ainda ressaltar que percebo que as fontes na pesquisa em história não devem ser vistas como uma tradução de verdades inquestionáveis. Elas são produções que possuem um determinado objetivo, pois são expressões de práticas sociais e relações de poderes, por tanto, mesmo que possam aparentar, à primeira vista, uma

²⁴ Cf: CUNHA, M. Clementina P. Nação, um lugar comum. In: MACIEL, Laura A.; SIMÕES, Júlio A. (Org.). **Pátria amada esquartejada**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 29-43.

²⁵ Cf: DOMINGUEZ, Luis Esteban. **Imigração argentina em São Paulo - 1970-1983**: resignificando identidades. 2004. Dissertação (Mestrado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

²⁶ Cf: CHAUÍ, Marilena. Eric Hobsbawm e a invenção do Estado-Nação. In: **Cidadania cultural**. O direito à cultura. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

versão naturalizada, devem ser analisadas como um espaço de tensão, onde interesses opostos disputam um lugar na sociedade²⁷.

Isto significa que as problemáticas de estudos não são fatos dados, mas estão em constante formação, pois lidamos com um processo em construção. Desta forma, ao escrever este texto não tive a pretensão de realizar uma interpretação universal oferecendo uma resposta acabada, mas sim, no campo limitado da minha pesquisa, tentei suscitar inquietações e reflexões sobre o tema analisado, rompendo com uma historiografia que apenas se propõe a descrever certezas e que deixa de lado as disputas e tensões na vida social.

Tendo como perspectiva a História Social acredito que a produção historiográfica não pode mais continuar a buscar uma verdade universal, nos moldes positivistas. Não podemos descartar o fato de que o conhecimento produzido pelo historiador possui historicidade. Somos nós que escolhemos as fontes, narradores e narrativas. Portanto, as escolhas somos nós historiadores que fazemos em torno daquilo que queremos problematizar, sendo estas escolhas a posição política que assumimos²⁸.

A partir do caminho percorrido durante a pesquisa e das possibilidades de análise sobre esta temática, considerei interessante organizar minha dissertação em três capítulos.

No primeiro capítulo discuto quem são esses sujeitos que estão dando a base para minha pesquisa. A intenção não é de apenas demarcar suas nacionalidades, mas perceber os processos identificatórios que os levam a se reconhecerem enquanto um grupo. Também analiso como se relacionam, com quem se relacionam e os espaços que ocupam como um local de trabalho, como o lugar de uma dinâmica social complexa.

No segundo capítulo o foco está nas redes de solidariedade que estes trabalhadores constroem para viver em itinerância e que lhes permitem criar estratégias para viver na “ilegalidade”. Partindo de suas narrativas investigo as relações construídas, o trabalho que realizam nos espaços da cidade e como se tornam sujeitos nas relações que constituem neste espaço durante o tempo de permanência na cidade. Neste momento são analisadas também as estratégias, as tensões e as relações que constroem para estar naquele local e realizar seus trabalhos.

²⁷ Cf: VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo et. al. **Pesquisa em história**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

²⁸ FENELON, Déa Ribeiro. Reflexões. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA, 2007, Uberlândia. Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História, Linha Trabalho e Movimentos Sociais, jun. 2007.

O terceiro capítulo tornou-se o espaço para refletir sobre a produção artesanal de seus trabalhos enquanto uma alternativa que impulsiona seus modos de viver itinerante. Problematizei a produção de seus trabalhos dando ênfase a suas andanças na busca de constituição de um público o que também possibilitou compreender seus atos neste processo de transnacionalização da cultura, a maneira como eles se fazem trabalhadores num modo de viver em itinerâncias.

CAPÍTULO I

Em busca de trabalho, para além das fronteiras...

*“¡Viva la libertad de nuestros países!
Porque no puede ser extranjero:
el hermano que vive en un país hermano,
que nació bajo las mismas
circunstancias e historia.”*

(Nestor Danilo Otero – salvadoreño)

Este capítulo tem como proposta refletir sobre questões que por muito tempo me incomodaram. São questões que chamam a atenção quando vejo noticiários de televisão ou reportagens de jornal, quando leio textos historiográficos ou mesmo poesias como a de Nestor Danilo Otero que me levam a indagar: será que ao definirmos nossos países podemos mesmo nos definir como cidadãos? Será mesmo imprescindível retomarmos lugares de origem e a partir daí definirmos modos de ser e viver?

Essas são questões que me tocam principalmente quando pergunto a uma pessoa que vive sua vida de forma itinerante para que defina seu pertencimento. Na tentativa de mais uma vez encaixá-la em um determinado lugar, a resposta se dá de forma simples: “[...] *no sou uruguaio, nem brasileiro, nem nenhuma cosa, eu sou um ser humano...*”²⁹.

Como fechar os olhos a uma resposta que desestrutura minhas certezas e continuar trabalhando com conceitos fechados? Como não perceber aquilo que se apresentava diante de meus olhos? Essas são perguntas que apareceram durante a pesquisa e que orientaram meu olhar sobre as vivências de trabalhadores latino-americanos com os quais dialoguei e que agora apresento a você leitor.

Ao caminhar por Uberlândia, principalmente por sua região central, pude perceber a presença de uma grande diversidade de pessoas que para cá vieram por diferentes motivos. É na Praça Tubal Vilela – ponto central da cidade e referência para a maioria dos que vivem nela – um dos locais onde encontrei esta multiplicidade de pessoas e percebi de forma mais clara os contrastes sociais existentes.

²⁹ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

Palco de diversas manifestações culturais e políticas, é nesta praça que mundos diferentes se encontram em uma relação desigual de poder³⁰ fortemente marcada pela presença constante de policiais e de fiscais da Prefeitura Municipal que buscam garantir a “organização” desse espaço. Neste local é travada a batalha cotidiana pelo direito ao trabalho, ao lazer, à diferença, à cidadania³¹. Por meio da diversidade ali presente é possível perceber as diferentes maneiras de disputar o espaço social da cidade.

Nas idas e vindas a esta praça percebi que a presença de trabalhadores latinos (não-brasileiros) é um dos modos possíveis de identificar as tensões, a batalha cotidiana pelo viver e os diferentes usos que são requeridos nas relações que constituem os espaços da cidade³².

Interessada nas marcas construídas nas vivências desses trabalhadores latinos na maneira como registram suas diferenças, perguntei durante uma entrevista ao Sr. Marcelo Rodriguez, uruguaio de 52 anos, artesão que trabalha na Praça Tubal Vilela, se havia amizade entre as pessoas que também ali trabalham, e ele disse:

Não, não. Eu vou te falar, aqui, é, na praça, em geral a relação é de companheiro de trabalho só. Não dá pra muito mais. [...] Mas isso já é muito bom porque na rua você o máximo que pode esperar da rua, así, quando a

³⁰ Antônio A. Arantes discute diferentes questões relacionadas ao espaço público conduzindo à reflexão de como se estrutura o espaço social enquanto “um espaço limiar”, onde diversos mundos estão em guerra, onde fronteiras sociais e espaciais são rompidas e recriadas constantemente separando práticas sociais e visões de mundo antagônicas. Um espaço que se torna híbrido devido às inúmeras categorias sociais que nele imprimem seus modos de viver, tornando-se visíveis por meio das práticas e relações que tratavam no espaço que ocupam. Ver: ARANTES, Antônio A. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

³¹ Sobre o tema cidadania foi fundamental a leitura do livro de Antônio A. Arantes, acima citado, em especial o capítulo “Desigualdade e diferença. Cultura e cidadania em tempos de globalização”, onde Arantes destaca dois aspectos que, segundo o autor, envolvem o tema cidadania: o sentimento de pertencer, de sentir-se parte de uma coletividade e o de possuir uma localização no mapa social, ter sua posição social legitimada situando-se em um espaço físico compartilhado. Segundo Arantes “estes dois atributos – *estar situado em* e *pertencer a* – são dimensões constitutivas (relacionadas, mas distintas) da condição de cidadão, pois ‘pertencimento’ significa, em termos amplos, fazer parte do que a coletividade reconhece como um de *nós* ou – como se diz coloquialmente – do que se considera ‘gente como a gente’.” (ARANTES, 2000, p. 133).

³² A opção por trabalhar nesta pesquisa os espaços da cidade enquanto constituídos por relações sociais vem principalmente das discussões realizadas na disciplina Estudos Alternativos em Trabalho e Movimentos Sociais ministrada pela Profa. Dra. Célia Rocha Calvo em que o foco das reflexões realizadas foi a cidade enquanto uma categoria prática e do fazer histórico e social. É importante destacar também a contribuição do texto “Cidades” da historiadora Déa Ribeiro Fenelon, principalmente ao dizer: “[...] são as relações sociais desenvolvidas na cidade que, em última análise, acabam por definir a paisagem urbana, a imagem da cidade. Ao buscar estas imagens estamos conscientes de que elas estarão sempre impregnadas de memórias e de significações que se constroem mas também se modificam pelas experiências e vivências sociais posteriores, exprimindo diferentes temporalidades [...] A luta pelo espaço na cidade é social e se explicita de forma diferenciada ao longo do tempo”. FENELON, Déa Ribeiro. Cidades; Introdução. **Pesquisa em História**. São Paulo: Olho D’água; Programa de Estudos Pós-Graduados em História, PUC-SP, n. 1, 1999. p. 6, 7.

*gente trabalha así é que o companheiro não te roube nada, que se você vai ao banheiro ele cuida pra ti, esse tipo de solidariedade no trabalho.*³³

Interpretando sua narrativa como constitutiva de suas experiências e que, por tanto, permite perceber as tensões e necessidades que compartilha com seus colegas de trabalho, busquei traduzir seu enredo como uma forma de significar o que é estar ali, trabalhar e entrar em contato com pessoas que não foram escolhidas por ele para conviver, mas que fazem parte de seu dia-a-dia, sendo “companheiros” nas disputas vividas ali pelo direito à diferença, de organizar e realizar o trabalho, de produzir memórias, de estarem na praça e se reconhecerem naquelas relações.

Quando em uma outra entrevista, agora realizada em sua casa no Bairro Martins, próximo ao centro da cidade e, portanto, também próximo da Praça Tubal Vilela, interessada ainda em entender as diferenças e tensões que compõem os espaços da cidade, lhe pergunto sobre uma possível disputa na praça entre os trabalhadores, já que ele mesmo trouxe em suas narrativas as tensões que se dão nas relações estabelecidas com os outros, e o Sr. Marcelo diz:

*Não, não, não, pior que isso aí, é... oh, não é com todo mundo, tem muita gente legal, mesmo Norca así essa gente es legal, entendeu? Mas tem aí alguma pessoa que você tem que agüentar a cabeça dele, sabe como é a rua, né? Falando grosserias das mulheres, fofocando, um cara, um homem, entendeu? É, ele também meio (inaudível) es um personagem muito escuro, entendeu? Aí ele falou mal de mim pra amigos, mis amigos, falou a meus amigos mal de mim ao ponto que meu amigo me falou: “eh, se você tem que falar algo de mim...” sei lá, digo: “oh, foi aquele...”, foi, não tem outro, é aquele, né? Aí ele pediu pra mim ensinar algumas coisas pra ele usar quando ele for embora a seu país é porque ele trabalha com outra coisa, aí ele começou a, como falam vocês aqui, a me xingar... É, ensinou as minhas coisas pra outro cara que está revendendo artesanatos e mais alguma coisa e estão tentando hacer o mesmo que eu, o engraçado é que eles são horríveis... Graças a Deus eles são horríveis, as coisas que estão fazendo são muito feias e ninguém compra deles mas eles estão com uma sânia así, olham pra nós todo o tempo pode crer, asi, como (inaudível) com olho grandão.*³⁴

Percebi que ao mesmo tempo em que há uma solidariedade entre esses trabalhadores nestes espaços, também ocorrem disputas entre eles próprios, explicitando suas diferenças no modo como lidam com a rua. É neste sentido que compreendo que estar nesses espaços da cidade significa entrar em contato com “mundos diferentes”³⁵.

³³ Entrevista com o Sr. Marcelo Rodriguez realizada na Praça Tubal Vilela, em Uberlândia, no dia 21 de fevereiro de 2006.

³⁴ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

³⁵ Cf. ARANTES, Antônio A. **Paisagens paulistanas**: transformações do espaço público. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

Essa percepção de que as relações estabelecidas por eles se dão por meio de suas diferenças conduziu ao interesse de entender como elas são constituídas entre os trabalhadores na praça ou mesmo com seus vizinhos. Assim, refletindo e insistindo sobre esta problemática em outras entrevistas, indaguei ao Sr. Edwin Lars Sota León, peruano, músico de 36 anos que vivia no Equador antes de vir para o Brasil, que respondeu:

No, no, no [...] ai de vez em quando sempre existe uma briguinha com algum camelô assim, né, que, sempre tem algum enjoadinho por aí, né? Que, que quiere briga, que não se coloca perto dele barulho e todo eso, sempre tem, tem, tem, tem existe ou tem alguém que passa “é, é...”, aqui não, em Brasília aconteceu, né? De falar “Ah essa música enjoada”, um cara así que tem algum problema mental, sempre tem.³⁶

Compreendo que os trabalhadores latinos são vistos como “os outros”, mas nas relações que estabelecem também constroem o seu “outro”, seja ele brasileiro ou mesmo de outras nacionalidades. Isto conduz à idéia de que as identificações se dão pelas relações construídas, pelos laços de solidariedades que se formam, pelas experiências vividas em comum e não por meio dos registros jurídicos de seus nascimentos.

Neste espaço composto pela diversidade, as tensões são constantes e as vivências nem sempre tranquilas. Assim, o que se torna interessante na narrativa do Sr. Edwin é que ele não parece colocar seus interesses em disputa com os interesses das classes dominantes da cidade, mas nas diferenças presentes nos espaços da cidade ao se referir aos outros trabalhadores nas ruas como “camelôs”.

Desta forma, assim como ele é visto como diferente, como estrangeiro, como o músico andino que incomoda, também se relaciona com as outras pessoas tendo como horizonte que os “outros” não fazem totalmente parte do seu universo de valores que referenciam sua prática social, embora em alguns momentos possa compartilhar com eles certas experiências e expectativas.

Essas tensões nas relações com os “outros” trabalhadores também se presentificam nas narrativas do Sr. Marcelo. Quando, durante uma entrevista na Praça Tubal Vilela, pergunto-lhe novamente sobre seu trabalho na praça e a convivência com os demais trabalhadores que ali estão ele responde:

³⁶ Entrevista realizada com o Sr. Edwin Lars Sota León, em Uberlândia, no dia 14 de junho de 2006.

*[...] é tem alguno personagem que geralmente, no los que estão estáveis, geralmente gente de passo que tratam de mexer com los lugares da gente, entendeu? Aí tem aquele papo “olha a gente faz tempo que está aqui”, mas até agora não deu problema graves, entendeu? Así, confrontos, só de bate-papo, de, de falar, por exemplo, ‘oh, hoje fica’ como esta gente, ali tem gente, hoje eles não vão a venir porque fizeram Camaru ontem, mas é se eles vem nós temos que falar ‘oh, rapaz tudo bem trata o (inaudível) porque os caras tan vendendo ali’.*³⁷

Há divergências que se concretizam nas relações também com os que são considerados de fora, a “*gente de passo*”³⁸. Estes, embora possam estar na mesma situação que o Sr. Marcelo, não são reconhecidos por ele como pertencentes àquele espaço.

Estas tensões exprimem valores que delimitam o que seria o justo ou o injusto, o certo ou o errado para regular os usos e a permanência naquele espaço. Assim, essas divergências são elementos que constituem as disputas pelo modo de organizar as relações nesse local que, embora expresse uma tensão, também permite compreender como se dá o viver desses trabalhadores na praça. Se por um lado há a defesa do espaço de seus colegas de trabalho que, assim como ele, já conquistaram o “direito” àquele lugar, por outro, há a consciência de que ele também faz parte dessa “*gente de passo*”³⁹, o que lhe conduz a aceitar provisoriamente aquela situação até que aqueles consigam também ter seu lugar.

Essas tensões e/ou solidariedades entre diferentes sujeitos são percebidas com mais clareza no cuidar do “outro” como uma forma de “preservar” aquele espaço. Assim, elas estão presentes nos momentos mais corriqueiros como o de olhar os produtos de seu colega enquanto ele vai ao banheiro ou precisa almoçar, e em momentos de maior tensão quando a fiscalização da Prefeitura Municipal se intensifica, o que permitiu refletir sobre as experiências desses trabalhadores latinos não de forma isolada, mas em suas mútuas relações que são compostas por conflitos e estratégias para andar e/ou permanecer no país e requerer seus direitos.

Estar ali e conversar com os trabalhadores latinos da Praça Tubal Vilela me fez perceber que, embora este espaço seja marcado por conflitos, também é um lugar de passagem para os que se dirigem a seus trabalhos ou escolas, a lojas, consultórios odontológicos e hospitais, tornando-se, assim, um lugar de trabalho, de diversão e ponto de encontro com velhos amigos.

³⁷ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 de junho de 2007.

³⁸ Idem.

³⁹ Idem.

Nessa perspectiva, os trabalhadores também convivem com estudantes que passam em direção a suas escolas ou a algumas faculdades que ficam no centro da cidade; donas de casa que vão às compras ou pagam contas nos bancos e lotéricas que se localizam nas ruas próximas à praça; aposentados que jogam dama e passam o tempo conversando; desempregados que se dirigem ao SINE⁴⁰ em busca de trabalho; pedintes que aproveitam o intenso movimento de pessoas para conseguir algum dinheiro para sobreviver; ciganas que lêem a sorte.

São as diversas produções dos espaços da cidade por esses diferentes sujeitos que ao transformá-los referenciam a praça como um local de relações⁴¹. Não importa a maneira como são produzidas todos os dias por esses agentes, mas, de uma forma ou de outra, as pessoas nela estabelecem relações. Assim, buscando registrar as diferentes formas de estar na praça produzi a fotografia abaixo:



Foto 1 - Vista da Praça Tubal Vilela, em Uberlândia, março de 2006. Acervo da pesquisadora.

⁴⁰ Sistema Nacional de Emprego.

⁴¹ Foi importante a leitura da tese de doutorado da Profa. Dra. Célia Rocha Calvo, em especial o terceiro capítulo intitulado “Outros espaços, outra cidade: experiências e lembranças”, que traz para reflexão a cidade enquanto expressão das relações sociais, a qual devemos buscar apreender na dinâmica das relações sociais constituídas. Ver: CALVO, Célia Rocha. **Muitas memórias e histórias de uma cidade: experiências e lembranças de viveres urbanos.** Uberlândia 1938-1990. 2001. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

Nas cenas da vida cotidiana focadas na imagem, a diversidade torna-se explícita e as diferentes formas de produzir, transformar e dar sentido à praça se fazem presentes. Embaixo das copas das árvores que contornam a praça, buscando fugir do sol do cerrado, são constituídas as práticas e as relações desses trabalhadores. É neste espaço que, aparentemente, não sendo de ninguém e sendo ao mesmo tempo de todos, estes sujeitos sociais se tornam visíveis e expressam suas diferenças.

Uma visibilidade perceptível também na maneira como vivenciam as desigualdades e necessidades que compõem a vida na cidade. Trabalhar neste local significa não apenas ocupar espaço, mas transformá-lo imprimindo uma marca, expondo necessidades e lutando por uma vida digna.

Assim, em meio a outros que ali se encontram vendendo passes de ônibus, convênios de saúde, artesanatos, guarda-chuvas, picolés, pipoca, ervas medicinais, revistas e jornais, cartões telefônicos, etc, eles se constituem fazendo-se autores dessas ações. Nesse espaço convivem também com taxistas, policiais, entre outros, o que exprime a diversidade do local no qual se concretizam muitas e diferentes ações, onde pode ser encontrado o que é de uso e de aspiração daqueles que por ali circulam.

No entanto, se por um lado busquei focalizar a diversidade que constitui este espaço, noutros registros essas cenas são obliteradas por um olhar que quer apagar essas diversidades e diferenças sociais. No artigo “Uma praça, numa cidade: patrimônio histórico e cidadania cultural”⁴², Célia Rocha Calvo mostra como a imprensa produz e divulga a idéia de uma praça ícone dos projetos das classes dominantes⁴³. Ao mesmo tempo, a autora questiona esta memória que a imprensa quer fortalecer por meio das narrativas orais de trabalhadores que significam de forma diferente os espaços da cidade.

Calvo chama a atenção para a forma como é construída a idéia da necessidade de preservação da praça enquanto Patrimônio Histórico. Vista como o ícone das classes dominantes, a memória que se busca fortalecer é aquela que afirma o poder dessas classes que ali estão representadas por vários monumentos. Desta forma, são eleitos

⁴² CALVO, Célia Rocha. Uma praça, numa cidade: patrimônio histórico e cidadania cultural. In: MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KOURY, Yara Aun (Org.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D'água, 2006. p. 61-75.

⁴³ Sobre os projetos de desenvolvimento que marcaram todo o século XX em Uberlândia e as transformações sofridas pelos trabalhadores que vivenciaram as mudanças decorrentes desses projetos, ver também: CALVO, Célia Rocha. **Muitas memórias e histórias de uma cidade: experiências e lembranças de viveres urbanos. Uberlândia 1938-1990**. 2001. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

alguns espaços da cidade como representativos de uma certa memória que se quer hegemônica e que se distancia dos diferentes viveres da população.

A construção desse tipo de imagem da praça pode ser percebida nas páginas do jornal *Correio de Uberlândia* que, ao deslocar o passado do presente, representando interesses de grupos que detém o poder, escolhe apenas alguns marcos para serem celebrados. Desta forma, o passado torna-se um espetáculo ao qual devemos apenas assistir sem refletir sobre ele. Busca-se fixar quem são aqueles que têm o direito à memória, expropriando dos cidadãos o direito de se reconhecerem na história e, sobretudo, na cidade.

Assim, a praça, transformada em idéia, passa a significar o triunfo de determinados interesses, e isto cria uma certa hierarquia de espaços na cidade, o que conduz à questão sobre que tipo de atividades e quais pessoas podem ser vistas como dignas do espaço público⁴⁴.

Em 2006, no dia do aniversário de 118 anos da cidade, o jornal *Correio de Uberlândia* publicou a matéria “Praças são cenários de contrastes” que ocupou uma página inteira do jornal e apresentava através de uma grande foto uma praça higienizada, local de lazer que se tornou o cartão-postal da cidade⁴⁵.

⁴⁴ Segundo Beatriz Sarlo, o espaço público enquanto um lugar de direitos e também de obrigações deve ser permitido a todos irrestritamente: “Formas legítimas de ocupação deveriam afetar o menos possível outras formas legítimas de desfrute. E digo *o menos possível* porque é normal que o exercício de um direito afete outros direitos” (SARLO, 2004, p. 71). Sobre estas discussões ver também: SARLO, Beatriz. **Tempo presente**; notas sobre a mudança de uma cultura. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

⁴⁵ Esse tipo de matéria é recorrente no tempo de comemoração do aniversário da cidade. Ela faz parte de atos de comemoração que produzem e ao mesmo tempo buscam fortalecer memórias que silenciam e colocam no esquecimento outras memórias, negando as diferenças entre grupos e classes, ocultando os conflitos e as disputas que constituem a cidade como expressão de um campo de lutas. Sobre essas reflexões ver: CALVO, Célia Rocha. **Muitas memórias e histórias de uma cidade**: experiências e lembranças de viveres urbanos. Uberlândia 1938-1990. 2001. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001 (em especial o segundo capítulo: “Discutindo a produção da memória e revendo a cidade”); SANTANA, Leonardo Henrique. **“1988 Uberlândia fez 100 anos”**; uma leitura da cidade aniversariante nos cadernos do jornal *Correio de Uberlândia*. Monografia (Graduação em História). Uberlândia: CDHIS, 2007 (MIMEO).



Foto 2 - Praça Tubal Vilela.

Fonte: UBERLÂNDIA 118: praças são cenários de contrastes. **Jornal Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 31 ago. 2006. Caderno Especial, p. 13. Acervo do Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Este olhar de fora busca confirmar o projeto de cidade desenvolvida e ícone das classes dominantes. Utilizando este foco, o jornal *Correio de Uberlândia* buscou apagar diferentes usos deste espaço, uma vez que a memória que se quer preservar está pautada nos feitos do grupo que detém o poder, como se este, sozinho, tivesse sido capaz de construir a cidade⁴⁶.

A imagem produzida pelo jornal é recorrência de uma prática de dominação. O que se busca ocultar e negar diz respeito a outros modos de viver na cidade, que se explicitam no contraste daquilo que procura ser afirmado como imagem positiva a ela atribuída.

O próprio enquadramento da imagem focaliza um símbolo de poder – o monumento erguido em memória de Juscelino Kubitschek – excluindo outros sujeitos que compõem este espaço. Desta forma, a imagem produzida não permite visualizar a praça como um lugar de múltiplos e diferentes significados, retirando-lhe sua dinâmica. Por isso, o ângulo escolhido ignora a presença dos trabalhadores, sejam eles taxistas,

⁴⁶ Cf. CALVO, Célia Rocha. Uma praça, numa cidade: patrimônio histórico e cidadania cultural. In: MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KOURY, Yara Aun (Org.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D'água, 2006.

jornaleiros, sorveteiros ou artesãos. Isso retira da praça um de seus significados que é o do trabalho.

No entanto, embora o jornal Correio de Uberlândia, ao disputar uma memória para a cidade, busque indicar quais seriam as formas apropriadas de “utilizar” este espaço, não pode fazer com que os moradores e trabalhadores se restrinjam aos espaços que lhes são indicados pela classe dirigente. Com suas práticas de apropriação da praça esses trabalhadores fazem a cidade, na medida em que imprimem nela seus modos de viver e trabalhar.

A intenção presente neste periódico é converter um projeto particular de cidade desenvolvida por meio dos moldes capitalistas em um projeto comum⁴⁷. No entanto, não há como prever a forma como as pessoas reelaboram esses projetos. Por isso, nem sempre a imposição de uma cidade ideal alcança seus objetivos já que as pessoas entrecruzam informações e vivências que fazem parte de suas práticas diárias de vida.

Se por um lado há a tentativa pela classe dominante de atribuir significado e restrições aos diversos espaços que constituem a cidade, por outro há também significações e imagens que são construídas socialmente em torno dos trabalhadores que transformam quotidianamente estes espaços dando-lhes outros significados. No caso específico dos trabalhadores latinos é evidente em suas narrativas a problemática de como eles se vêem e são vistos nas relações sociais que estabelecem e como buscam delimitar seu lugar como um lugar de direitos, por se requererem cidadãos, ainda que a origem seja de diferentes países.

Na entrevista que realizei com o Sr. Marcelo foi explícita a necessidade que sentiu em romper com o “estigma” a ele atribuído devido ao modo de viver e trabalhar que possui. Ao ver-me como uma pesquisadora, este artesão buscou desconstruir uma visão que é propagada socialmente e que aparece constantemente na mídia, seja ela

⁴⁷ Jesús Martín-Barbero, em sua obra **Ofício de cartógrafo**, ao discutir os meios de comunicação na América Latina, leva a refletir sobre como a burguesia busca impor sua linguagem e seus projetos através dos meios de comunicação, uma vez que detém o monopólio econômico desses meios. Isso significa que a comunicação não pode ser reduzida a discurso, mas compreendida como um lugar de luta pelo poder. Nesta luta, os meios de comunicação, e neste caso especialmente os jornais, buscam legitimar a dominação. Ainda segundo Martín-Barbero, os fatos são o disfarce que a imprensa utiliza para dissimular a forma-mercadoria de seu discurso. Escondida atrás dos fatos que apresenta, a imprensa procura consolidar a idéia que trabalha sem interesses, a serviço da sociedade, sendo para isso sempre objetiva. Porém, vale mais uma vez ressaltar que apesar de se auto-intitular porta-vozes imparciais dos acontecimentos, há nos jornais uma construção de sentido, uma interpretação por parte daqueles que “fabricam” as notícias, acontecendo assim uma seleção do que é ou não importante. Os jornais reconhecem as contradições presentes na sociedade e as elaboram segundo seus interesses (MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**; travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Edições Loyola, 2004).

impressa ou televisiva, e que poderia ser também a minha, já que em seu viver é isto o que este trabalhador percebe.

Quando lhe perguntei, durante uma entrevista na Praça Tubal Vilela, local onde vende e produz seu trabalho, sobre como é o relacionamento com os brasileiros, o diálogo seguiu da seguinte forma:

É, vou te falar, em geral o mineiro é gente muito cálida, muito cálida.

P: *Cálida?*

Cálida, é assim, você fala hospitaleira.

P: *Ah, sí.*

Conosco eles são hospitaleiros. Tem alguma gente que como a gente é artesão así, mira um pouco errado, né? Mas a gente não, a gente é artesão, mas não é hippie entre parênteses, porque hippie eram dos Estados Unidos, né? Aqui não tem. Sabe do que estou falando?

P: *No, não entendi. Aqui, não, não...*

Então não vou complicar sua cabeça não.

P: *Não, você disse, não, repete a palavra pra vê se eu entendo.*

Oh, é, às vezes pergunta pra nós se a gente é hippie.

P: *Hippie, ah, agora eu entendi...*

*Hayba! E a minha resposta é assim, é muy simples, não somos hippies, somos artesãos. Além de tudo hippie não existe porque hippie foi um movimento nos Estados Unidos contra a guerra do Vietnã, nos anos entre 70, entendeu? Aí como esse movimento era Estados Unidos, que eles tinham ideais que eu comparto certo, eu não gosto da guerra, não gosto da violência, gosto do arte, gosto do amor, gosto da música, da flôr, das meninas, das mulheres e da poesia e tudo isso. Aí eu seria e poderia também ser cristiano, budista, entendeu o que eu falo? Porque eles também amam a paz...*⁴⁸

Ao me identificar como uma brasileira, possivelmente pertencente a esta cidade, a primeira atitude do Sr. Marcelo foi a de ressaltar o espírito hospitaleiro dos mineiros e conseqüentemente dos brasileiros, o que ocorreu também em outros momentos de suas narrativas onde buscou sempre reafirmar esta posição.

A tensão vivida em seu dia-a-dia é evidenciada quando ele fala sobre o relacionamento com algumas pessoas que lhes “*miram um pouco errado*”⁴⁹ pelo fato de serem artesãos e de existir valores socialmente difundidos e constituídos que negam este viver e esta forma de trabalhar, principalmente devido ao modo como expõem publicamente na praça seus modos de ser e de desempenhar seu ofício.

A maneira como essas pessoas se apresentam contrasta com o que foi legitimado como “o bonito e o correto”. Esse modo de se fazerem presentes na cidade significa a

⁴⁸ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez na Praça Tubal Vilela, em Uberlândia, no dia 21 de fevereiro de 2006.

⁴⁹ Idem.

busca por imprimir sua própria dinâmica e modo de viver no interior das relações no espaço público.

Assim que a entrevista teve início, o Sr. Marcelo fez a distinção de quem foram os hippies afirmando sua proximidade a eles em alguns sentidos, buscando assim demarcar o lugar de onde está falando, assim como seus valores: *“eles tinham ideais que eu comparto certo, eu não gosto da guerra, não gosto da violência, gosto do arte, gosto do amor, gosto da música, da flôr, das meninas, das mulheres e da poesia e tudo isso”*⁵⁰.

Essa importância dada em dizer quem “realmente” ele é despertou meu interesse em compreender essa referência como experiência de uma tensão vivida por esses trabalhadores.

A negação da imagem de hippie é uma forma de elaborar os sentidos e contrapor àqueles construídos e difundidos pelos meios de comunicação de massa que os ligam imediatamente ao “mundo das drogas lícitas ou ilícitas”, à marginalidade ou à falta de vontade de trabalhar, e que de certa forma contribui para desautorizá-los e colocá-los num “lugar” de não-cidadãos.

Entendo este discriminar como um ato de violência que, segundo Marilena Chauí, é um ato que *“reduz um sujeito à condição de coisa, que viola interior e exteriormente o ser de alguém, que perpetua relações sociais de profunda desigualdade econômica, social e cultural”*⁵¹.

Por isso percebo que, por saber o que pensam sobre ele, em que lugar os grupos dominantes o colocam, busca resistir à dominação firmando sua presença de modo a requerer um reconhecimento social pautado nas relações e práticas do seu trabalho.

Por outro lado pode-se pensar que a forma como delimita seu pertencimento também está diretamente ligada ao lugar que identifica como sendo aquele que ocupo enquanto pesquisadora. Por compreender que esta pesquisa se tornaria pública, busca em sua narrativa firmar-se enquanto uma pessoa da paz em oposição às imagens que são vinculadas pelos meios de comunicação.

Em suas narrativas, tais tensões são expressivas dos modos desses latinos exprimirem os sentidos a respeito de suas diferenças, sobretudo por não terem nascido

⁵⁰ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez na Praça Tubal Vilela, em Uberlândia, no dia 21 de fevereiro de 2006.

⁵¹ CHAUI, Marilena. **Contra a violência.** Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=3467>> (Site da Fundação Perseu Abramo). Acesso em: 01 abr. 2007, p. 6.

no Brasil. Nessa direção, chamou à atenção a dificuldade de lidar com um idioma diferente.

Mesmo sem colocar implicitamente o idioma como um problema a ser enfrentado, a narrativa do Sr. Marcelo possibilita perceber como as palavras vão sendo significadas por ele para que o diálogo possa acontecer:

É, vou te falar, em geral o mineiro é gente muito cálida, muito cálida.

P: Cálida?

Cálida, é assim, você fala hospitaleira.

*P: Ah, si.*⁵²

Na constituição destes atos de fala com o outro é possível perceber a criação de uma estratégia para suas andanças pelas cidades brasileiras. Frente a um código lingüístico ainda não dominado é inventado um novo meio para comunicar-se que é forjado no contato com culturas diferentes. Ao continuar sua narrativa a atribuição de significados também prossegue:

Tem alguma gente que como a gente é artesão así, mira um pouco errado, né? Mas a gente não, a gente é artesão, mas não é hippie entre parênteses, porque hippie eram dos Estados Unidos, né? Aqui não tem. Sabe do que estou falando?

P: No, não entendi. Aqui, não, não...

Então não vou complicar sua cabeça não.

P: Não, você disse, não, repete a palavra pra vê se eu entendo.

Oh, é, às vezes pergunta pra nós se a gente é hippie.

*P: Hippie, ah, agora eu entendi...*⁵³

Na relação constituída busca um lugar de entendimento, onde possa construir sentidos comuns. Os atos de fala são tecidos a partir do diálogo estabelecido na diferença. “*Então não vou complicar sua cabeça não*”⁵⁴, diz ele reconhecendo as dificuldades existentes no diálogo e ao mesmo tempo buscando o entendimento para que seja possível ser compreendido na maneira como requer o seu reconhecimento enquanto diferente.

O mesmo ocorreu em outra entrevista quando perguntei ao Sr. Marcelo sobre a fiscalização e ele respondeu:

Eles chegam mais o menos dez e meia da manhã aí a gente vai onze horas geralmente e como é o espaço do meio-dia, do almoço e tal eles van, porque é uma cosa boa pra nós eles não tem a camiseta da prefeitura eles tão trabalhando, entendeu? Não tem uma sânia. Sabe o que é sânia así? Pra nós

⁵² Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez na Praça Tubal Vilela, em Uberlândia, no dia 21 de fevereiro de 2006.

⁵³ Idem.

⁵⁴ Idem.

*sânia é que eles estão como obsessivos com pegar gente, entendeu? Nada disso, entendeu?*⁵⁵

Assim não fica difícil perceber que o contato com culturas diferentes impõe limites, criando fronteiras entre ele e as outras pessoas, o que fez refletir sobre possíveis angústias, dúvidas e medos, sentimentos que se fazem presentes no modo como vivem. Não se fazer compreender pode gerar o impedimento de satisfazer necessidades básicas como talvez de alimentar-se de forma adequada.

Nessa direção, fiquei pensando como a diferença entre os idiomas torna mais complexo o diálogo e é vivida por eles como uma tensão. Comunicar-se, fazer-se entender e ser compreendido é construído por eles em suas vivências nas relações que estabelecem e por isso é presença constante em suas narrativas: “*deixaram o monedero da senhora, donde guarda las moedas, como que fala vocês?*”⁵⁶.

Ao longo da produção das narrativas percebi que essa diferença é para eles o impacto mais imediatamente sentido e que acaba marcando suas narrativas. Durante a entrevista com o Sr. Alejandro Schwindt, argentino de 30 anos que se apresentou a mim como artesão, perguntei-lhe se houve dificuldades por causa da língua e ele respondeu:

*É, ainda eu falo muito errado português só que dá para defender-me e eu gosto muito de é, desso, gosto, gostei desde primeiro momento que eu entrei no Brasil eu, quando eu cheguei ao Brasil eu não sabia falar nada em português, eu cheguei eu não sabia como falar pra comer, eu não sabia nada e gostei muito porque você vá a la força tem que aprender sí o sí, sí o sí tem que, que defender-se porque você tem que, que fazer las cosas cotidianas de la vida é, então, uno vá aprendiendo a falar e a defender-se.*⁵⁷

A dificuldade de falar o português fez refletir sobre os possíveis problemas que pode haver por não dominarem a língua. Fiquei pensando como se dão os primeiros meses de permanência desses trabalhadores, as dificuldades que se colocam para que possam “*defender-se*”. Mesmo as atividades que parecem mais corriqueiras como o comer pode se tornar para eles um desafio.

A Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, artesã, peruana de 33 anos, durante uma entrevista em sua residência também traz esta tensão que apareceu continuamente em nossas conversas – muitas vezes pelo constrangimento que sentiu ao não conseguir

⁵⁵ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

⁵⁶ Idem.

⁵⁷ Entrevista realizada com o Sr. Alejandro Schwindt, na Praça Clarimundo Carneiro, em Uberlândia, no dia 15 de setembro de 2006.

fazer-se entender claramente. Ao perguntar a ela se gosta de viver em Uberlândia, ela diz:

*Não, primeiro, primeiro no porque... Foi difícil para mim, quando eu cheguei, eu não sabia o idioma. É, fui, fui aprendendo pouco a pouco, né? Com o dia-a-dia, saindo, aprendi a conversar, a comunicar-me com as pessoas e escutando, escutando e mais eu ajudava assim nas tarefas da filha que está na escola. É, aprendi mais um pouco, isso, isso aí. [...] Para comprar alguma coisa primeiro eu tinha que olhar as pessoas, ver que compram para eu comprar também, isso. P: Mas assim, você fez amizade rápido com as pessoas? É, não muito rápido, foi difícil, foi difícil por o idioma mesmo como estou repetindo, né? É, aí depois pouco a pouco eu fui saindo na reunião da escola de minha filha, foi mais, foi um pouco mais fácil assim porque antes não, ficava em casa, não conhecia ninguém. Depois de meio ano assim já conheci mais vizinho, a dona da casa que alugaram, tudo, fui saindo e foi melhor, foi melhorando mesmo.*⁵⁸

Desta forma, os atos de falar com o outro para esta trabalhadora é apontado como um problema inicial a ser enfrentado durante seu tempo de permanência no país, o que a levou a construir estratégias para se fazer compreender e poder compreender também o outro. Assim, a forma como se deu a comunicação trouxe elementos para pensar as dificuldades do contato entre estas pessoas e nós brasileiros.

Para apreender o idioma que lhe serviria como uma via para construir relações, essas pessoas passam a utilizar imagens, gestos ou traduções que buscam aproximar o que querem expressar e que lhes possibilitam “*defender-se*”⁵⁹.

Por meio dessas narrativas percebo que a linguagem vai sendo construída no intercambiar de culturas nas relações estabelecidas em suas práticas cotidianas. De acordo com Raymond Williams, compreendo que a linguagem é uma experiência ativa e em transformação, “[...] é, então, uma atividade material prática: é na verdade, literalmente, um meio de produção. É uma forma específica daquela consciência prática que é inseparável de toda atividade social material”⁶⁰. Assim, as relações tornam-se fundamentais, pois é a partir das conversas com vizinhos, das reuniões na

⁵⁸ Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em Uberlândia, no dia 23 de março de 2006.

⁵⁹ Entrevista realizada com o Sr. Alejandro Schwindt, na Praça Clarimundo Carneiro, em Uberlândia, no dia 15 de setembro de 2006.

⁶⁰ WILLIAMS, Raymond. Língua. In: _____. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979, p. 44. Neste capítulo Williams instiga à reflexão sobre a linguagem enquanto relação social, consciência prática que surge da necessidade de intercâmbio entre as pessoas. Também sobre essa problemática destaco o artigo “O trabalho da linguagem” de Marcos A. Silva, onde o autor analisa a relação linguagem e história, apontando o fato de que a história deve saber interpretar a linguagem, não fazendo análise do discurso, mas compreendendo-a enquanto uma experiência social constituída num campo de lutas, no confronto entre diferentes grupos. Desta forma, a linguagem possibilita a reflexão sobre os momentos de tensão e aquilo que Silva chama de situações limites. (SILVA, Marcos A. O trabalho da linguagem. **Revista Brasileira de História**. v. 6, n. 11, p. 45-61, 1986).

escola de sua filha, do contato com outros signos de linguagem que se fez possível criar estratégias para, não apenas permanecer, mas também se fazer reconhecer nas relações que constroem socialmente.

Apreender a língua e elaborar uma nova forma de viver são estratégias construídas ao longo dos dias, através do trabalho, do “*olhar as pessoas, ver que compram*”⁶¹, a superação do fato de sentir-se perdido frente a modos de viver, de uma cultura diversa que lhes é totalmente desconhecida. Também significa recriar seus modos de vida e aprender a se relacionar com o “outro” de forma diferente.

A Sra. Norca, quando lhe perguntei sobre como foram os primeiros meses no Brasil, sua adaptação, e se houve dificuldades, fala:

Um poco. É, o mais difícil foi pra entrar na sociedade, pra comunicarse com la gente de aquí, pra sair a fazer alguma compra; quando não sabe falar é difícil, é ruim. Algunas pessoas ficam rindo de, de nosso portunhol mal falado e otras personas que preguntam: “Ah, você de onde que é?” E a gente fala de onde somos e: “Ah que legal!” Algunas personas, né? Otros ficam rindo como uma burla así, é eso. E foi difícil e depois así que estoy entrando aí um pouquinho se aprendendo bem a conversar. É, não converso muito bem pero acho que dá pra entender não?”⁶²

Nesse sentido, o intercambiar de culturas é uma das formas para “*entrar na sociedade*”; sem ele pode haver dificuldades para construir relações que vão lhe possibilitar estabelecer-se na cidade garantido seu espaço e sua sobrevivência.

Por outro lado, algumas vezes, também pode transformar a pessoa em um elemento exótico que chama a atenção e acaba por conduzir a um estreitamento de relações pela curiosidade que desperta.

Nessa direção, traduzo em suas narrativas que o sentir-se diferente ou “fora do lugar” acontece na tensão vivida no momento em que as relações são travadas. Ao mesmo tempo percebo que através do compartilhar de experiências sociais ou da segregação que acontece a partir daqueles que “*burlam*” do “*portunhol*” utilizado por essas pessoas, são forjadas as estratégias para viver em uma sociedade que muitas vezes pode não ser tão amigável ou solícita com as necessidades de quem vive de modo itinerante.

⁶¹ Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em Uberlândia, no dia 23 de março de 2006.

⁶² Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em sua residência, no dia 14 de abril de 2006.

A imagem de estrangeiro que imediatamente é ligada à idéia de forasteiro e marginal é recorrente em nossa sociedade e pode ser evidenciada no jornal Correio de Uberlândia como uma prática difundida socialmente.

Nas páginas desse periódico a imagem que é construída sobre esses sujeitos é vinculada principalmente através das seções policiais ligando-os ao universo do crime e da marginalidade.

Sobre esta visão construída pelo jornal três reportagens podem ser vistas como representativas. As três foram publicadas na coluna policial, no entanto, duas, a de 1994 “Argentino é preso por traficar drogas” e a de 1995 “Argentino é preso com maconha” são ocorrências policiais que aconteceram em outros Estados.

Argentino é preso por traficar droga

O argentino Lucas Lerner, de 20 anos, operador da Bolsa de Valores de São Paulo, foi preso em flagrante por tráfico de droga. Ele foi surpreendido por policiais do Departamento Estadual de Investigações sobre Narcóticos (Denarc), na Praça Vilaboim, em Higienópolis, Zona Oeste, portando 15,6 gramas de haxixe (um derivado concentrado da maconha). A droga estava escondida num suporte lateral da porta esquerda do Peugeot cinza, de placa CAI-1621, pertencente ao operador.

Policiais da 4ª delegacia da Divisão de Investigações sobre Entorpecentes do Denarc receberam, no início da semana, uma informação telefônica anônima denunciando o traficante. Um homem informava que um rapaz alto e gordo, ocupando um Peugeot cinza, vinha traficando drogas na Praça Vilaboim, para alunos da Fundação Alvares Penteado (Faap).

Argentino é preso com maconha

Recife
AE

Flagrado com 41 quilos de maconha pronta para o consumo, o argentino Oscar Abel Costa, 34 anos, residente no Rio, foi preso ontem de madrugada pela Polícia Militar de Pernambuco em Serra Talhada, a 497 quilômetros do Recife. Com ele foram presos os traficantes José Torres Dourado, 27 anos, e Antonio Martins de Souza, 48 anos, além dos índios Manoel José da Silva, 32 anos, e Pedro Amaro de Oliveira, 31 anos. A polícia apreendeu também uma caminhonete Chevy e um Monza que estavam em poder do grupo. Segundo o comandante do 14º Batalhão, os policiais pensaram se tratar de um grupo de pistoleiros, mas ao revistarem o carro encontraram a maconha escondida em um fundo falso da caminhonete. Oscar Abel disse ter resolvido comprar a maconha para revendê-la em Caruaru, no agreste, a 130 quilômetros do Recife. Alegou ter entrado no negócio das drogas para poder sustentar os dois filhos pequenos que estão no Rio. José Torres Dourado e Antonio Martins de Souza eram atravessadores e apontaram os índios como fornecedores da maconha.

Imagem 1 – “Argentino é preso por traficar drogas”.

Fonte: **Jornal Correio do Triângulo**, 07 out. 1994. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Imagem 2 – “Argentino é preso com maconha”.

Fonte: **Jornal Correio**, 09 set. 1995. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

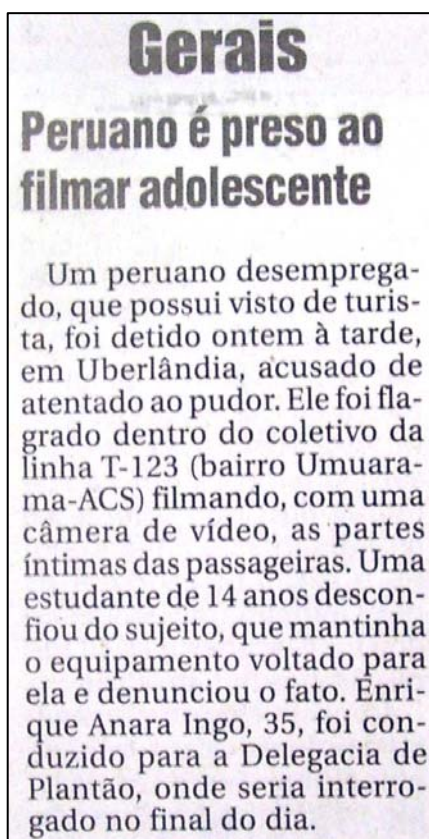


Imagem 3 – “Gerais; peruano é preso ao filmar adolescente”.

Fonte: **Jornal Correio**, 09 set. 2005. Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

A partir dessas reportagens cabe perguntar: qual o interesse do jornal Correio de Uberlândia em colocar em suas páginas tais acontecimentos? Ao trazer estas matérias é possível perguntar como essas notícias buscam moldar uma forma de olhar o estrangeiro, os considerados de fora, valendo-se de linguagens e imagens que buscam criar um lugar para esses sujeitos, transformados, em suas páginas, de trabalhadores a traficantes, pedófilos e ladrões.

Assim, as fronteiras que se tornaram móveis e permeáveis dentro do processo de globalização e que são rompidas todos os dias por milhares de pessoas, são recolocadas mais adiante nas relações de poder desiguais que são travadas, no olhar “*um pouco errado*”⁶³ que as pessoas lançam a esses trabalhadores.

Percebendo essas reportagens como evidências da construção de sentidos que são forjados para qualificar e colocar em um determinado lugar estes trabalhadores, pude compreender porque eles continuamente buscaram ao longo das entrevistas realizadas significar suas imagens e firmar seus valores e modo de viver.

⁶³ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez na Praça Tubal Vilela, em Uberlândia, no dia 21 de fevereiro de 2006.

A construção de um sentido positivo ocorreu mais uma vez na narrativa do Sr. Marcelo quando, na tentativa de mostrar como ele e a esposa são pessoas confiáveis, ao narrar sua passagem por uma pousada no Rio Grande do Sul, contou o seguinte acontecimento de sua longa viagem até chegar a Uberlândia:

[...] a dona gosto de nós e tanto foi assim que um dia roubaram ela e a senhora em nenhum momento olho pra nós “podiam ser você” e a gente estava na hora do roubo, entendeu? [...] Mas ela em nenhum momento disse, porque vê como é que é por diplomácia se faltar alguma coisa aqui agora que você esteja, entendeu? Ayuá, é, tenía até a possibilidade, pode ser que foi Gisele, entendeu? Mas ela nem isso deu a percibir a la gente. [...] e tanto foi a mão de Deus que os caras que roubaram, que foram embora rapidinho, é, deixaram o monedero da senhora, donde guarda las moedas, como que fala vocês? [...] Bueno, o porta moeda da senhora apareceu no quarto deles, lá encima, que era bem longe de nós também. Aí a polícia fez averiguações e ele estava fugido da cadeia...⁶⁴

Ao selecionar este fato este trabalhador buscou afastar uma possível imagem negativa que muitas vezes pesa sobre eles e firmar a boa relação que possui com os brasileiros. Assim, escolheu alguns elementos deste fato que marcou sua passagem no Rio Grande do Sul que pudessem afirmar sua integridade e os valores que possui.

Em seu enredo este trabalhador também rompe com os estigmas que pesam sobre ele na medida em que afirma que poderia ser qualquer pessoa: *“porque vê como é que é por diplomácia se faltar alguma coisa aqui agora que você esteja, entendeu? Ayuá, é, tenía até a possibilidade, pode ser que foi Gisele, entendeu? Mas ela nem isso deu a percibir a la gente”⁶⁵*. Desta forma, o Sr. Marcelo firma seu direito a não ser considerado culpado até que provem o contrário, já que possui a expectativa de ser respeitado como todo cidadão brasileiro deveria ser.

A auto-imagem construída por ele nega os sentidos de marginalidade que pesam sobre esses trabalhadores e que são socialmente difundidos, o que permitiu ampliar esta problemática. Ao perguntar ao Sr. Marcelo se ele se sentia um uruguaio, um argentino ou um brasileiro, já que dissera que havia morado durante muito tempo no Uruguai, na Argentina e no Brasil, ele respondeu:

Não vou falar bobagem, eu sou uruguaio, tá? Eu nasci no Uruguai se bem minha mãe era, era argentina também, sou filho de pai uruguaio e mãe argentina, é, sou uruguaio com uma história uruguaia e que tem viajado um

⁶⁴ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

⁶⁵ Idem.

*poco por la Argentina e por Brasil e tem morado também bastante em Argentina e em Brasil [...]*⁶⁶

Em sua fala evidencia-se como seu viver itinerante o fez experimentar e apreender diferentes modos de vida existentes em cada país que viveu. Percebo que a possibilidade de ser rotulado deixa-o incomodado, uma vez que isso significa também uma simplificação que anula suas diversas experiências de vida.

Continuando sua reflexão, o Sr. Marcelo diz:

*[...] eu não posso me auto-enganar e nim tenho que deixar atrás minha país, entendeu? Porque se nem eu não sou uruguaio, nim brasileiro, nim nenhuma cosa, eu sou um ser humano e eu reconheço a humanidade de todos os demais, incluso as otras raças por supuesto [...]*⁶⁷

Ao colocar como fundamental sua “humanidade” e o reconhecimento dela em todos os demais, este trabalhador negou uma identidade restrita numa referência que se oficializou, assim como as fronteiras construídas externamente às suas experiências históricas.

As identificações e os sentidos de pertencimento são construídos por ele nas relações sociais que trava por meio de seu trabalho, dos amigos e vizinhos, das experiências cotidianas que são vividas por ele e não podem ser simplificadas através de teorias, narrativas e símbolos nacionais que em muitos casos lhe são estranhos⁶⁸.

Nessa direção, “ser estrangeiro” torna-se um atributo exterior que não significa muito, a não ser as dificuldades que podem surgir durante seu tempo de permanência no Brasil, uma vez que a partir do lugar social que ocupa passa a se reconhecer também como cidadão neste país. Isto leva a pensar o direito à cidadania como um lugar comum, sem fronteiras⁶⁹.

Por não serem vistos como cidadãos brasileiros ao atravessarem fronteiras em busca de trabalho, esses trabalhadores passam a construir estratégias que, se por um lado transgridem as “leis”, por outro evidenciam os subterfúgios para burlá-las e entrar

⁶⁶ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez em Uberlândia no dia 24 de abril de 2006.

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ Sobre a invenção de diferentes símbolos, mitos e de uma história nacional para a fundação da nação ver: HOBBSAWM, E. J. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2002; CUNHA, M. Clementina P. Nação, um lugar comum. In: MACIEL, Laura A.; SIMÕES, Júlio A. (Org.). **Pátria amada esquartejada**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992, p. 29-43.

⁶⁹ Ver: CUNHA, M. Clementina P. Ibidem.

no país, permanecer nele e se relacionar com a legislação⁷⁰, constituindo assim um modo de viver na diferença.

Uma das estratégias, a mais visível e necessária à permanência desses trabalhadores, é a que diz respeito aos órgãos públicos. Em suas narrativas é possível perceber como burlam estes órgãos ao mesmo tempo em que criam meios para se inserirem neles.

Ao perguntar-lhe sobre as dificuldades que enfrentou durante sua viagem, o Sr. Marcelo, em sua casa, durante uma entrevista da qual a Sra. Carmem também participou, falou sobre um dos problemas que viveu quando estava em Santa Catarina:

Marcelo: *O mais difícil pra mim é foi que aí mesmo e devido que eu ainda fumava, de vez em quando fumava um pouquinho é cigarros, né? Eu peguei com o frio e tal é uma doença pulmonar lá em...*

Carmem: *Muito grave, tenia, estava todo los dias com 40 de febre.*

Marcelo: *Tem, teve uma infecção e teve febre durante dez dias.*

Carmem: *E yo dizia vamos ao médico, vamos ao posto de saúde.*

Marcelo: *E eu sou muito cabezón.*

Carmem: *Ele não queria.*⁷¹

Viver no Brasil na situação de estrangeiro significa correr riscos e enfrentar adversidades, o que leva à elaboração de modos específicos de luta para permanecer no país, disputar lugares na sociedade e conquistar direitos.

Seu modo de viver que é visto como “ilegal”, uma vez que não possui a documentação regulamentada para permanecer no Brasil, criou neste trabalhador uma expectativa acerca de como seria tratado se procurasse um órgão público para cuidar de sua saúde. Embora se perceba enquanto cidadão, devido sua “humanidade”, ele sabe por suas experiências que as fronteiras ainda dizem muito e podem lhe trazer problemas.

Continuando sua narrativa sobre esta questão colocada, ele diz:

Marcelo: *No queria ir ao médico e tomava aspirina hasta que um dia me senti muito ruim e fui a uma dotora que atendia...*

Carmem: *No posto de saúde.*

Marcelo: *Em um posto e ela falou: “Você tem que ir certo pra um médico especialista”. Aí eu fui, eles não fizeram nenhum problema de CPF de nada. Me atenderam e me diram una medicação.*

Carmem: *Ficou assim cinco dias tenia que internar.*

Marcelo: *Se em cinco dias isso não cortou volta que eu vou te internar cara, tá ruim pra caramba.*

⁷⁰ Sobre a legislação que regulamenta a entrada, saída e permanência de estrangeiros no Brasil ver: Estatuto do Estrangeiro, Lei n. 6.815 de 19 de agosto de 1980. Disponível em: <<http://www.mj.gov.br/Estrangeiros/Estatuto.htm>> Acesso em: 03 mai. 2006

⁷¹ Entrevista realizada na residência do Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

Carmem: *Era todo lo pulmão.*

Marcelo: *Meu pulmão fazia errrrrrr, aqui na rua.*⁷²

Fica clara a tentativa de evitar o posto de saúde principalmente quando se refere aos documentos formais, no caso o CPF, que para ele seria um problema, pois este trabalhador tem consciência a partir de suas experiências vividas que existem leis, práticas formais e institucionais de identificar o “cidadão” e que também limitam e impõem como deve ser sua permanência em nosso país.

Estas regulamentações entram em conflito com a “vontade” de fundar a cidadania enquanto lugar comum, ou seja, “*de sua humanidade e no reconhecimento dela em todos os outros*”. A luta por seus direitos é desta forma vivida na dinâmica das relações sociais através das necessidades, sonhos, expectativas e barreiras que lhes são impostas⁷³.

Esta problemática permite refletir sobre como as fronteiras vividas são continuamente refeitas. Se por um lado seus atos de atravessá-las e suas presenças nos espaços das cidades explicitam um tempo de globalização, por outro os entraves e as mudanças não têm o mesmo sentido para esses trabalhadores. Assim, se o processo de globalização teria extrapolado as fronteiras do Estado-Nação, permitindo um mundo mais integrado, o que é possível perceber é que esta integração não se dá de forma tranqüila, mas através de tensões, de uma luta constante por direitos a diferenças.

Novamente o acesso ao tratamento público se fez presente em sua narrativa. Ao ser perguntado sobre as dificuldades que enfrentam por estarem em situação de ilegalidade o Sr. Marcelo diz:

Vou te falar, ela estava que nem eu agora quando chegou tinha dor de dentes, faz tempo atrás ela tomou antibióticos, é arruma um pouquinho, mas não o tratamento total, aí como estamos ganhando bem e isto eu tinha prometido pra ela, é, fizemos um contrato com Odontoclínica mas, Odontoclínica es uma clínica aí que está na rua debaixo, não sei como se chama, como llama la rua? [...]

P: *João Pinheiro?*

É, isso aí, na João Pinheiro, certinho. Aí falamos com la gorota, bueno, ah tá bom, eles fizeram parcelas mas no momento do contrato: “CPF?”, ah, não tinha mas eu estava procurando tirar porque eu tenho esses papéis pra ir, pra

⁷² Entrevista realizada na residência do Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

⁷³ Segundo Marilena Chauí os direitos são uma criação social, “realiza-se socialmente como luta social e, politicamente, como um contra-poder social que determina, dirige, controla, limita e modifica a ação estatal e o poder dos governantes” (CHAUÍ, Marilena. **Contra a violência**. Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=3467>> (Site da Fundação Perseu Abramo). Acesso em: 01 abr. 2007, p. 10). É nesse sentido que percebo a luta por direitos como uma vontade, uma expectativa que os conduzem a resistir, a andar e algumas vezes permanecer imbuídos do desejo de também verem reconhecidos seus direitos de cidadãos.

*lá [...] Tenho até pagado meu CPF, só que faltava o comprovante de endereço onde eu estava morando aí eu pedi a senhora que também tenho tudo aí mas não voltei mais, não voltei mais. Mas eles já com esse papelzinho pra eles foi o suficiente e una declaración de lo que eu ganhava. [...] Eu tirei una declaração com um advogado aí, com um procurador, não sei como se fala, e com ela estava tudo bem, então firmamos o contrato e ela arrumou seus dentes lá.*⁷⁴

Viver a diferença significa enfrentar limites e tensões. Fico pensando nessa sua experiência com os órgãos de saúde e imaginando seu sentimento frente a essas dificuldades assim como sua vontade de ter garantidos seus direitos básicos, como o tratamento da saúde.

Essas tensões que aparecem nas narrativas desses trabalhadores latinos fazem refletir também sobre como a diferença é tratada de forma discriminada. Ao entrevistar o Sr. Alejandro Schwindt, perguntei-lhe se havia vivido algum tipo de discriminação e ele respondeu: *“É, tem gente que olha diferente, tem discriminación, tem muita discriminación aqui em Brasil com gente que faz artesanato...”*⁷⁵. A discriminação é percebida pelo Sr. Alejandro em relação ao trabalho que ele realiza, por isso busca fundamentar seus valores e desconstruir a imagem negativa que pesa sobre quem executa esta atividade:

*[...] pero también tem misturado entre artesanos tem muito malandragem también. E esos é muito ruim para nós por causa de que esse malandragem faz que a fama nuestra sea muito ruim, é porque tem gente que gosta de ficar muito bêbedo e fazer doideiras e também tem muito malandra assessinos que anda fugindo da lei é de traz de um pano é como que son artesanos e em realidad ellos não fazem artesanatos e tem por aí dos, três colares e já com eso viajam, entendió?*⁷⁶

Sua identificação é construída a partir do que ele percebe das tensões vividas em seu dia-a-dia na relação com outras pessoas, tanto compradores, quanto fiscais ou os próprios “malandros” que também fazem parte de sua experiência cotidiana e dos quais ele procura se afastar.

São estas relações que o levaram a marcar sua diferença em relação a algumas pessoas que compartilham o mesmo espaço que ele, mas que não fazem parte de “seu mundo”. Assim, este trabalhador reconhece a existência de uma diversidade de práticas entre aqueles que produzem artesanatos e que vivem como itinerantes, firmando, desta

⁷⁴ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

⁷⁵ Entrevista realizada com o Sr. Alejandro Schwindt, na Praça Clarimundo Carneiro, em Uberlândia, no dia 15 de setembro de 2006.

⁷⁶ Idem.

forma, seu lugar social enquanto um lugar de direito conquistado por meio de seu trabalho.

Ao colocar sua narrativa na dinâmica do processo por ele vivido, percebo que generalizações não são capazes de explicar as vivências deste sujeito. Ao narrar, ao mesmo tempo em que se percebe pertencente a um grupo, ele mostra que há práticas das quais não compartilha, apontando assim para os diferentes valores que, se forem vistos apenas a partir da dicotomia ou de afirmações generalizadas que busquem classificá-lo, não poderiam se entrecruzar. Seu relato permite ver as influências e limitações do viver em relação aos outros.

Nesse sentido, a discriminação ocorre não porque ele é estrangeiro, mas porque é um artesão, um trabalhador que não tem a prática do seu ofício reconhecida como trabalho por estar fora dos “padrões” estabelecidos⁷⁷.

Assim, a diferença, o estar fora dos parâmetros, se transforma em discriminação e o leva a buscar distanciar-se de certas práticas e/ou pessoas e firmar sua condição de trabalhador, buscando ser reconhecido enquanto tal:

*Pero, eu essa, essa, esse tipo de gente evito muito porque essa gente pior ainda que fiscais, essa gente, tem gente bueno dessa pero, uno como estrangeiro se tiene que cuidar muito por causa de que no puedo perder mis trabajos porque se eu perdo mis trabajos aí estoy muy complicado e então é melhor... Muita gente, tem gente que é melhor ni conocer e por essa causa mi irmã é, nosotros también somos discriminados por muita gente que acham que uno em vez de ser artesano es malandro. Pero quando a gente viene, fica perto, troca idéia comigo é, olham mis trabajos, aí dá para, já entienden que uno es una persona trabajadora que gosto de trabalhar, dan contam que uno gosto de trabalhar e aí muita gente já troca su pensamiento é, sobre nós, pero tem gente que prefiere nim trocar idéia com nós, entón...*⁷⁸

Este trabalhador reconhece que perder o que produz torna-se para ele uma situação mais complexa devido às dificuldades que poderá ter para continuar no Brasil. Ao falar que evita os “malandros” fiquei pensando quem seriam esses que ele adjetiva e quais necessidades são impostas a esse trabalhador para permanecer no Brasil.

⁷⁷ E. P. Thompson ao analisar os trabalhadores das fábricas problematiza como eles experimentam de maneira diferente os padrões de consumo, de expectativa de vida, de moradia, de trabalho. Ao analisar esses padrões Thompson traz importantes contribuições para a reflexão de como aquilo que parece “corriqueiro” faz parte de um processo histórico. Nesse sentido contribui para reflexão acerca do que é estar fora dos padrões considerados “normais” e quais limites e tensões marcam esta experiência. Ver: THOMPSON, E. P. Padrões e experiências. In: **A formação da classe operária inglesa**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2001. p. 179-224. v. 2

⁷⁸ Entrevista realizada com o Sr. Alejandro Schwindt, na Praça Clarimundo Carneiro, em Uberlândia, no dia 15 de setembro de 2006.

Percebo que não é de qualquer pessoa que ele pode se aproximar, assim como não é qualquer atitude como “*de ficar muito bêbado e fazer doiderias*”⁷⁹ que ele pode ter, uma vez que, sendo “estrangeiro”, certos atos podem lhe prejudicar mais do que a outras pessoas que estão nesta mesma situação, mas que são brasileiros.

Nesse sentido, vejo que seu enredo também possibilita refletir sobre a problemática de ser visto como um estrangeiro, uma experiência de vida que o coloca em situação diferente das de seus colegas que dividem com ele o espaço das ruas e praças, alguns artesãos como ele, outros vendedores dos mais diferentes objetos.

Por mais que compartilhe com essas pessoas as mesmas dificuldades e lutas, o fato de ser estrangeiro não pode ser desprezado, pois, como diz em sua narrativa: “[...] *uno como estrangeiro se tiene que cuidar muito por causa de que no puedo perder mis trabajos porque se eu perdo mis trabajos aí estoy muy complicado e então é melhor...*”⁸⁰.

Assim, são em momentos como os de fiscalização, por exemplo, onde todos correm os mesmos riscos de perder seus produtos, que os estrangeiros podem perder algo mais, principalmente os que se encontram em situação de ilegalidade.

Há ainda que se considerar que essas pessoas vivem e estão sempre sob as mesmas condições que todos os trabalhadores, pois o seu terreno comum de experiências compartilhadas é o de classe trabalhadora. Isto significa a ameaça constante do desemprego, da falta de dinheiro, da fome, entre tantas outras possibilidades. No entanto, acredito que os significados que esses sujeitos trazem, quando falam dessa experiência, também permitem refletir sobre o que significa ser considerado estrangeiro e o que isso implica em suas lutas cotidianas.

Assim como o Sr. Alejandro, também a Sra. Norca traz em sua narrativa elementos que permitem refletir sobre essa dinâmica de luta pela permanência, sobrevivência e pelo trabalho. Ao lhe perguntar durante uma entrevista sobre como é sua vida em Uberlândia, ela respondeu:

Trabalhando así dá, dá para sobreviver. Aqui para vivir e tendo este negócio que nós temos é difícil por, por los fiscales. É, o ano passado foi que tava trabalhando um peruano também com esse mesmo artesanato, acho que estava em una cidade de São Paulo voltando, voltando do trabalho dele que foi na exposición, tava na rodoviária e pegaram tudo la mercaderia, tuda, deixaram sin nada. Se, é, entón, ele ficou así um poco, não um poco, ficou muito triste e

⁷⁹ Entrevista realizada com o Sr. Alejandro Schwindt, na Praça Clarimundo Carneiro, em Uberlândia, no dia 15 de setembro de 2006.

⁸⁰ Idem.

*começou de novo pero así emprestando dinheiro, é, pero mais también está trabalhando, está na luta...*⁸¹

Esta possibilidade de perder os produtos que vende, ou o material que utiliza para produção de seu trabalho, é uma possibilidade que todos os trabalhadores que atuam na praça e não possuem licença da Prefeitura Municipal para realizá-lo têm em seu horizonte. Porém, no caso de estrangeiros esse problema pode tornar-se mais complexo, visto que, muitas vezes sozinhos, não podem contar com a ajuda imediata de seus familiares; se “ilegais” também correm o risco de serem extraditados.

Assim, embora compartilhem de forma similar as mesmas expectativas, tensões e desigualdades que as demais pessoas presentes na praça, diferenciam-se delas devido à condição de estrangeiro e ao mesmo tempo de “ilegal” que lhes é imputada pelas leis e fronteiras estabelecidas.

Esta situação implica serem vistos por alguns como fora-da-lei. No entanto, acredito que a cidadania não deve ser pensada segundo o estatuto jurídico de cada Estado, mas a partir do movimento das pessoas que constituem seu lugar dentro do processo de desterritorialização/reterritorialização. Nesta direção, compreendo que o sentido do pertencimento não é constituído pelo espaço, mas nas relações com as pessoas, desta forma, a questão não é de onde a pessoa é, mas onde deseja ficar.

Em relação a esta situação de “ilegalidade” é interessante perceber como nem todos os estrangeiros são estimulados a permanecer no país, o que conseqüentemente conduz a tal situação.

As leis que regem a migração no Brasil foram editadas em um período histórico marcado pelo autoritarismo. Aprovado o Estatuto do Estrangeiro⁸² em 1980, foi sancionado em 1981. Suas determinações condizem mais com o regime de exceção pelo qual o Brasil havia passado do que com o momento de abertura política que estava sendo iniciado. Desta forma, o que prevaleceu neste Estatuto foi o caráter autoritário, onde a segurança nacional tornou-se fundamento para discriminar e fazer com que todo estrangeiro fosse visto como subversivo e prestes a colocar em perigo a sociedade brasileira. Por outro lado, abriu também espaço para que entrassem no país todos aqueles cuja vinda seria considerada oportuna para alguns setores técnicos com um nítido apoio ao capital privado.

⁸¹ Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em Uberlândia, no dia 14 de abril de 2006.

⁸² Sobre as condições de permanência no Brasil ver o Estatuto do Estrangeiro e o site da Polícia Federal. Disponível em: <<http://www.dpf.gov.br/>>. Acesso em: 03 mai. 2006

Nessa direção, percebo que apesar de hoje a idéia de um mundo globalizado ser propagada juntamente com a possível flexibilização das fronteiras, estas ainda existem para aqueles que são considerados “mão-de-obra desqualificada”.

Mesmo sendo evidente o entrelaçar neste processo de globalização de uma diversidade de experiências e culturas, não podemos esquecer que isso se dá no interior de uma relação desigual de poder, o que gera conflitos e a tentativa de homogeneização de algumas culturas – mesmo que isto não chegue a acontecer –, assim como a busca por silenciá-las⁸³.

Além das questões apontadas, a narrativa do Sr. Alejandro também permitiu refletir sobre a auto-censura que se faz presente em sua fala. Esta auto-censura chamou minha atenção mais uma vez para o problema da discriminação e da imagem projetada sobre estes trabalhadores, tanto em relação a suas práticas quanto em relação a sua situação de estrangeiro.

Percebo em seu enredo que este sujeito realiza escolhas sobre o que é e o que não é conveniente falar e as interpreto como uma forma de resguarda-se, uma vez que não conhecia suficientemente a pessoa com quem estava falando: “[...] *essa gente, tem gente bueno dessa pero, uno como um estrangeiro...*”⁸⁴.

Ao lhe perguntar sobre o lugar onde estava morando este artesão seleciona o que para ele pode ou não ser dito:

*El barrio não posso falar porque não lembro, só por isso, não lembro o nome de barrio, em realidad eu não sei o nome de barrio, eu sei que el dueño del hotel é um japonês, só sei eso, que es um japonês e que es muito boa gente e nada mas e já anteriormente eu parei nesse hotel.*⁸⁵

Esta auto-censura ocorre durante a entrevista não apenas porque o narrador sabe que está “infringindo” as leis brasileiras de permanência no país e conhece as concepções que os agentes públicos têm sobre os estrangeiros, mas principalmente pelo medo de que outras pessoas tomem conhecimento de sua situação. Ele sabe que seu visto está vencido e que está falando com uma pesquisadora que produzirá um trabalho que se tornará público. Por isso, além de selecionar, escolhendo cuidadosamente o que será dito, este trabalhador também procura justificar o porquê de continuar no país de

⁸³ Para um maior aprofundamento sobre as questões que se colocam sobre a América Latina no contexto da globalização, ver: ORTIZ, Renato. El contexto mundial y el iberoamericano. In: _____ (Org.). **Culturas y sustentabilidad en Iberoamérica**. Barcelona: Interarts, 2005.

⁸⁴ Entrevista realizada com o Sr. Alejandro Schwindt, na Praça Clarimundo Carneiro, em Uberlândia, no dia 15 de setembro de 2006.

⁸⁵ Idem.

forma “ilegal”, permanência esta que é assegurada principalmente pelo trabalho que realiza.

Ao lhe perguntar como iria para Argentina, já que disse que no fim do ano de 2007 voltaria para visitar sua família, o Sr. Alejandro diz:

*Acontece que faz, mas o menos quinze dias que acaba de salir um, una lei nueva agora com el Mercosul.*⁸⁶

P: Ah, é?

*É, que agora argentino puede tirar documentación em Brasil, brasileiro pode tirar documentación em Argentina e pode ficar de boa é em el país sin problema algum*⁸⁷.

Por conviver quotidianamente com essas tensões ou temores esses trabalhadores ficam atentos às mudanças que lhes ajudariam a transitar “livremente”, buscando assim certas brechas que se abrem na lei principalmente para os países que compõem o Mercosul para que possa utilizá-las a seu favor. Ao continuar sua narrativa ele diz:

*Eu me enteré faz pouco tiempo, é foi muito bom pra mim por causa de que eu estava voltando, já estoy voltando pra Argentina é acho que el primero de diciembre eu vou estar em Buenos Aires e é eu já estava com um poco de temor em passar a frontera, pero agora com lo que sé volto contento.*⁸⁸

Este trabalhador tem consciência que o fato de ser estrangeiro deve estar em seu horizonte, o que diferencia sua forma de lutar e resistir em relação aos trabalhadores brasileiros que utilizam o espaço da praça para trabalhar. Cruzar a fronteira sem a documentação necessária significa transgredir leis estabelecidas correndo sempre o risco de sofrer sanções.

Por outro lado, tem expectativa de que sejam relaxadas as exigências entre países o que leva a refletir se esta também não seria uma forma de atenuar as fronteiras sociais que são construídas todos os dias nas relações estabelecidas e que são experimentadas por ele em seu viver.

Ao interpretar o enredo construído pelo Sr. Marcelo percebi que, assim como nas narrativas do Sr. Alejandro, o diálogo era delimitado por meio de certa censura. Ao lhe pedir para falar novamente, agora gravando, sobre o que aconteceu no dia em que os fiscais apreenderam suas produções, ele diz: “*Aquele que... você quer que conte de*

⁸⁶ Sobre leis, normas, decretos e resoluções a respeito da permanência de estrangeiros no Brasil, ver o site do Ministério da Justiça – Departamento de Estrangeiros. Disponível em: <<http://www.mj.gov.br/Estrangeiros/default.htm>>.

⁸⁷ Entrevista realizada com o Sr. Alejandro Schwindt, na Praça Clarimundo Carneiro, em Uberlândia, no dia 15 de setembro de 2006.

⁸⁸ Idem.

*novo? Tá bom. Oh, aconteceu assim é, mais ou menos os fiscais tão chegando três vezes por dia, entendeu? Eso não é para os fiscais não?”*⁸⁹.

O diálogo construído nas entrevistas foi marcado por certa desconfiança, certo temor. O próprio problema da documentação nunca foi falado abertamente em conversas que estavam sendo gravadas, sempre que perguntava sobre isto a resposta era de que já estavam “providenciando todos os papéis necessários”.

Esta tensão permanente na produção das narrativas faz pensar no por que da escolha destas pessoas em viver de forma itinerante, qual o motivo as faz optar por deixar seus países, quais sentidos atribuem às suas idas e vindas.

Ao longo das entrevistas realizadas percebi que esses trabalhadores construíam em suas narrativas diferentes sentidos para a escolha em vir para o Brasil. Seus enredos distanciam-se daquelas explicações que insistentemente os meios de comunicação divulgam. Se por um lado, alguns firmaram sua condição de vir para trabalhar, outros, ainda que se referissem ao trabalho, também apresentaram outras razões.

Em uma entrevista realizada na Praça Tubal Vilela com um jovem trabalhador argentino, o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, de 27 anos, perguntei-lhe por que ele decidiu ser artesão e ele disse:

*[...] quem é artesão como eu no viaja por causa de dinheiro, viaja por causa de conocimiento, enriquecer conocimiento, sabe? Aventuras, somos eternos adolescentes que buscamos aventuras a cada momento, entende? E le voy ti falar um segredo a maioria das personas que viajam son bem sucedidas em suas casas, com eso uma vida bem sucedida, às vezes és tão rotinária e aburrida que personas así precisam de emoções fortes e tratam de buscar, procuram las aventuras, passar fome, necesidad, dormir na rua pra poder se encontrar certo sentido na vida, sabia?*⁹⁰

O que o Sr. Fernando expressou como aventura levou a refletir sobre qual foi a estratégia criada por ele para explicar o porquê da sua vinda e da sua presença enquanto trabalhador nesta cidade.

À primeira vista sua entrevista pareceu de uma pessoa que pouco valor tinha dado à minha proposta de trabalho, no entanto, a forma de retratar os motivos que o levaram a vir para o Brasil construindo uma imagem de si mesmo como uma pessoa aventureira e curiosa por conhecer outros lugares e países, transformou-se em um recurso que fez refletir sobre como, por meio desta auto-imagem, ele estava

⁸⁹ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

⁹⁰ Entrevista realizada com o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em Uberlândia, no dia 13 de março de 2006.

contrapondo a possibilidade de que eu o enxergasse como uma pessoa desprovida de recursos e de conhecimentos, ou seja, como sendo um não-cidadão.

Outra questão que chamou a atenção nesse relato foi o modo como este trabalhador apresentou sua experiência de forma positiva, buscando construir a imagem de um sujeito livre e ao mesmo tempo bem-sucedido economicamente, pois disse não viajar por causa do dinheiro, bem como ser uma pessoa instruída e conhecedora da vida, procurando assim igualar-se comigo na sua diferença⁹¹. Desta forma, não se coloca como vítima, mas apresenta as dificuldades pelas quais passou como aprendizado de suas andanças.

Ao ser indagado sobre como se tornou um artesão, ele diz:

*Ah, curso... Curso de fome. É real, você passa tanta fome às vezes que não sabe o que fazer que alguma coisa tem que fazer, aí bom, a primeira coisa que você aprende nesse curso da vida é a fazer coisas com as mãos, e así tu começa fazendo uma pulseirinha com algum hippie que tu coneci o fazendo quebra-cabeças que son jogo que se faz com arame e aí tu vai, cada dia es um, cada dia es um dia mais de conhecimento e medianamente tu vai aprendendo uma coisa e outra, e outra, e outra, e outra que tu chega certo momento que já te torna um artesão por própria força da natureza e a su vez, é, tu começa a gostar de criar coisas.*⁹²

Ironizando, fala que ser artesão aconteceu de forma inesperada, pela necessidade de continuar a viver, por meio da experiência diária e das relações construídas com outros. A necessidade de sobreviver faz com que busque alternativas até que “*tu chega certo momento que já te torna um artesão por própria força da natureza e a su vez, é, tu começa a gostar de criar coisas*”⁹³.

Por outro lado, o que podemos perceber enquanto necessidade também inclui os sonhos, os desejos e as esperanças que cada sujeito carrega quando escolhe sair de seu país e, sobretudo quando reflete essa escolha a partir daquilo que vivera em suas viagens e em suas estadias em diversas partes do Brasil e da América Latina.

As experiências das mulheres entrevistadas e que também estavam na Praça Tubal Vilela trabalhando ou acompanhando seus maridos, trazem diferentes explicações, outros significados para suas andanças⁹⁴.

⁹¹ Cf. PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho; algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Revista Projeto História**, São Paulo, PUC, n. 15, p. 13-33, abr. 1997.

⁹² Entrevista realizada com o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em Uberlândia, no dia 13 de março de 2006.

⁹³ Idem.

⁹⁴ Sobre as diferentes formas de luta e resistência das mulheres da classe trabalhadora, ver: THOMPSON, Dorothy. Marxismo e história; agendas escondidas do século XIX. **Cadernos AEL: populismo e**

Perguntei a Sra. Norca, casada e mãe de uma menina de 13 anos, sobre o motivo de sua vinda para o Brasil, e ela disse:

É, meu esposo veio aqui a visitar, a visitar o irmão que estava aqui e gostou de, de, de Uberlândia, de aqui de Brasil e acabou ficando. Eu fiquei em Peru, fiquei três anos com minha filha. Ele achou, pensou voltar a Peru, pero mais ficou aqui. [...]

P: *E o seu marido ajudando daqui?*

Ele ajudou também um pouco porque ainda ele estava trabalhando para o irmão dele, para meu cunhado. Aí que ele não estava ganhando muito bem porque era funcionário, né?

P: *E o que que ele fazia?*

É, ele fazia así, este tipo de trabalho como você sabe, este de artesanato.

P: *Artesanato também.*

É, artesanato. Aí mandava um pouco de dinheiro, só um pouco não era muito también e eu trabalhei lá, eso que ajudo mais um pouquinho também pra por vir aqui. Três sin ver a ele; a minha filha deixou ele de, de quatro anos, quatro anos, quando ela estava, quando viajamos aqui estava de sete anos, sete.

P: *Pequena.*

Uhum. E la gente só se comunicava assim por telefone, só por telefone. Eu não estava para vir aqui, né? E até que chegué foi difícil para acostumar, foi muito difícil.

P: *É, você tinha dito que quando você veio, no primeiro mês você não queria ficar, por que que você ficou?*

Porque la família tem que estar unida, é, tenho minha filha, el, um pai para a minha filha, estar junto los três, né? É por isso que fiquei mais também; para não separar a minha filha do pai também, né? É eso.

P: *É importante, né?*

É eso sobretudo. Estar unido, trabalhar, estar na luta aí. Trabajamos los dois, é.⁹⁵

Trata-se aqui de como a vinda para o Brasil possui um sentido diferente para as mulheres que, embora esteja também relacionado à necessidade de trabalhar, traz em seu enredo motivações que estão ligadas a afetos e valores morais. Aqui são os costumes que estão em questão, nem sempre é apenas a sobrevivência, a aventura ou mesmo a melhoria de vida que motiva a itinerância das pessoas. Atrelados a isso, ou mesmo mais do que isso, estão os laços afetivos, o desejo de criar os filhos no interior “de uma família” que tenha a presença do pai. Esses laços afetivos também dão significância à luta cotidiana e são as referências morais de família e de um prosseguir, mesmo que com dificuldades, mas sem a perda do companheiro.

trabalhismo. Campinas, UNICAMP/IFCH/AEL, v. 11, n. 20/21, p. 209-221/ p. 225-237, 2004. Nesses textos Dorothy Thompson discute noções de classe, fala do estudo que realizou sobre as mulheres artistas, mostrando novas dimensões de análise dentro da tradição marxista que foram possibilitadas pelos estudos sobre os movimentos e práticas classistas.

⁹⁵ Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em sua residência, no dia 14 de abril de 2006.

Referenciando-se em valores morais é que a Sra. Norca coloca como central a presença de seu marido. Ao narrar em quais condições se encontrava esta trabalhadora confere sentido à necessidade de não separar sua filha do pai. Sua opção em manter a família unida imprime significado aos papéis que cada membro na família possui, o que embora naturalize a função do marido como chefe da casa, não significa ao mesmo tempo negar sua própria importância para a economia familiar. Afinal, se buscarmos outro ângulo de visão poderemos compreender melhor como ela atua tanto nos espaços públicos quanto privados de seu lar. Agindo como mãe, como dona de casa, assim como em seus trabalhos fora de sua casa, busca soluções para os problemas que enfrenta como o de criar os filhos e então coloca a necessidade da presença do pai como fundamental para a união da família.

Desse modo, a luta pelo pertencimento a um lugar não ocorre desvinculada do que a pessoa é no seu todo: mulher, esposa, mãe, trabalhadora. Todos esses valores atuam conjuntamente no exercício de suas práticas sociais, compondo as formas de narrar sobre suas trajetórias e escolhas; por isso, entender esses sentimentos e motivações perpassa a visão a respeito dessas pessoas em suas relações e lugares sociais.

Nesse sentido, durante uma entrevista em sua residência, a Sra. Núvia Celeste Pacho Micalto, equatoriana de 34 anos, mãe de dois filhos e casada com o Sr. Edwin Lars Sota León, falando sobre sua vida no Equador, pauta seu enredo no trabalho que realizava:

*P: Uhum. E como que era a sua vida lá? O que que você fazia lá no seu país?
Eu trabalhava, né? Dava aulas...*

P: Aqui então é diferente...

*Sou de casa agora. Diferente, muito diferente, mas vale a pena, né? Vale a pena por, por mis meninos eles estão felizes com o pai.*⁹⁶

Dentre as motivações para a vinda ao Brasil está a melhoria das condições de vida para família, mas apesar das dificuldades para conseguir dinheiro, suas motivações não estão apenas localizadas nos problemas de sobrevivência e na necessidade de trabalho. Afinal, essas mulheres possuíam emprego trabalhando dentro e fora de casa: no caso da Sra. Norca, no momento da vinda possuía um pequeno restaurante e, no caso da Sra. Núvia atuava como professora de inglês.

⁹⁶ Entrevista realizada com a Sra. Núvia Celeste Pacho Micalto, em Uberlândia, no dia 20 de abril de 2006.

Nessa direção, a Sra. Núvia também traz em seu enredo as motivações de sua vinda ao Brasil firmada nessa necessidade da presença de um pai para a formação de seus filhos:

P: E, e assim, a situação que tava lá no país influenciou você a vir para o Brasil?

Não influenciou nada não porque Equador está muito bem graças a Deus. Tuvo muito problema de economia com outros presidentes, mas agora el está muito bem só que influencia... Me venia aqui influenciou foi meu marido, né? Estar perto de ele, ele gosta de aqui demais e os meninos tem que estar com o pai, né? Criar, eles tem que crescer com el.

P: É, a educação, né?

*A educação. Porque eu estava sendo pai e mãe, né? Então ele tem que ajudar também por isso que eu vim mais aqui.*⁹⁷

O valor atribuído à presença do pai, o que lhe imputa responsabilidades e obrigações para com a família, parece fundamentar-se não apenas enquanto às necessidades econômicas, mas liga-se principalmente ao papel moral que desempenha frente à família enquanto trabalhador honesto. Sua presença parece ser a garantia do equilíbrio de seus viveres ao dotar, por meio da ética, do respeito o núcleo familiar, o que significa lhe imprimir dignidade⁹⁸.

Além disso, compreendo que essas mulheres buscam direitos à sua diferença de “ser mulher”. Dentro da situação em que vivem, elas imprimem no homem a função de chefe da casa para legitimar seus valores sobre a família, mas também, e principalmente, para se “defenderem” de uma situação de exploração onde elas são muitas vezes “pai e mãe”⁹⁹.

Por isso, essas formas de valorizar a família e de atribuir responsabilidades ao marido não podem ser vistas como um ato de passividade. Essas mulheres constroem seus lugares lutando por valores, e somam a esses valores uma resistência contra as injustiças que possam sofrer.

Já o esposo da Sra. Núvia, o Sr. Edwin, constrói em seu enredo outra motivação para sua vinda para o Brasil. Em uma entrevista realizada na Praça Tubal Vilela durante seu período de trabalho como músico, onde ele toca sua flauta e vende seus próprios

⁹⁷ Entrevista realizada com a Sra. Núvia Celeste Pachó Micalto, em Uberlândia, no dia 20 de abril de 2006.

⁹⁸ Foi extremamente importante para essas reflexões a leitura do artigo: TELLES, Vera da Silva. A experiência da insegurança: trabalho e família nas classes trabalhadoras urbanas em São Paulo. **Tempo Social**, Revista de Sociologia. São Paulo, USP, v. 4, n. 1-2, p. 53-93, 1992.

⁹⁹ Entrevista realizada com a Sra. Núvia Celeste Pachó Micalto, em Uberlândia, no dia 20 de abril de 2006.

CDs de músicas instrumentais, quando pergunto sobre os motivos que lhe trouxeram ao Brasil, ele diz:

Então, a gente como músicos que la gente é la gente já viajou muito, muita parte do mundo, né? Europa, parte de aqui de América como Equador, Colômbia, Venezuela, Bolívia, Paraguai, então, la gente viu una, una boa, boa expectativa de trabalho aqui, né? Faz tempo que la gente veio aqui que foi faz, mais ou menos a oito anos atrás, né? É, no tinha muitos músicos por aqui, né? Entón, era una novidade o trabalho andino que la gente faz, né? Os instrumentos de sopros entón la gente veio, apareceu aqui, né? Então, la gente gostou, foi ficando, ficando e ficou, né? Hasta ahora.¹⁰⁰

Suas motivações estão mais ligadas ao valor do trabalho e à necessidade de encontrar um espaço cada vez melhor para desenvolvê-lo. Seus sentimentos pela família ou sua necessidade de amparo não são colocados em seu enredo como fundamentais, embora faça também parte de seus valores.

Por outro lado, estes sujeitos, mesmo possuindo diversas motivações para suas andanças, condições espaciais e temporais diferenciadas, podem ser ligados a uma experiência comum, ao trabalho que realizam, principalmente ao artesanato e à música.

Ao relatar suas trajetórias e experiências enquanto artesãos e músicos, estas pessoas falaram de suas condições de trabalhadores. Em suas narrativas, o trabalho constitui não apenas um meio de ganhar a vida, mas uma forma também de criar laços e relações de pertencimento com a cidade e de se relacionar com as pessoas transformando assim suas experiências.

A vinda da Sra. Norca e da Sra. Núvia para o Brasil está diretamente ligada ao trabalho que seus maridos vieram realizar, assim como, aos seus sentimentos, afetos e o valor que dão à união da família e à presença do pai e marido. Também foi por meio do trabalho que o Sr. Marcelo, o Sr. Fernando e o Sr. Alejandro, entre outros, vieram para o Brasil.

Por meio do trabalho eles tornam-se pertencentes ao mesmo “mundo” dos brasileiros que utilizam os espaços da cidade como local também de trabalho e neste “mundo” criam identificações que vão sendo geradas e significadas constantemente.

Quando perguntado sobre as dificuldades econômicas e a falta de dinheiro o Sr. Alejandro, durante a entrevista na Praça Clarimundo Carneiro, disse:

Hasta agora é, eu nunca passei fome, é, se eu passei fome eu passei fome porque eu quise passar fome. É, pero se você es trabajador não tem porque passar fome, é, é, é difícil não solo para nosotros por lo jeito de vida que

¹⁰⁰ Entrevista realizada com o Sr. Edwin Lars Sota León, em Uberlândia, no dia 14 de junho de 2006.

*fazemos, é difícil pra todo la gente em general, é, eu acho que é difícil pra todos, é, la vida...*¹⁰¹

O que percebo nesta narrativa é que o Sr. Alejandro está dizendo sobre uma situação que ele vivencia não isoladamente, mas que faz parte da vida diária e do horizonte de possibilidades de todos os trabalhadores. O processo de visão do entrevistado que surge nesta narrativa traz elementos para pensar sobre como é constituído o dia-a-dia das pessoas que ocupam a Praça Tubal Vilela por meio de suas relações de trabalho.

A forma como apresentam suas situações permite a reflexão a respeito das experiências vividas por esses trabalhadores, as formas como resistem à fiscalização da Prefeitura Municipal que ocorre constantemente na praça, criando assim estratégias para viverem e permanecerem em Uberlândia como cidadãos. Formas de viver o social que em alguns casos os aproximam e em outros os distanciam dos trabalhadores brasileiros.

Extremamente complexo, o espaço que ocupam como um lugar de trabalho se constitui nas tensões e disputas, pois abriga diferentes pessoas que o utilizam de formas variadas e que o constroem socialmente por meio de sua luta por estar ali.

Tendo em vista este horizonte, o capítulo seguinte buscará compreender as relações constituídas para que possam viver de modo itinerante; as formas de convivência, as resistências e as acomodações geradas a partir do trabalho que realizam nos espaços da cidade.

¹⁰¹ Entrevista realizada com o Sr. Alejandro Schwindt, em Uberlândia, no dia 15 de setembro de 2006.

CAPÍTULO II

Trabalho e experiências nas disputas pelos espaços da cidade

*“A História é um carro alegre
Cheio de um povo contente
Que atropela indiferente
Todo aquele que a negue...
Quem vai impedir que a chama
Saia iluminando o cenário
Saia incendiando o plenário
Saia inventando outra trama.”*

*(Canción por la unidad de Latino América -
Pablo Milanés e Chico Buarque de Hollanda)*

Convido agora você leitor a me acompanhar nas próximas páginas deste capítulo trilhando comigo os caminhos pelos quais analiso as redes de solidariedade que os trabalhadores latino-americanos estabelecem nas relações constituídas para que possam lidar com a “ilegalidade” e construir estratégias para viver no Brasil. A partir desta reflexão, peço que me acompanhe também nas discussões sobre o trabalho que realizam na praça e como se tornam sujeitos nas relações que constituem nos espaços da cidade durante o tempo em que nela permanecem.

Durante os momentos que compartilhei com os trabalhadores latinos em minhas idas à Praça Tubal Vilela, assim como nos encontros em suas casas em algumas oportunidades, pude perceber que o trabalho que realizam não significa para essas pessoas apenas um meio de sobrevivência, de onde retiram seu dinheiro para continuar no Brasil.

Suas experiências evidenciam um sentido diferente para esse “viver sem fronteiras”, uma vez que, ao contrário dos movimentos migratórios do final do século XIX e início do século XX incentivados pelo governo em suas políticas de substituição de mão-de-obra, suas narrativas indicam que esses trabalhadores não vieram “fazer a América”.

Segundo Renato Ortiz¹⁰², neste mundo em constante transformação, o fluxo de pessoas por todas as partes é um dos meios pelo qual o processo de globalização é

¹⁰² Ver especialmente os capítulos “El contexto mundial y el iberoamericano” e “Las culturas de la contemporaneidad” em: ORTIZ, Renato. **Cultura y sustentabilidad en Iberoamérica**. Barcelona: Fundación Interarts, 2005, p. 23-39.

redimensionado enquanto um processo social e não apenas econômico. Por isso interpreto suas andanças não apenas relacionadas a necessidades financeiras, mas principalmente buscando compreender como esses sujeitos criam seus territórios transformando a própria dinâmica de suas vidas nos lugares para onde se dirigem.

É dentro deste processo de permanente transformação que o movimento de trabalhadores latinos por diversas partes do mundo, e em especial em nosso país, coloca o desafio de pensar os direitos de forma ampliada, ou seja, não mais os referenciando como outorgas. Estes trabalhadores, ao romperem com as fronteiras dos Estados-nações, acabam por transformar o mundo em um espaço público dentro do qual, segundo Ortiz, *“se enfrentan concepciones y proyectos distintos, antagónicos y complementarios”*¹⁰³.

A partir desta perspectiva, as transformações geradas por este processo de deslocamento tornam possível ampliar a “noção de cidadania”¹⁰⁴, uma vez que estes sujeitos têm a expectativa, assim como buscam, por meio de suas práticas, terem seus direitos reconhecidos pelos lugares por onde circulam.

Isto não significa que, ao reconhecê-los como tal, o processo histórico vivido por cada país latino-americano seja homogeneizado ou que o Estado-nação passe a ser visto como secundário, mas sim, significa a possibilidade de pensar suas similitudes, colocando em evidência as proximidades, assim como os distanciamentos de suas experiências históricas.

É nesse sentido que as práticas e andanças dos trabalhadores latinos podem ser vistas como um deslocamento diferente de força de trabalho que, segundo Ortiz, expressa um movimento globalizado. Diante desse novo processo, percebo que esses trabalhadores estão em busca de alternativas para suas vidas, o que não significa necessariamente enriquecer e se estabelecer de forma definitiva no Brasil.

Por isso, coloco como reflexão o trabalho que realizam e seu modo de viver sempre em movimento como uma das formas possíveis de compreender suas práticas e viveres como expressões deste processo de exploração social a que eles e muitos outros

¹⁰³ Cf: ORTIZ, Renato. **Cultura y sustentabilidad en Iberoamérica**. Barcelona: Fundación Interarts, 2005. p. 23-39.

¹⁰⁴ Quando falo sobre a necessidade de ampliar a noção de cidadania tomo como referência Marilena Chauí que introduz o conceito de cidadania cultural para afirmar que “a cultura não se reduz ao supérfluo, ao entretenimento, aos padrões do mercado, à oficialidade doutrinária (que é ideológica), mas se realiza como direito de todos os cidadãos, direito a partir do qual a divisão social das classes ou a luta de classes passa a manifestar-se e ser trabalhada porque, no exercício do direito à cultura, os cidadãos, como sujeitos sociais e políticos, se diferenciam, entram em conflito, comunicam e trocam suas experiências, recusam formas de culturas, criam outras e movem todo o processo cultural”. (CHAUÍ, Marilena. **Cidadania cultural**; o direito à cultura. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006. p. 138).

trabalhadores estão submetidos. Este processo traduz um movimento de reordenação das forças e interesses no mundo capitalista que, se muitas vezes gera exploração e dominação, também aponta a construção de alternativas que, no caso dos trabalhadores latinos, evidenciam-se por meio das experiências vividas em suas andanças.

Ao longo da produção das narrativas, compreendi que para que possam viver em constante movimento é necessário que conheçam pessoas. Desde a saída de seus países até a chegada em Uberlândia, estes trabalhadores contam com a contribuição de amigos e parentes. São pessoas que vivem experiências parecidas com a desses trabalhadores e que, como já conhecem melhor o Brasil, podem então ajudá-los. Ao perceber isto foi possível compreender que sair do país implica a necessidade de criar uma rede de relações que lhes possibilitem este movimento constante.

O envolvimento de toda a família, assim como as amizades que são construídas por meio do trabalho forjam esta rede de relações que lhes proporciona uma maior estabilidade para suas andanças ou para o período em que ficarão no Brasil.

Ao narrar o trajeto que percorreu desde o Uruguai até Minas Gerais, pergunto ao Sr. Marcelo por que ele escolheu a cidade de Uberlândia para viver, e seu relato acontece da seguinte forma:

É, bueno, o negócio é assim, eu sempre teve como um ideal da minha vida poder morar no Brasil, né? Eu gosto desde de pequeno, meu pai trabalhava, é, assim de marino, ele chegava muito ao Porto de Santos, São Paulo, ele levava brinquedos pra mim, livros todos sempre daqui e eu escutava muita música também e sempre gostei do Brasil. Aí o sonho meu era ficar em alguma parte do Brasil quando eu tivesse certa idade, que eu já tinha, né? Aí a gente estava passeando por Santa Catarina e trabalhando também, o verão de 2005 e conhecemos em Laguna dois companheiros de trabalho que também eram artesãos, e daqui de Uberlândia, daí eles falaram muito bem daqui, que aqui era legal pra nós trabalhar, eles se mandaram (inaudível) pra gente, oferecendo sua casa pra quando a gente chegar até arrumar a situação e daí chegamos em Uberlândia com, com esta intenção e com esta invitación.¹⁰⁵

Em sua narrativa pude perceber que o motivo de sua vinda se apresenta em dois momentos que se entrelaçam. O primeiro momento é marcado por sua expectativa em relação ao Brasil que foi constituída por meio de músicas, livros e histórias que seu pai lhe havia contado. Estas lembranças da infância possivelmente fizeram com que o Brasil se tornasse para ele um lugar idealizado. Os brinquedos, livros e músicas que já conhecia são os referentes que ativam sua memória e que o fazem construir sua

¹⁰⁵ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, na Praça Tubal Vilela, em Uberlândia, no dia 21 de fevereiro de 2006.

narrativa onde o Brasil se transforma em um sonho de infância que se realiza agora na vida adulta.

O segundo momento está nas relações constituídas, afinal não bastava apenas sonhar com o Brasil, era necessário também construir uma rede de relações para que sua decisão de ficar em alguma parte do país fosse possível. Assim, sua chegada em Uberlândia é então mediada por expectativas, mas também por outros trabalhadores que nesta cidade moravam e que lhe apoiaram em sua empreitada.

Diferentemente do Sr. Marcelo que fundamenta a escolha pelo Brasil em suas reminiscências da infância, a vinda do Sr. Isaías Manuel Velásquez Villega, chileno de 50 anos, que vive no Brasil desde 1981, é marcada por um tempo diferenciado. Ao narrar sobre sua decisão de sair do Chile, ele fala:

*[...] estube seis anos na marinha de guerra, era marinheiro enfermeiro, então, e depois eu apresentei com cinco anos apresentei a renúncia pra sair da marinha, eu não gostava da marinha, eu entrei porque minha mãe me disse que era bom pra mim que era uma carreira e essas coisas todas, né?*¹⁰⁶

Sua narrativa traz as marcas de sua experiência na Marinha Chilena e, conseqüentemente, por ter entrado nela no ano de 1973, sua vida acaba sendo envolvida no golpe que ocorreu seis meses depois da sua entrada. Ao refletir sobre o enredo que construiu para explicitar suas vivências, compreendi que a necessidade de buscar melhores condições de vida fora da marinha significava principalmente romper com uma disciplina que contradizia com seu modo de viver e que foi suportado por ele como um meio para ganhar a vida.

Ao lhe perguntar por que resolveu deixar seu país esse trabalhador diz:

*[...] saindo da marinha, eu estive seis anos, eu entrei 73, 73, 74, 75, 76, 77, 78 foi o ano que eu saí, entendeu? Eu tube seis anos depois eu saí porque eu pensei direito, eu já mexi com isso, não vou voltar atrás e não gosto muito mesmo dessa disciplina militar, então, vou sair. Aí fiquei um tempo desempregado no Chile quando eu estava sentado fora de casa así por essas horas tipo quatro da tarde passou um sub-oficial da marinha que eu conhecia de quando eu estava no hospital naval como enfermero e conversando com ele, ele me disse “vá para o Brasil, o Brasil é bom, eu tenho uns sobrinhos em São Paulo e eles tão bem, vai lá pro Brasil”, me deu o endereço e eu vim pra cá, né? Aí eu encontrei aqueles parentes dele e me deu uma orientação, uma ajuda e eu fiquei por aí.*¹⁰⁷

¹⁰⁶ Entrevista realizada em Uberlândia com o Sr. Isaías Manuel Velásquez Villegas, no dia 14 de junho de 2006.

¹⁰⁷ Idem.

Ao marcar o tempo em que estive na marinha me pergunto o que seria o “*entendeu*” utilizado por ele ao término da marcação que faz deste tempo. Possivelmente estaria tentando me chamar a atenção para esta experiência que viveu em busca de construir um diálogo em que houvesse um entendimento comum sobre o que foi viver este tempo da ditadura chilena.

Fico, assim, pensando sobre as reformulações que ocorreram dentro da marinha com a militarização do Estado¹⁰⁸, o que me faz refletir sobre como foi para ele viver este tempo enquanto um enfermeiro da marinha e se, para além da necessidade de trabalhar, o Sr. Isaías também não sentiu a necessidade de se afastar da repressão, da sobrecarga de trabalho, da intolerância e da disciplina militar, da qual ele já não gostava muito, mas que foi obrigado a aceitar como uma forma de sobreviver. Talvez esta seja uma escolha política que permite refletir sobre o que o trouxe ao Brasil.

Além disso, deve ser salientado que, embora os significados atribuídos para sua vinda sejam diferentes, as relações constituídas por este trabalhador foram fundamentais para que pudesse permanecer no Brasil. Assim como o Sr. Marcelo, também o Sr. Isaías constituiu relações que lhe indicaram um lugar para o qual deveria se dirigir para trabalhar. A cidade de São Paulo foi ao primeiro momento sua opção, pois lá havia pessoas que podiam lhe dar “*uma orientação, uma ajuda*”¹⁰⁹.

Essas redes de solidariedade estabelecidas tornam-se a base para o viver dessas pessoas ao longo de suas andanças por diversas cidades e países. Ao dialogar com a Sra. Norca durante uma entrevista em sua casa, ela explica como sua família conseguiu alugar a casa onde moram, uma vez que se encontram de forma “ilegal” no país, portanto, sem os documentos necessários para que um contrato de aluguel seja firmado por meio de uma imobiliária:

[...] antes [de vir] já meu esposo estava aqui. Ele conheceu um amigo, por intermédio desse amigo, entón, foi mais fácil, foi mais fácil de alugar.

P: *Dáí esse amigo ajudou?*

¹⁰⁸ Sobre esta problemática é interessante a abordagem de Eder Sader em seu livro **Um rumor de botas**. Neste livro foram reunidos ensaios onde Sader analisa o processo de militarização da sociedade chilena, buscando compreender porque o Estado democrático chileno foi destruído com o golpe militar de 11 de setembro de 1973, uma vez que este possuía representatividade social. A tese que Sader defende neste livro é que o golpe aconteceu para frear o processo revolucionário que o Chile estava vivendo. Também é interessante na medida em que nos conduz à reflexão sobre o que foi viver a militarização da sociedade, com a intensificação da vigilância, da repressão e da intolerância, o que foi viver um período onde fez-se presente um constante “rumor de botas” (Cf.: SADER, Eder. **Um rumor de botas**; a militarização do Estado na América Latina. São Paulo: Editora Pólis, 1982).

¹⁰⁹ Entrevista realizada em Uberlândia com o Sr. Isaías Manuel Velásquez Villegas, no dia 14 de junho de 2006.

*Ajudou. Por isso que falo que la gente, aqui brasileiro ajuda, né? É isso.*¹¹⁰

Retomando este mesmo tema em outra entrevista realizada em sua casa, a Sra. Norca fala:

[...] foi por um amigo de meu esposo. É, esse amigo conhecia la dona de aqui, entón, ele recomendó e foi como garante. Foi como garante e por isso que nos alugaram essa casa. Tem que ser conhecido assim para, por fazer...

P: *Tem que ter outras pessoas, né?*

*Ter outras pessoas que são de aqui, conhecer e para por alugar se não la gente fica na rua. É, aí, aqui estamos já, dois meses em esta casa. Também que, a casa não es así muito boa pero dá para morar. Dá para morar, o aluguel es menos, tudo, estamos, é, mais perto também do centro porque no otro lugar dá, é longe demais, na otra casa que estávamos e hoje tá melhor. Tá melhor até para as meninas brincar aqui um pouquinho, tem este área grande, é folgado.*¹¹¹

O que percebo é que a receptividade dos brasileiros, da qual muitos falam durante as entrevistas¹¹², está vinculada também a determinadas necessidades. Por trás do caminho que percorrem existem relações construídas que ajudam a promover os deslocamentos, constituindo assim um círculo de apoio que propicia o estabelecimento em uma moradia ou que lhes dão abrigo por algum tempo até que tenham condições financeiras para alugar sua própria casa¹¹³.

Em seu enredo, esta trabalhadora ainda aponta quais são os critérios da escolha do local para morar, onde “o aluguel es menos”¹¹⁴, sendo “mais perto também do centro”¹¹⁵, o que propicia, além da economia no transporte para seus locais de trabalho, também uma acessibilidade maior a esses locais.

No entanto, não pude deixar de pensar sobre o que também está do lado oposto dessas expectativas, o que significa não construir essas redes. Esses trabalhadores vivem a possibilidade de que a vinda não dê certo e que se tornem pessoas sem lugar, ficando nas ruas, e quem sabe, se tornando até mesmo indigentes.

¹¹⁰ Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas em Uberlândia, no dia 23 de março de 2006.

¹¹¹ Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em sua residência, no dia 14 de abril de 2006.

¹¹² Foi recorrente durante as entrevistas a imagem do brasileiro ou do mineiro como gente “cálida”, hospitaleira, que sabe receber bem as pessoas.

¹¹³ Para esta reflexão foi fundamental o artigo de Alistair Thomson “Histórias (co)movedoras: História Oral e estudo de migração”, onde o autor analisa a rede de solidariedade como uma “família ampliada” que torna-se crucial para a vinda e estabelecimento dessas pessoas no novo local para onde se dirigem. (Cf. THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: História Oral e estudo de migração. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002).

¹¹⁴ Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em sua residência, no dia 14 de abril de 2006.

¹¹⁵ Idem.

Além disso, o que muitas vezes significa solidariedade para esses sujeitos, para os brasileiros pode significar uma forma de ganhar dinheiro. Se por um lado essas relações constituem uma rede de solidariedade, por outro são constituídas também por interesses. Aceitar alugar uma casa sem um contrato formal para pessoas que estão “ilegais” pode ser também a garantia de pagamento caso elas tenham o interesse de se resguardarem.

Durante uma entrevista com o Sr. Marcelo na Praça Tubal Vilela este trabalhador foi narrando porque no ano de 2006 saiu de Uberlândia por alguns meses. Em sua narrativa ficam claras as tensões vividas por ele com aqueles que inicialmente haviam sido muito hospitaleiros:

É, mas em naquele 2006 se puse muito insuportable, aí se unió aquele, el marido da senhora que alugo pra nós, é um cara muito agressivo e muito invidioso, é, por invidia, porque la gente no levava gente em la casa, vo te falar, la gente que foi la casa foi você que foi una vez, não foi? O dos, não sei, uma...

[...] Uma. Fernando creio que foi duas e o Chile foi duas, em todos esses nueve meses, tô te falando, ah e foi una mulher uma vez hacer su tatuagem na casa, tá? Que la queria privado, não gostava de fazer na rua, aí o cara começo a pedir cada vez mais dinheiro por una solo pieça, todos los vizinos com casa com três cômodos tan pagando lá 130, tavan, 130, 150, aí eles começaram pedindo sempre a gente e a los nueve meses estava pagando quase 200 por aquele cômodo que você conhece. Aí tuvimos una briga com eles e se junto tudo aquilo, aquela (cordenada?), aqui tinha vontade de viajar um poco e conhecer mais, no? Que é parte dos nossos planos, aí dicimos bueno vamo embora, vamo embora e fuímos para Rio de Janeiro.¹¹⁶

Afirmando uma boa imagem ao falar de seu bom comportamento enquanto locatário e colocando-se até mesmo como uma pessoa invejada pelo locador da casa, o Sr. Marcelo traz em sua narrativa as tensões vividas nas relações que constitui. Relações essas que, se em muitas situações lhes foram favoráveis, em outras significou controle ou exploração.

O Sr. Marcelo vivia com sua esposa no Bairro Martins em um espaço que se resumia em um cômodo com banheiro onde dormiam, cozinhavam e trabalhavam criando o artesanato. Porém, apesar de seu “bom comportamento” enquanto vizinho e enquanto locatário, o Sr. Marcelo viu sua autonomia ser cerceada por um homem “agressivo e muito invidioso”¹¹⁷ que quis lhe retirar o direito de levar pessoas à sua casa e que usou isso como uma das justificativas para um constante aumento do aluguel.

¹¹⁶ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 de junho de 2007.

¹¹⁷ Idem.

Por que este controle intenso? Acredito que há interesses em jogo e que a questão não seja apenas lucrar com o aluguel, mas também uma desconfiança, pois havia a possibilidade de que fosse enganado. Afinal, fiquei pensando se ao alugar seu imóvel o dono desta casa também não se sentia como que pactuando com o Sr. Marcelo e sua esposa e se não via nesta situação a possibilidade de que eles abrigassem outros trabalhadores considerados “ilegais”.

Por outro lado, por que aceitaram esta situação por tanto tempo? Uma das possibilidades que observei ao longo da pesquisa e que pode ser uma das formas possíveis para refletir sobre esta indagação é a situação de “ilegalidade” que permeia o viver destes trabalhadores. Por isso indago também se não seria esta situação em que vivem que acabou por fazê-los suportar durante estes nove meses o controle e a exploração sofrida, período em que o aluguel foi aumentado em mais de 50%.

Além disso, acredito que este suportar possivelmente está ligado às suas expectativas de vida, pois são elas que os fazem permanecer, trabalhar, lutar por seus direitos. Por isso, não é possível ver este casal apenas como passivo neste processo de exploração. Embora a justificativa para saírem da cidade seja uma vontade de viajar e conhecer outros lugares, esta saída foi mediada pela necessidade de buscar outro lugar para ficar, onde não fossem mais controlados, resistindo, assim, ao buscar sair dessa situação.

Isto também me fez perceber que, embora exista esta rede de solidariedade ela não significa que as tensões sejam reduzidas ou anuladas, mas que, a partir delas, torna-se mais viável permanecer e trabalhar. Assim, estas redes de solidariedade se constituem enquanto estratégias para suas andanças e para o tempo em que permanecem, dando-lhes apoio já que não podem recorrer aos poderes instituídos.

Ao mesmo tempo, as problemáticas inerentes à situação de “ilegalidade” são também contornadas pelo trabalho que realizam, uma vez que sendo realizado de forma autônoma não os obriga a se submeterem a um patrão ou a leis trabalhistas, já que não possuem também os documentos para isto.

Nesta direção, compreendo que além do sentido econômico vinculado à necessidade de sobrevivência, o trabalho para estes sujeitos também é uma prática social. É por meio dele que estabelecem relações que lhes permitem permanecer no Brasil ou “circular” pelas cidades brasileiras e outros países, conseguindo moradia e garantindo, assim, seu espaço na sociedade.

Em minhas idas a esta praça começou a chamar a atenção a forma como seu espaço é significado, produzido e (re)elaborado por aqueles que o ocupam através de seus trabalhos, de suas práticas e vivências. O trabalho que realizam, seja na praça ou nas ruas centrais da cidade, coloca estes trabalhadores em contato permanente com todos aqueles que, por diferentes motivos, também dividem com eles este lugar.

Em uma entrevista com o Sr. Marcelo, realizada em sua casa no bairro Martins, peço que fale sobre o trabalho que realiza na Praça Tubal Vilela e ele inicia sua fala:

*Bueno, é, o trabalho da gente sempre tem muitos aspectos, no? Porque, é, o trabalho da gente es a vida da gente, es algo que se você tem coisa errada, é, é, é, una persona así, ciudadã, ciudadana, bom no sei como falam, tá bien ciudadã? É, sempre tem que acolher algum tipo de trabalho decente pra poder, é, levar sua vida e se cuidar, cuidar sua família, sus seres querido e sei lá desfrutar também um poco da vida.*¹¹⁸

Para falar de seu trabalho o Sr. Marcelo busca criar uma aproximação do que ele significa, partindo do suposto de que, de certa forma, o valor que lhe atribui também poderia ser compartilhado por mim. A partir da busca por um entendimento comum relaciona-o então ao sentimento de cidadania que o trabalho lhe traz, o que possibilita assim ter expectativa de um dia também ter seus direitos reconhecidos. Por não separar o trabalho das outras instâncias de sua vida, ele também não o dissocia da maneira como se requer cidadão, desta forma o trabalho torna-se um direito que, para ele, está relacionado à sua conduta e valores.

Neste sentido, percebo que ao não separar o trabalho do seu viver, pois acredita que “[...] o trabalho da gente es a vida da gente”¹¹⁹, este trabalhador amplia o significado do trabalho que não é realizado apenas como uma função, como uma atividade separada de outras dimensões de sua vida. Sua fala tem significância, permite pensar seu ofício como uma relação que não pode ser dissociada de suas vivências.

O sentido que atribui ao seu direito de desfrutar a vida também está diretamente relacionado a uma série de valores que norteiam suas vivências, assim como está ligado ao trabalho. Se por um lado o trabalho lhe possibilita usufruir o que a vida lhe oferece, pois lhe garante o dinheiro para isso, por outro esse desfrutar não acontece de qualquer maneira, mas orientado pelas responsabilidades com a família. Ter direito àquele espaço e ser um cidadão nesse sentido liga-se à honestidade e ao direito ao trabalho enquanto um direito à vida.

¹¹⁸ Entrevista realizada com Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 de junho de 2007.

¹¹⁹ Idem.

À medida que as entrevistas foram sendo realizadas percebi que esses sujeitos expressavam seus sentimentos em relação às experiências que estavam vivendo, e dentro destas experiências os embates que estes trabalhadores vivem estavam sempre à vista. Mesmo que ocorressem silêncios e auto-censura em suas falas, durante o momento da entrevista eles passavam a refletir sobre suas escolhas e seus valores que estão diretamente ligados ao trabalho que realizam.

Dentre as dificuldades colocadas por esses trabalhadores aparece a relação com os fiscais. Esses agentes públicos estão presentes nos diversos espaços da cidade para regular os usos que são feitos deles. Por isso a forma como se dá a relação com estes agentes foi recorrente em suas narrativas uma vez que faz parte da experiência diária desses sujeitos.

Em nome de uma estética para a cidade, da organização e da ordem, camelôs, carroceiros¹²⁰, catadores de papel¹²¹, trabalhadores autônomos que são vistos como informais convivem diariamente com as pressões do poder público, pretendo guardião de interesses comuns, mas que na realidade representa os interesses das classes dominantes¹²².

Chamou-me a atenção a forma como em seus enredos essas pessoas significam esta ação da Prefeitura Municipal e através dela também o valor de seus trabalhos. Por meio de suas narrativas foi possível perceber as estratégias de viver e trabalhar na cidade, as formas utilizadas para resistir às dificuldades que lhes são impostas para continuarem com seus trabalhos nos espaços da cidade de Uberlândia.

¹²⁰ Sobre este tema ver: MORAIS, Sérgio Paulo. **Trabalho e cidade**; trajetórias e vivências de carroceiros na cidade de Uberlândia. 1970-2000. 2002. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002. Nesta dissertação, o autor contribuiu para a reflexão sobre como os trabalhadores vivem na cidade de Uberlândia, resistindo às mudanças impostas por leis municipais, disputando o direito à cidade, apesar das restrições que lhes são impostas e do preconceito de grande parte da população uberlandense.

¹²¹ Cf. COUTO, Ana Magna da Silva. **Trabalho, cotidiano e sobrevivência**; catadores de papel e seus modos de vida na cidade – Uberlândia-1970-1999. 2000. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

¹²² Também destaco aqui a tese de doutorado “Muitas memórias e histórias de uma cidade. Experiências e lembranças de viveres urbanos – Uberlândia 1938/1990” da Profa. Dra. Célia Rocha Calvo que analisa os significados dos projetos de desenvolvimento engendrados pelas classes dominantes durante todo o século XX, mais precisamente o período de 1938-1990, e as transformações que ocorreram nas vidas dos moradores da cidade, homens e mulheres trabalhadores que foram excluídos desses projetos considerados de modernização. Nessa direção, Calvo contribui para a compreensão de como foi constituída uma história para a cidade na busca de apagar as memórias e excluir dessa história aqueles que contribuíram para a construção da cidade, afirmando apenas os grandes nomes de fazendeiros e comerciantes. Estes são lembrados continuamente pelos meios de comunicação existentes na cidade, sendo homenageados, alguns ainda em vida, em nomes de praças e ruas. Por meio desse trabalho e ao utilizar narrativas orais, a autora possibilita a compreensão de como são constituídas as memórias e as histórias da cidade de Uberlândia na tentativa de apagar as outras possibilidades históricas e desvalorizar a disputa entre os diferentes projetos de cidade existentes.

Para burlar o controle que é feito sobre o trabalho é interessante perceber como os trabalhadores criam estratégias que lhes permitem continuar suas atividades mesmo quando a fiscalização não quer permitir. Nas narrativas ficam mais claras as resistências criadas para viver e ter direito à cidade quando falam sobre o embate com os fiscais. Aí afloram as diversas maneiras de escapar da fiscalização. Ao perguntar ao Sr. Marcelo sobre este problema, ele disse:

Até o tema dos fiscais é divertido pra nós, claro porque até, os fiscais nos obriga a la criatividade também, entendeu? Aí quando os primeiros ataques a gente já elaborou algumas defesas pra ir embora rapidinho se eles se incomodavam, agora já tenho pensado mais outra se eles tão incomodando demais vou fazer uma pirâmide pra expor as cosas, entendeu o que eu falei? É uma pirâmide de três caras que ela vai se abojar sozinha então se dá pra, se eles falar “ah não a gente tá caminhando” por caminhando eles deixam “aí tamos de descansando [...]”¹²³

Ao falar sobre as tensões que vive em seu dia-a-dia, este trabalhador utiliza a ironia como recurso para construir seu enredo. Ironizando a situação converte o embate em criatividade, de maneira a afirmar sua esperteza e não a dos fiscais. Mostrando-se enquanto “vencedor” destas disputas ele diz: “Aí quando os primeiros ataques a gente já elaborou algumas defesas pra ir embora rapidinho se eles se incomodavam...”¹²⁴. A criatividade da qual fala é a sua maneira de lutar por seu direito a trabalhar naquele espaço.

Dentre as formas de resistir está a mudança na forma de expor os produtos de seu trabalho para que possa ter mais mobilidade, adequando-se à situação imposta pelas tensões que vivencia. Sobre esta alteração fala o Sr. Marcelo, ao continuar sua narrativa, sobre os embates com a fiscalização:

[...] eu sou da velha guarda do artesanato que gostamos de estender o pano no chão de toda aquela coisa e se vien, tem unas pocas coisas no chão, não é como antes que todo estava no chão. Então, é, eles tem, um horário, eles tem um horário, como qualquer trabalhador que no, até agora não sei se (inaudível), se por exemplo, como eu te falei otro dia, eles de manhã se vem, às vezes não vem, pero se vem, eles já quinze pras onze por aí eles já vão embora, entendeu? Aí você está tranqüilo, é, hasta mais ou menos duas horas, duas e meia, quinze pras três, sei lá, pero aqui nós faz o seguinte vamos poner as duas que já há aparecido duas horas, a gente quinze pras duas levanta todas as coisas do chão e trabalha só com isso aqui que nós chamamos asas-deltas. [...] Porque elas voam quando vem o vento aí é algo engraçado, é asa-delta, son esses panos assim montados que son fáceis de carregar, que também dan a imagem de que a gente está caminhando, se você está vendendo a pé eles não mexem, só se

¹²³ Entrevista realizada com Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 de junho de 2007.

¹²⁴ Idem.

*“você tá numa postura como eles falam, se pego um espaço público uma postura aí eles, eles mexem com você, mas se você tá vendendo caminhando, (flertando?) aí eles não te tocam. Então, essas asas você pega e vai caminhando, dan um jeito, eu tô trabalhando caminhando, entendeu? É, o carrinho já todo amarrado, não como agora que está todo cambiado, na hora certa, e bueno nos dividimos com mi senhora, eu levo as asas e ela leva o carrinho, entendeu? E aí é só esperar, é só esperar que eles van (inaudível) embora, porque certamente van...”*¹²⁵

Embora seja “da velha guarda do artesanato”¹²⁶ a necessidade de continuar a trabalhar mesmo em meio a fiscalização fez com que transformasse algumas de suas práticas. Se o problema está em pegar “um espaço público como uma postura”¹²⁷, ele então cria outro meio para utilizar este espaço agora não mais se fixando, mas caminhando.

Para lutar por seu direito de trabalhar este artesão mudou todo seu procedimento de trabalho tendo que abrir mão da forma como gosta de atuar e inventar um novo recurso para poder então continuar naquele espaço. Para isto, cria uma outra maneira de expor seus produtos que, agora tornando-se móvel, facilita a saída quando da presença dos fiscais.

Interpreto as alterações em seu modo de trabalho enquanto uma forma de resistência¹²⁸. Dias depois da entrevista o Sr. Marcelo já estava na praça utilizando a armação da qual falou e que lhe permite expor seus artesanatos de forma que lhe dê mais agilidade para sair rapidamente caso seja necessário, tornando possível caminhar pela praça levando-a e quando for preciso parar e colocá-la no chão sem a necessidade de nenhuma montagem extra.

¹²⁵ Entrevista realizada com Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 de junho de 2007.

¹²⁶ Idem.

¹²⁷ Idem.

¹²⁸ Segundo Marilena Chauí: “Corremos o risco de não perceber a resistência do dominado cada vez que nos obstinamos em não perceber a inovação introduzida naquilo que é costumeiro e que parece ter o mesmo sentido para todos” (CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**; o discurso competente e outras falas. São Paulo: Editora Cortez, 2005. p. 57).



Foto 3 – Artesãos trabalhando na Praça Tubal Vilela, junho de 2006. Acervo da pesquisadora.

Neste registro busquei trazer para a reflexão as transformações em suas práticas de trabalho. Assim, focalizei no primeiro plano artesãos trabalhando de forma já adaptada às condições que lhes são impostas. No fundo, um vendedor de CDs de música andina com um suporte para seus produtos adaptado com rodas para facilitar a rápida locomoção.

Nesta fotografia é também ressaltada a presença da bandeira brasileira. Embora este registro tenha sido produzido durante a Copa do Mundo de 2006, penso que a presença de um símbolo brasileiro indica também o sentimento de pertencimento e de um compartilhar de expectativas em comum.

Além das adaptações, o Sr. Marcelo também traz em sua narrativa uma forma de resistir que é elaborada a partir do horário em que a fiscalização acontece:

[...] eles tem um horário, como qualquer trabalhador que no, até agora não sei se (inaudível), se por exemplo, como eu te falei otro dia, eles de manhã se vem, às vezes não vem, pero se vem, eles já quinze pras onze por aí eles já vão embora, entendeu? Aí você está tranqüilo, é, hasta mais ou menos duas horas, duas e meia, quinze pras três, sei lá, pero aqui nós faz o seguinte vamos poner

*as duas que já há aparecido duas horas, a gente quinze pras duas levanta todas as coisas do chão...*¹²⁹

Este horário é utilizado por eles como uma estratégia para continuar seus trabalhos e, desta forma, alterando sua própria rotina de atividades de modo que haja um “desencontro” com os fiscais, torna-se possível burlar a fiscalização.

Assim como o Sr. Marcelo, também o Sr. Alejandro Schwind trouxe elementos para pensar as estratégias que utilizam para continuar com seus trabalhos. Ao narrar sobre como eles conseguem trabalhar apesar da presença dos fiscais, o Sr. Alejandro fala do uso do horário feito por eles como uma forma de autonomia¹³⁰, dizendo:

*[...] después a las cinco da tarde é los fiscales já não trabalham e aí nós já somos livres de ficar donde nosotros queiramos e aí já la gente troca de lugar, um lugar donde tem mais gente e aí já dá pra arrumar el dinero pra pagar hotel e pra pagar a comida para nós.*¹³¹

Sua narrativa evidencia que é através de algumas brechas que esses sujeitos vão resistindo e disputando os espaços da cidade. Ao dirigirem-se à praça no horário de almoço dos fiscais ou nos dias em que eles não trabalham; ao mudarem por alguns dias o local das vendas; ao levarem menos mercadorias, o que lhes permite sair do lugar em que estão rapidamente; entre outras possibilidades encontradas, estes sujeitos estão criando um novo ritmo de trabalho que se fundamenta no controle que possuem sobre o tempo de suas atividades.

Este controle permite outra reflexão, desvinculada das convencionais formas de pensar os trabalhadores sempre dominados pelo tempo do relógio. Ao contrário do que acontece com os trabalhadores de fábricas ou empresas, esses trabalhadores têm a possibilidade de criar seu próprio tempo. Assim, por não estarem vinculados a horários e locais fixos ou a um patrão, acreditam que realizam um trabalho mais livre. É recorrente em suas narrativas a idéia de que realizam um trabalho livre, pois “*no é um trabalho que a gente sinta como uma obrigação*”¹³².

¹²⁹ Entrevista realizada com Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 de junho de 2007.

¹³⁰ Quando digo autonomia estou pensando nas contribuições que E. P. Thompson trouxe em seu livro **A formação da classe operária inglesa**. Ao falar sobre a consciência de classe, Thompson possibilita refletir como esta é determinada pelas relações que os sujeitos constituem. Nessa direção é que compreendo que o trabalho que os sujeitos desta pesquisa realizam é autônomo, mas não livre, uma vez que suas escolhas não se dão independente do processo histórico em que vivem, sendo permeadas por ações humanas.

¹³¹ Entrevista realizada com o Sr. Alejandro Schwindt, em Uberlândia, no dia 15 de setembro de 2006.

¹³² Entrevista realizada com Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 de junho de 2007.

Ao perguntar ao Sr. Marcelo sobre seu trabalho, este artesão trouxe em sua narrativa elementos que permitem compreender melhor esta sensação de “liberdade”:

*Oh, e, e, vou te falar, se está todo, tudo lindo así que ninguém me incomoda, é lindo trabalhar em ele, no taller, em oficina que você fala, aí sua mesinha, sua luz, sua coisinha, pá e pe, tá aborrecido de fazer um modelo porque por aí faz quatro, cinco, já não quer nem vender isso, entendeu? A mente se cansa, pego outra coisa e faz outra coisa, não quer fazer algo certo só aproveitar o tempo? Tem de tudo pra fazer, vai fazer una trancinha, vai faziendo, cortar coro, sei lá, sempre pode estar produzindo e naquele clima de sua casa que tem sua geladeirinha, você toma alguma coisa, é, uma musiquinha para quando você quiser. Aí, vá vender também tá de boa porque la gente gosta do artesão, entendeu? Aí somos muy bem tratados, a gente compra pra nós também, conhecemos gente todo o tempo, é muita gente legal...*¹³³

A concepção do trabalho que produzem enquanto arte talvez venha também da própria forma como ele é produzido, como se não fosse simples obrigação, mas também uma forma de prazer.

Durante uma entrevista realizada na Praça Tubal Vilela, a Sra. Norca compara o trabalho que realiza aqui com os trabalhos que, tanto ela quanto seu marido, realizaram no Peru e conclui: “[...] o trabalho aqui é bom porque es independente também e dá, tem muitas opções aqui porque o país es maior e tem mais cidades, mais estados, tem muitas opções. Como la gente fica viajando, sobretudo isso”¹³⁴.

No entanto, mesmo que possa ser considerado um trabalho mais independente não podemos perder de vista que o controle do tempo é mediado pelas tensões vividas nos espaços da cidade. Seu controle é cerceado pela ação dos fiscais, afinal não é qualquer horário que pode ser escolhido por eles para o trabalho.

Se não há horário fixo ou padrão, existem ainda suas necessidades básicas para sobreviver que só são sanadas por meio do trabalho, portanto, as escolhas que fazem são também mediadas por essas necessidades, afinal, pagar aluguel, se alimentar, cuidar da saúde, entre outros, são necessidades reais e que estão presentes diariamente na vida das pessoas.

Além disso, durante o tempo que passei na praça ou nas casas desses trabalhadores, tive a oportunidade de observar o processo de criação dos artesanatos e percebi que ele está sempre vinculado à espera de materiais¹³⁵ trazidos por fornecedores

¹³³ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

¹³⁴ Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em Uberlândia, no dia 23 de março de 2006.

¹³⁵ Os materiais a que me refiro são no geral: sementes, arames que possuem maior flexibilidade, fios de cobre, couro, pedras, entre outros.

– em geral colegas que viajam e trazem diferentes peças – que nem sempre chegam no período esperado. Em alguns casos, o material natural utilizado também é coletado em parques sendo, portanto, condicionado aos ciclos da natureza. Já os recicláveis são encontrados, às vezes, nas ruas, dependendo assim do acaso.

Desta forma, percebo que o controle do tempo está vinculado ao modo de produzir que, além de ser condicionado desde seu início pela demanda das matérias-primas, também se vincula ao tempo gasto para produzir cada peça. Este tempo é variável já que estas produções são criações que, embora muitas vezes possam ser mais simples, em outras se concretizam em peças complexas, utilizando diferentes materiais e técnicas de montagem.

Porém, apesar dos limites, percebo que é exatamente por meio do trabalho que as dificuldades do dia-a-dia são contornadas. Por isso, este trabalho conduz à idéia de independência e autonomia que são mediadas pelas condições reais vividas por esses trabalhadores. A própria forma de produção, embora possua seus limites transforma-se em uma forma de resistência. Ao falar durante uma entrevista sobre um dos meios criados para poder continuar seu trabalho na Praça Tubal Vilela burlando a fiscalização, o Sr. Marcelo diz:

*[...] é o seguinte nós como já sabemos que podemos perder nossas coisas, é, siempre temos una reserva de, de matéria prima dentro da qual está la linha, la sementes, arame, bueno todas otras ferramentas que graças a Deus cada vez são mais, cada vez são mais, eu cresci muito, já comprei muito coisa nova, é (vasador?), comprei una furadeira de boa qualidade por pouco dinheiro que tava (inaudível), comprei um martelo novo, sei lá, são coisinhas pero para taller es muito bom, para oficina, não?*¹³⁶

Por meio de sua narrativa torna-se possível perceber as alternativas que o trabalho artesanal lhe proporciona. Para realizá-lo não há a necessidade de investimento de materiais onerosos, o que lhe daria grandes prejuízos caso fosse confiscado pela fiscalização. Linhas, sementes e arames são trocados ou comercializados entre os próprios artesãos ou são coletados em parques ou mesmo nas ruas.

Assim, o trabalho por conta própria pode ser visto também como uma estratégia para sobrevivência. Em muitos casos não há saída, com o visto vencido e sem saber falar o português não conseguem encontrar um emprego com carteira assinada.

¹³⁶ Entrevista realizada com Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 de junho de 2007.

Sobre este problema falou o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez. Durante uma entrevista na Praça Tubal Vilela, ao ser questionado se sentia que era mais difícil sua situação no Brasil por ser estrangeiro, diz:

[...] é todo mais difícil porque você tem que se virar, no? Você não tem a carteira de trabalho que vocês precisam pra trabalhar aí você se vai pegar um emprego você vai ter que trabalhar negro e se você trabalha negro os cara pode te pagar como no pode te pagar porque os caras e você vai reclamar pra quem se você é estrangeiro? Você se vai a São Paulo tem muita gente que trabalha em escravo, están encerrado em num quarto e eles trabalha aí, vive aí, caga aí, dorme aí, tudo aí e os cara son escravos, no? Por isso existe escravidón, só que também a política brasileira no faz nada para solucionar esse problema, no faz nada, entendió? Os problemas son sociales, muito social, muito problema social, dia-a-dia eu veo aqui, em otros estados muitos problemas social e cada vez vá pior, no só por estrangeiros senão em total, em general.¹³⁷

Desta maneira, o trabalho que realizam torna-se uma forma de sobreviver, mas também de resistir às condições de vida e de trabalho do mundo capitalista¹³⁸. Apesar das dificuldades, o Sr. Fernando não aceita se submeter ao que ele chama de escravidão. Em sua narrativa mostra-se como um sujeito consciente que percebe as dificuldades que vive como um problema social que é muitas vezes relegado ao esquecimento pelo governo brasileiro.

Por outro lado, ele busca também relativizar esta situação colocando que os problemas são de todos os trabalhadores. Isso, de certa maneira, explicita uma consciência mais ampla vinculada à experiência de classe. Nesse sentido, sua fala permite pensar um campo comum de vivências e experiências, situações que, experimentadas por outros, estão também em seu horizonte e são evitadas por ele através do trabalho que realiza de forma autônoma e que então se tornou uma alternativa a esta situação de exploração da sociedade capitalista.

Nesta direção, torna-se importante destacar que esta é também a realidade dos demais trabalhadores que utilizam os espaços das praças e avenidas do centro da cidade para trabalhar. Artesãos, vendedores de passe, fruteiros, curandeiros e outros mais, vivem diariamente essas experiências e a possibilidade de voltar para casa sem suas mercadorias.

¹³⁷ Entrevista realizada em Uberlândia com o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, no dia 29 de maio de 2007.

¹³⁸ As denúncias sobre latinos, principalmente bolivianos, submetidos a trabalho escravo foram recorrentes nas últimas décadas e podem ser evidenciadas na Revista Carta Capital, n. 435, do dia 14 de março de 2007.

Com o intuito de compreender de forma mais ampla estas experiências compartilhadas, entrevistei outros trabalhadores que estavam na praça, mas que são nascidos no Brasil. Assim, ao entrevistar o Sr. Adilson Ferreira, mineiro de 60 anos que trabalha na Praça Tubal Vilela, seu enredo também trouxe as tensões vividas diariamente por quem utiliza este espaço como local de trabalho.

Enquanto falava sobre as dificuldades existentes naquele local para realizar seu trabalho, indaguei-lhe sobre como ele estava conseguindo continuar seu trabalho apesar dos problemas constantes, e ele respondeu:

[...] eu tive três apreensões de mercadoria, duas por parte de prefeitura e uma inclusive por um policial militar que não é atribuição dele, é, perseguir ninguém que tá vendendo e tomar mercadoria e ele fez isso. Então, então eu acumulei um prejuízo dentro de três meses de mais de três mil reais, então, eles num quê, não querem nem saber o que que é que você faz porque que é que você tá aqui, eles querem, é, arrecadar impostos e dificultar pra pessoa sobreviver.¹³⁹

Sua narrativa faz refletir sobre os problemas e tensões que são compartilhados pelos trabalhadores nos espaços da cidade. Disputar esses espaços, resistindo para continuar ali, e lutar por seus direitos ao trabalho são vivências que aproximam esses sujeitos.

Insistindo nesta questão de como o Sr. Adilson Ferreira estava conseguindo continuar seu trabalho na praça, ele responde:

Aí, você tá me entrevistando aqui tá vendo que eu não tô vendendo nada, né? Então, porque já tiveram aqui de manhã, já prenderam mercadoria, já passaram com um moço algemado e essa é as condições, então, eu tô aqui aproveitando esses minutos que eu tô, minutos não, essas horas, né? Que eu estou, é, sem vender pra estudar, fico aqui mais agora é, é lendo, estudando até que eles, que os fiscais vá embora para que eu volte a trabalhar.¹⁴⁰

A narrativa deste trabalhador permite a reflexão sobre as condições de trabalho em que vivem todos os que, sem licença da Prefeitura Municipal, produzem continuamente os espaços da cidade como espaços de trabalho. Além disso, compreendo que a prisão de trabalhadores são formas ofensivas utilizadas para demonstrar poder e para inibir a presença deles naquele espaço.

Portanto, percebo que estes trabalhadores vivem os mesmos problemas que os latinos não-brasileiros, mas não têm como específico a situação da “ilegalidade”. Esta

¹³⁹ Entrevista realizada com o Sr. Adilson Ferreira, em Uberlândia, no dia 23 de outubro de 2007.

¹⁴⁰ Idem.

situação está no horizonte desses sujeitos e delimita também suas escolhas como pode ser percebido pela narrativa do Sr. Fernando.

Nessa direção, a presença dos trabalhadores latinos nos espaços públicos da cidade de Uberlândia e suas práticas se tornam evidências dos problemas colocados neste tempo presente, onde a globalização e as políticas do Mercosul conduzem a um novo tipo de agrupamento transnacional, mas que continua reproduzindo a lógica de exploração social desses trabalhadores.

As estratégias para lutar contra a exploração e pelo direito de trabalhar, das quais os trabalhadores falam em suas narrativas, produziu notícias no jornal *Correio de Uberlândia*, que no dia 17 de maio de 2006 publicou uma reportagem intitulada “Prefeitura fecha cerco a ambulantes da área central”. Nesta reportagem o jornal buscou mostrar como está sendo a ação da Prefeitura Municipal para a retirada dos trabalhadores das vias públicas e justifica esta retirada com base na Lei Federal nº 6.044 de 30 de junho de 1994:

*Os vendedores ambulantes de Uberlândia estão atormentados com o projeto da Prefeitura que, há quatro meses, deu início a operação intensiva de retirada de todos, que, com barracas ou não, realizam vendas nas ruas centrais da cidade. Segundo a Secretaria de Serviços Urbanos, a ação é em respeito à Lei Federal nº 6.044, de 30 de junho de 1994, que proíbe a venda de mercadorias em lugares públicos. A PMU colocou na rua 10 fiscais municipais que diariamente retiram, multam e apreendem as mercadorias dos vendedores que comercializam frutas, roupas, vale-transporte e até móveis em vias públicas. Na Praça Tubal Vilela e na avenida João Pessoa, próximo ao Terminal Central – regiões de maior concentração de barracas de vendas -, o perfil do vendedor é basicamente o mesmo: homens e mulheres com mais de 50 anos que, sem conseguir emprego, encontram nas ruas a única forma de ganhar dinheiro. Sem ter para onde ir e sem perspectiva de emprego, muitos afirmam que continuarão transitando pelas ruas até conseguirem com a PMU um lugar fixo para ficar.*¹⁴¹

Pautando-se em uma lei federal o jornal vai construindo ao longo da reportagem a idéia de informalidade e clandestinidade para esses trabalhadores da Praça Tubal Vilela e imediações. Mesmo que sejam desempregados com mais de 50 anos e que não possuam perspectivas de sair dessa situação, a problemática apontada pelo jornal não é o desemprego, mas a infração cometida ao ser quebrada uma lei federal que deve ser imposta e cumprida. Também coloca em questão a necessidade de retirar do centro da cidade vendedores de fruta, roupas, vale-transporte, etc., que, na visão das pessoas que

¹⁴¹ PREFEITURA fecha cerco a ambulantes. **Jornal Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 17 mai 2006. Cidade, p. B-1.

comandam este periódico, estão realizando trabalhos ilegais em vias públicas já que quebram uma lei que regulamenta como deve ser a utilização dos espaços da cidade.

Uma das tensões mais frequentes nas narrativas e nas páginas do jornal são os embates com os policiais que acompanham os fiscais da Prefeitura Municipal. A respeito da agressividade dos policiais o próprio jornal acaba dando-lhe destaque, embora justifique esta ação como punição aos infratores e não como agressão, já que a lei deve ser cumprida.

Assim, ainda na mesma reportagem podemos perceber como os trabalhadores são vistos como transgressores da lei. Em uma linguagem quase policial o jornal destaca:

*De acordo com o secretário de Serviços Urbanos, Adicionaldo dos Reis Cardoso, o objetivo da ação é fazer com que a lei seja cumprida. “O desemprego existe, mas enquanto o problema não pode ser resolvido, temos que manter a ordem social. Não podemos deixar os cerca de mil ambulantes de Uberlândia soltos por aí, isso é ilegal”, afirma Adicionaldo Cardoso, que informa que quem não respeitar a determinação pode receber uma multa de 15 a 200 Ufir.*¹⁴²

O jornal disputa neste momento com os trabalhadores a forma como os espaços da cidade devem ser utilizados. Se por um lado os trabalhadores criam estratégias em busca de garantir seus direitos de trabalhar naquele espaço, por outro, aqueles que constituem o jornal também vão construindo, a partir dos conflitos que vêm acontecendo, suas próprias estratégias que possam lhes garantir aquilo que, nesta reportagem, está sendo chamado de manutenção da ordem social.

Nesse sentido, buscando fundamentar a necessidade de “ordem” para esses espaços da cidade, o jornal busca uma lei federal e constrói por meio dela o sentido da ilegalidade da atividade realizada por esses trabalhadores sendo eles brasileiros ou não.

A forma como o jornal Correio de Uberlândia constrói essa notícia permite pensar as tensões vividas diariamente pelos trabalhadores que produzem o espaço da Praça Tubal Vilela e as ruas do centro da cidade de Uberlândia enquanto locais para realização de seus trabalhos. Ao trazer nesta mesma reportagem uma entrevista com o Sr. Rios Brito, trabalhador autônomo de 65 anos que realiza vendas na Praça Tubal Vilela, o jornal traz para suas páginas a relação de conflito presente e permite perceber os embates assim como as resistências.

¹⁴² PREFEITURA fecha cerco a ambulantes. **Jornal Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 17 mai 2006. Cidade, p. B-1.

A partir dos embates, o jornal Correio introduz uma outra visão sobre as disputas por este espaço. Ao perguntar a este trabalhador a respeito da “violência policial”, ele diz: *“Eles chegam, nos maltratam, recolhem nossa mercadoria e nos obrigam a assinar um documento que nem sei o que é. Eu preciso trabalhar, não consigo emprego, por isso não sei o que fazer”*¹⁴³. Esta fala permite continuar a reflexão sobre os projetos divergentes que existem para esse espaço, assim como a luta cotidiana travada pelo direito ao trabalho como garantia de sobrevivência.

Continuando a disputa por esses espaços este periódico no dia 10 de agosto de 2006 destaca os enfrentamentos entre os fiscais e os trabalhadores da praça por meio da manchete que destaca: *“Apreensões não afastam camelôs do Hipercentro. Vigilância é diária, mas vendedores voltam assim que fiscais saem”*.

*O hipercentro de Uberlândia continua abarrotado de vendedores ambulantes, sobretudo nas avenidas Floriano Peixoto, Afonso Pena, João Pessoa e Praça Tubal Vilela. Embora a fiscalização da Prefeitura tenha sido intensificada há cerca de um mês, o que se percebe ao caminhar pelas calçadas do Centro é que a situação está longe de ser solucionada. Isso porque não há fiscais nem estrutura suficiente que consigam conter as artimanhas e as estratégias utilizadas pelos camelôs. A maioria já teve suas mercadorias apreendidas várias vezes, mas não se intimidam com o fato e acabam retornando para os pontos de venda.*¹⁴⁴

Na narrativa do jornal Correio mais uma vez o conflito social que tensiona as relações constituídas nos espaços da cidade se faz presente na busca por mostrar que, mesmo com as ações dos fiscais da Prefeitura Municipal no centro da cidade de Uberlândia, aquelas pessoas adjetivadas por este periódico, em diversas reportagens, de camelôs, ambulantes ou informais, continuam presentes neste espaço.

A reportagem neste caso busca cobrar uma ação mais efetiva dos órgãos de controle da Prefeitura. No entanto, o que importa perceber é que, por meio de suas páginas é dada visibilidade às contradições e às disputas pela cidade que são travadas diariamente.

As resistências desses sujeitos, que são também evidenciadas nas páginas deste periódico, têm como base não apenas a criatividade de cada trabalhador ou o uso que fazem do tempo para o trabalho. Dando sustentação a estas formas de resistir estão, também, as relações que se constituem naquele espaço.

¹⁴³ PREFEITURA fecha cerco a ambulantes. **Jornal Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 17 mai 2006. Cidade, p. B-1.

¹⁴⁴ JORNAL Correio de Uberlândia, Uberlândia, 10 ago. 2006. Cidade, p. B.3.

Durante uma entrevista com o artesão Fernando, perguntei como eles se ajudam para evitar a ação dos fiscais e ele respondeu:

Não, cada qual, é aí entre nós alguns ajudam, só, o meu é rápido pra juntar porque eu venho com poucas coisas pra não perder, se eles me pegá não perder muito, mas si a gente pega, um fica falando pra otro, “os fiscal, fiscal”, os primeiros a correr são os frutero porque eles tem muito coisa, né? E tão de carrinho aí eles como que já dá alarme que os fiscal tá chegando, aí eles vai embora e nós atrás, no?”¹⁴⁵

Assim, ao contrário da construção feita pelo jornal, o que pude perceber nas conversas e na narrativa do Sr. Fernando é que os trabalhadores que estão disputando estes espaços se preparam às vezes individualmente para resistir à fiscalização, e às vezes se auxiliam mutuamente. Suas formas de resistência não se ligam àquela imagem de organização criminosa que o jornal tenta lhes imputar. Compreendo que as estratégias e “artimanhas” que esses trabalhadores utilizam são também modos de legitimar o direito por aquele espaço.

Esta forma de resistir que é fundada nas tensões vividas é registrada pelo jornal Correio de Uberlândia no dia 30 de novembro de 2006 que trouxe em sua capa: “Ambulantes usam ‘olheiro’ para escapar dos fiscais”:

O trabalho para coibir o comércio ilegal foi intensificado em junho desse ano pela Secretaria de Serviços Urbanos e polícias Militar e Civil. Desde então, uma equipe fixa de fiscais está diariamente nas ruas da cidade para recolher qualquer tipo de material ilícito.

Entretanto, nem as constantes apreensões espantam os infratores. Eles driblam a fiscalização e não se intimidam com a repressão. Quem passa pelas principais ruas do Centro pode perceber que não existe mais bancas fixas de CDs e DVDs. Agora o material é ofertado dentro de pequenas malas, bolsas ou mesmo nas mãos dos ambulantes. Se o cliente deseja algum exemplar mais difícil de ser encontrado, o vendedor logo se adianta em dizer: ‘vou anotar seu pedido e trago a amanhã’.

O comércio de material pirata está se especializando para viver diante da concorrência e, sobretudo, da fiscalização. Há algum tempo um determinado grupo de camelôs que freqüentam o Centro de Uberlândia passou a contar com a ajuda de um ‘olheiro’. Um adolescente é escalado e recebe um salário para seguir os fiscais da Prefeitura e informar por meio do celular o percurso que é feito pelos profissionais. ‘Se alguém chegar, eu saio correndo. Tem de ser assim. Senão eles levam tudo e o prejuízo é grande’, disse um vendedor. ‘O negócio tá feio por aqui. Eu estou ficando com apenas um exemplar de cada filme. Se o fiscal chegar, eu falo que é uso próprio’, disse outro ambulante que vende o material disfarçadamente em uma loja de equipamento de carro em um camelódromo da cidade.

¹⁴⁵ Entrevista realizada com o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em Uberlândia, no dia 29 de maio de 2007.

Mas não faltam oportunidades de comprar CDs e DVDs no Centro. Dezenas de vendedores estão espalhados nas calçadas... Eles se deslocam de um lado para o outro com uma velocidade impressionante. E não se importam nem um pouco com a situação ‘embaçada’ que tomou conta do negócio nos últimos meses. Detalhe: questionado sobre a gíria, um vendedor explicou: ‘é assim que a gente fala quando os fiscais estão por perto. Serve para contar aos outros como está o dia’, disse.¹⁴⁶

A reportagem que toma cerca de quatro colunas da página tem como objetivo mostrar que o trabalho de fiscalização está sendo feito, no entanto, existem certas práticas para burlar a lei, que são denunciadas ao longo da reportagem, impedindo que o trabalho realizado pelos fiscais da Prefeitura Municipal funcione de forma efetiva.

A linguagem utilizada pelo jornal traz a idéia de que aqueles trabalhadores são marginais, pois são colocados como infratores, uma vez que rompem as leis estabelecidas. A imagem de um adolescente como “olheiro” também conduz à imagem dos meninos que trabalham para o tráfico, informando quando a polícia se aproxima. Da mesma forma, a gíria explicada pelo jornal acaba denotando uma prática ilegal, realizada às escondidas e às pressas.

Junto à reportagem do dia 30 de novembro de 2006 “Camelôs se especializam para driblar fiscalização”, o jornal *Correio* publicou também uma fotografia buscando construir visualmente uma imagem que, tendo a aparência de evidência, pudesse, ao se relacionar com o texto escrito, comprovar aquilo que a reportagem já havia dado a ler.

¹⁴⁶ AMBULANTES usam “olheiro” para escapar dos fiscais. **Jornal Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 30 nov. 2006. Cidade, p. B.2.



Foto 4 - Vendedor ambulante vende CDs diretamente de suas mãos para não ser surpreendido por fiscais. **Jornal Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 30 nov. 2006. Cidade, p. B-2.

Junto à fotografia acima lê-se a seguinte legenda que busca confirmar e conduzir a forma como o leitor deve interpretar a imagem: “Vendedor ambulante vende CDs diretamente de suas mãos para não ser surpreendido por fiscais”. Por meio da fotografia busca-se também dar visibilidade a um espaço da cidade que, na visão deste periódico, está sendo apropriado de forma inadequada e determinar qual seria a melhor forma de utilização ao indicar o que deve ser aceito ou não como uma prática legítima.

A utilização desta fotografia e a orientação de leitura dada através da legenda conduzem o leitor a uma imagem desses trabalhadores enquanto fora-da-lei, infratores. A imagem traz a idéia de venda de produtos ilícitos, já que são vendidos às escondidas. Ao disputar com estes trabalhadores um sentido para os espaços da cidade, este periódico vai também construindo a imagem destes enquanto marginais.

Apesar de a fotografia ser utilizada como um documento que testemunha um dado acontecimento, não podemos esquecer que ela não é neutra nem objetiva. O fotógrafo também participa do acontecimento fazendo opções ao escolher o que deve ou não ser fotografado, a iluminação e o ângulo escolhido. A escolha da composição da cena não está desvinculada dos interesses que o fotógrafo possui quando produz seu trabalho¹⁴⁷.

¹⁴⁷ Conforme Laura Antunes Maciel, a fotografia: “[...] não é natural, espontânea, ou seja, não é simplesmente dada por sua característica visual, mas, ao contrário, é uma construção. Assim, as fotografias trazem em si não a reprodução mecânica e objetiva de um real dado, mas uma construção e uma representação da realidade a partir de seus próprios códigos de linguagem, que remetem, para a técnica específica empregada, os ângulos, o enquadramento e a luz escolhidos, entre outros elementos, que constroem o conjunto, a mensagem que a foto informa” (MACIEL, Laura Antunes. **A nação por um fio**; caminhos e imagens da “Comissão Rondon”. São Paulo: Educ, 1998. p. 186).

Apesar da criminalização dos trabalhadores feita por este jornal, torna-se possível perceber as resistências que são forjadas nos conflitos vividos. A interpretação do jornal dessas resistências que foram transformadas em notícias não impede a percepção da ação ativa desses sujeitos no processo que estão vivendo, podendo ser evidenciada, na ação dos que foram fotografados, uma prática de resistência ao insistirem em permanecer e dar continuidade a suas práticas.

Apesar de o jornal construir a idéia do estabelecimento de uma organização quase criminosa no centro da cidade de Uberlândia, o que pude perceber ao conversar com os trabalhadores latinos é que a ajuda mútua que se estabelece naquele local se dá tendo como fundamento valores como a amizade, a camaradagem e a percepção de que estão vivendo um mesmo confronto que pode ter conseqüências para todos que ali estão, sendo eles brasileiros ou não. Os sentidos e o valor que estes sujeitos dão ao trabalho que realizam tornam-se, então, uma das maneiras possíveis de desvinculá-los dessas imagens que são projetadas sobre eles.

Ao continuar sua narrativa sobre como os trabalhadores resistem à fiscalização o Sr. Fernando diz:

*[...] os primeiros a correr são os frutero porque eles tem muito coisa, né? E tão de carrinho aí eles como que já dá alarme que os fiscal tá chegando, aí eles vai embora e nós atrás, no? Aí fica meio escondido na praça, que feio, no? Se sentir ladrón, algo así...*¹⁴⁸

A disputa é interpretada por ele como uma tentativa de marginalizá-los; no entanto, sua resposta à minha pergunta me levou a questioná-lo se essa ação da fiscalização o faz sentir-se realmente um marginal, ele responde:

É, marginal. Sabe o mais engraçado, vou te contar uma coisa, hace muchos anos atrás eu tive problema com químicos, aí fui na instituição, aí na instituição eles enseña como terapia a fazer cosas com as mãos para tratar os pacientes, para se desarrollar, sabe? É, sua habilidad, pra dar mais é, una oportunidad, como eles e muitas personas que vão nesse tratamento, que se curam, aprendem a fazer artesanatos, na cadeia também, na cadeia você dentro da cadeia aprende a fazer artesanato, tem, tem personas que vá lá na cadeia só para ensinar e quando saem na rua no pode vender, olha que engraçado que pode hacer uma persona que é ladrón supongamo o adicto, no? Que aprenda a fazer artesanato pra se defender na vida, pra ter una nova oportunidad quando sai na rua chega os fiscal e tira o que o cara aprendeu a fazer e tá fazendo e vive desso, em que ajuda isso? No social no ajuda nada, nim no emocional. Una persona

¹⁴⁸ Entrevista realizada com o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em Uberlândia, no dia 29 de maio de 2007.

*que foi ladrón faz artesanato e sai pra trabalhar e tira as coisas o cara já meia hora depois tá querendo pegar e roubar ué.*¹⁴⁹

O que percebe é que embora o jornal os trate como marginais, ele não se sente assim. Em seu enredo o Sr. Fernando, ao mesmo tempo em que fala sobre a sensação que possui quando precisa se esconder fugindo dos fiscais como se fosse um ladrão, procura mostrar também o valor de seu trabalho. Assim, rompe com a noção de marginalidade quando conduz ao questionamento de como pode ser considerada uma prática ilegal ou marginal um trabalho que abre alternativas para o viver de diversos sujeitos sociais.

Assim, constrói sua visão sobre o artesanato que produz não apenas como um meio para sobreviver, mas também como uma oportunidade de viver uma vida distante dos vícios e dos roubos, uma forma de viver por meio da própria habilidade e de manter a honestidade e a dignidade. Desta forma, o Sr. Fernando demonstra que está trabalhando para viver sua vida de forma honrada e que se lhe for retirada esta possibilidade talvez o que lhe reste seja realmente a marginalidade na qual é muitas vezes acusado de estar.

Ao invertermos a lógica buscada pelo jornal podemos perceber, através de suas próprias páginas, a forma como essas pessoas buscam resistir e continuar ocupando aquele espaço que também lhes pertence através de estratégias que lhes permitem continuar a realizar seus trabalhos.

Lendo a reportagem “Camelôs se especializam para driblar fiscalização” a partir de uma outra perspectiva é possível perceber, além das disputas e das tensões, também as resistências:

[...] o material é ofertado dentro de pequenas malas, bolsas ou mesmo nas mãos dos ambulantes. Se o cliente deseja algum exemplar mais difícil de ser encontrado, o vendedor logo se adianta em dizer: ‘vou anotar seu pedido e trago a amanhã [...]’.

[...] ‘Se alguém chegar, eu saio correndo. Tem de ser assim. Senão eles levam tudo e o prejuízo é grande’, disse um vendedor. ‘O negócio tá feio por aqui. Eu estou ficando com apenas um exemplar de cada filme. Se o fiscal chegar, eu falo que é uso próprio’, disse outro ambulante que vende o material disfarçadamente em uma loja de equipamento de carro em um camelódromo da cidade.

[...] Dezenas de vendedores estão espalhados nas calçadas... Eles se deslocam de um lado para o outro com uma velocidade impressionante. E não se importam nem um pouco com a situação ‘embaçada’ que tomou conta do negócio nos últimos meses. Detalhe: questionado sobre a gíria, um vendedor

¹⁴⁹ Entrevista realizada com o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em Uberlândia, no dia 29 de maio de 2007.

explicou: ‘é assim que a gente fala quando os fiscais estão por perto. Serve para contar aos outros como está o dia’, disse.¹⁵⁰

Assim, o jornal Correio de Uberlândia, ao trazer as tensões sociais que estão sendo vividas, traz também as lutas, as estratégias e a força desses sujeitos que se organizam para se manter em um lugar que é visto por eles como um lugar de direito, mesmo que uma lei externa aos seus modos de viver possa dizer o contrário.

Interessada em compreender o outro lado que compõem este conflito, busquei interpretar nos enredos dos trabalhadores latinos o que eles pensam sobre a tentativa de “organização” do espaço que ocupam. Durante uma entrevista na Praça Tubal Vilela em dias de muita tensão pela ação dos fiscais, quando muitas apreensões estavam acontecendo, pedi para que o Sr. Isaías Manuel Velásquez Villegas falasse um pouco sobre a presença dos fiscais e o que estava acontecendo com os trabalhadores e ele disse:

Pois é, como eu falei pra você antes, é um mal necessário, fiscal é um mal necessário porque mal pra nós, mas é necessário porque senão a cidade fica poluída de comerciantes ambulantes (inaudível), camelôs e tudo quanto é gente que, que pretende ganhar a vida vendendo alguma coisa, mas no final se não existisse essa forma de controle isso aqui vira um caos, né? Como já vi isso em São Paulo em alguns tempos, por exemplo, lá, ladera (Geraldo?) Carneiro uma descida que tem pro Parque Dom Pedro, do pátio do colégio até o Parque Dom Pedro é uma ladera así, teve uns tempos, uns tempos da Luíza Erundina que tirou a fiscalização da rua e aí era tanto, tanto camelô que havia umas, uns corredor assim no meio das, das barraquinhas que a gente só colocava um pé atrás do outro e não podia nem pisar nos coisas deles que eles reclamán, né? Que eles é, esse es um exemplo que sem fiscal a coisa não funciona, né?¹⁵¹

Em sua narrativa este trabalhador parte do princípio de que quem o entrevista conhece as leis estabelecidas, desta forma busca construir o diálogo a partir da mediação de suas experiências e também da experiência de quem o ouve. Seu enredo expressa a necessidade de ordem a partir de suas vivências em São Paulo, o que o conduz à idéia da importância de uma organização dos espaços da cidade.

Além disso, embora este trabalhador não legitime a forma como ocorrem as ações violentas da fiscalização em Uberlândia, fico pensando se o que é apresentado pelo jornal Correio de Uberlândia e outros meios de comunicação não tensiona sua fala. Afinal, estes meios, controlados pela classe dominante, buscam divulgar e legitimar uma ideologia que pretende anular as diferenças e as contradições da sociedade,

¹⁵⁰ CAMELÔS se especializam para driblar fiscalização. **Jornal Correio de Uberlândia**, Uberlândia, 30 nov. 2006. Cidade, p. B.2.

¹⁵¹ Entrevista realizada com o Sr. Isaías Manuel Velásquez Villegas, em Uberlândia, no dia 29 de maio de 2007.

reproduzindo continuamente a idéia de que o sujeito é responsável por si individualmente, o que faz com que os problemas sejam deslocados do social e colocados como problemas de incompetência individual. Desta forma, o discurso ideológico engendra uma realidade que, embora lacunar, passa a ser vista como coerente e os valores da classe dominante colocam-se então como universais.

Nessa direção, sua narrativa conduziu à reflexão de que a transformação do espaço por esses trabalhadores não ocorre como simples inversão de valores, como se fosse possível acontecer ali uma substituição imediata ou completa modificação dos ícones e símbolos culturais consagrados pelas classes dominantes. Pensar as alterações desse espaço de forma simplista levaria apenas a preservar a estrutura binária de divisão entre o baixo e o alto. Divisão que é continuamente transgredida¹⁵².

Isso significa que não devemos ver a luta de classes de forma reducionista e com limites claramente estabelecidos. Há sim resistências, mas há também acomodações e contradições, uma vez que esta luta não está isenta de valores socialmente construídos.

Nos momentos de confronto com a fiscalização ou até mesmo com a polícia esses sujeitos mostram sua indignação com a situação que enfrentam. No entanto, em outras situações, frente à lógica de mercado que se quer hegemônica em nossa sociedade, também interiorizam a culpa por sua condição de trabalhador autônomo que, no olhar dos fiscais que representam os poderes instituídos, significa “informalidade”.

Nesse sentido, o que percebo é que não é possível pensar a classe trabalhadora como isolada da ideologia dominante que busca ensinar como devemos “conhecer e agir”¹⁵³. No entanto, isso não significa que não há saídas, mas somente que as contradições também devem ser levadas em consideração.

Além disso, fico pensando se aquilo que chamamos de acomodação ou conformismo não deveria ser compreendido também como uma forma de resistir. Aceitar para continuar. Afinal, se de um lado, o Sr. Isaías justifica a ação dos fiscais e policiais colocando a culpa nos próprios trabalhadores da praça que parecem extrapolar

¹⁵² Em sua obra “Da diáspora. Identidades e transformações culturais”, Stuart Hall traz esta problemática apontando que não se trata mais de pensar o baixo como aquele que está à espera de substituir o alto, como é colocado nas metáforas da revolução.

¹⁵³ Marilena Chauí trabalha a problemática da ideologia em seu livro “Cultura e Democracia. O discurso competente e outras falas”, enfatizando: “A ideologia, forma específica do imaginário social moderno, é uma maneira necessária pela qual os agentes sociais representam para si mesmos o aparecer social, econômico e político de tal sorte que essa aparência (que não devemos simplesmente tomar como sinônimo de ilusão ou falsidade) por ser o modo imediato e abstrato de manifestações do processo histórico, é o ocultamento ou a dissimulação do real. Fundamentalmente, a ideologia é um corpo sistemático de representações e de normas que nos ‘ensinam’ a conhecer e a agir” (CHAUÍ, Marilena. **Cultura e democracia**; o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez Editora, 2005, p. 15).

os limites do que seria a presença aceitável deles naquele espaço, por outro ainda busca resistir e sobreviver apesar das dificuldades, mesmo que sua forma de resistência possa ser vista como conformismo. Para isso busca nos momentos de maior fiscalização ir para outras cidades próximas a Uberlândia para continuar seu trabalho que permitirá seu viver.

Também deve ser levada em consideração a forma como se dá nas disputas as identificações entre os trabalhadores que estão naquele espaço. Continuando a entrevista com o Sr. Isaías lhe pergunto sobre o que ele pensa que pode ser feito para essa situação melhorar e ele diz:

*[...]o que eu penso é que deveria organizar um poco se, se possível, né? Organizar de, de certa forma que no entre tanto camelô de fora, tanto barraquero de fora, aqui a maioria desses vendedores aí pelo que eu sei não son de aqui, não vou falar aqui o que eles vendem porque seria como apontar as pessoas, mas tem muita gente aí que vende coisas aqui e não son de daqui e essas pessoas terminam, terminam digamos aumentando demais o número de, de comerciantes de rua, isso aí termina dando problema, né? O fiscal já acha demais, né?*¹⁵⁴

Este trabalhador traduz em sua narrativa seu direito em trabalhar naquele espaço a partir de seu sentimento de pertencimento, sentimento este que é construído diariamente através das relações sociais vividas por ele, e faz com que se reconheça naquele espaço e até mesmo aponte as pessoas que seriam “os de fora”.

A respeito desta problemática o artesão Fernando tem um outro posicionamento. Sobre a freqüente presença dos fiscais na Praça Tubal Vilela diz:

*Eu posso ficar todo dia lá pra ganhar um real, dos reais e isso eu não, não posso, o sea, eu não posso viver de meu trabalho ganhando dois reais por dia, entón, eu tenho que me virar, se saí a trabalhar a noite, o sea, pra compensar é o problema do fiscal, no? Porque realmente pra mim é um problema, pode ser solução pra muitos comércios, mas pra mim no é nenhuma solução e a prefeitura não toma uma decisão, uma medida, algo que sea, olha, me mira que simple, que bonito seria, imagina uma feria artesanal cultural em na Praça Tubal Vilela, todos dias, em que prejudicaria a prefeitura? Em nada, a prefeitura tenia mais uma organização, um ordem, a su vez também poderia conseguir, porque eu não tenho problema de pagar pra trabalhar así, como os feras, as feras você paga 70 reais por ano, em câmbio, na fera, todo o dia aqui pagando 70 que sea 10, 15 artesão, artesão, não tô falando, eu tô falando de artesãos, verdadeiros artesãos, caras que tenham talento, trabalho fiscalizado por otros artesãos que valem a pena, una fera aqui ajudaria a prefeitura a, também, no?*¹⁵⁵

¹⁵⁴ Entrevista realizada com o Sr. Isaías Manuel Velásquez Villegas, em Uberlândia, no dia 29 de maio de 2007.

¹⁵⁵ Entrevista realizada com o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em Uberlândia, no dia 29 de maio de 2007.

Para este trabalhador os fiscais são um problema, pois impedem que possa realizar seu trabalho e com ele garantir o sustento de sua família. Assim como o Sr. Isaías, também este trabalhador fala sobre a necessidade de normatizar os espaços da cidade, mas suas sugestões distanciam-se da organização proposta pela Prefeitura Municipal. Além de permitir perceber a tensão constante entre ele e os donos de lojas da região central da cidade, também permite pensar que o tratamento dado a seus trabalhos se diferencia nas diversas cidades ou países pelos quais passou. Assim, suas sugestões são elaboradas a partir de suas experiências que indicam como solução para ele uma feira cultural artesanal, embora esta possa significar, ainda, exclusão para outros trabalhadores que estão na praça e não produzem artesanatos.

Já o Sr. Marcelo coloca a disputa pelo espaço e a tensão com os fiscais de forma diferenciada. Ao ser perguntado sobre como estava sendo trabalhar com a intensa fiscalização ele diz:

*Eles chegam mais o menos dez e meia da manhã aí a gente vai onze horas geralmente e como é o espaço do meio-dia, do almoço e tal eles van, porque é uma coisa boa pra nós eles não tem a camiseta da prefeitura eles tão trabalhando, entendeu? Não tem uma sânia. Sabe o que é sânia así? Pra nós sânia é que eles estão como obsessivos com pegar gente, entendeu? Nada disso, entendeu?*¹⁵⁶

Interpreto sua narrativa como uma possibilidade de refletir sobre a relação entre estes trabalhadores e os fiscais enquanto uma relação de trabalho e não enquanto uma relação que se resume apenas entre eles e as instituições para as quais estes agentes trabalham.

Mesmo reconhecendo que os fiscais são agentes públicos a serviço do poder instituído acredito que seja importante não perder a dimensão de que também eles são trabalhadores, que em muitos casos apóiam as determinações da Prefeitura Municipal, mas que também em outros “*não tem a camiseta da prefeitura*”¹⁵⁷.

Além de sua narrativa, com elementos que conduzem à possibilidade de romper com a dicotomia na relação entre esses sujeitos, também ao longo da pesquisa esta relação, que pode parecer contraditória, foi percebida nas conversas que não estavam sendo gravadas, quando muitas vezes diziam que tinham que ter paciência, pois também os fiscais só estavam fazendo o trabalho deles. Isto se tornou mais claro quando uma

¹⁵⁶ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

¹⁵⁷ Idem.

trabalhadora falou sobre um laço de amizade existente entre um dos trabalhadores da praça e um dos fiscais da prefeitura que costuma ligar avisando quando ele irá ali fiscalizar.

Isto permite compreender as relações como não sendo determinadas, mas que acontecem entre homens e mulheres reais que vivem as tensões na disputa por interesses que são permeados por valores. Assim, é possível compreender que em algum momento possa haver, além das pressões por meio de prisões, confiscos de mercadorias e de diversas formas de desrespeitos, também conformação entre eles na medida em que se reconheçam enquanto trabalhadores e compreendam suas necessidades nas contingências da luta de classes.

Deste modo, pensar as transformações da cidade e os conflitos que nela ocorrem de forma simplista levaria apenas a preservar uma forma dualista de compreender as lutas de classes¹⁵⁸. A complexidade, me parece, está em perceber que nestas lutas há resistências e também conformações, acomodações vividas como contradições pelos agentes históricos.

Nesse sentido, acredito que a relação entre os sujeitos que disputam e produzem os espaços da cidade nas relações de trabalho e a classe dominante da cidade de Uberlândia não é dada, mas construída, diariamente, através dos modos como lidam com as situações que vivenciam através de resistências, incorporações e negociações.

Com a intenção de descobrir outros olhares sobre os trabalhadores latinos e compreender como as tensões que vivenciam são percebidas e interpretadas, realizei entrevistas também com aqueles que vivem na cidade de Uberlândia, mas apenas passam pela praça ou a utilizam como um local onde descansam no horário do almoço e assim entram em contato com estes trabalhadores comprando também os produtos que são vendidos por eles.

Nas entrevistas percebi que são diversos os motivos que levam as pessoas entrevistadas – entre elas estudantes, donas de casa, trabalhadores que fazem “bicos” ou são sacoleiros – a comprarem produtos daqueles trabalhadores. Entre eles existe o fato de que ali está o ponto de ônibus, assim, enquanto esperam a condução aproveitam para

¹⁵⁸ Para o desenvolvimento destas reflexões foram fundamentais as discussões realizadas na disciplina Estudos Alternativos em Trabalho e Movimentos Sociais, ministrada pela Profa. Dra. Célia Rocha Calvo no segundo semestre de 2007 quando tivemos a oportunidade de refletir sobre a cidade enquanto uma categoria da prática e do fazer de muitos e diferentes sujeitos sociais; a cidade na produção e constituição de diferentes suportes de memórias, culturas e linguagens. Destaco ainda a importância da leitura do texto: CALVO, Célia Rocha et. al. Trabalho e movimentos sociais: histórias, memórias e produção historiográfica. In: CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco; MACHADO, Maria Clara Tomáz (Org.). **História: narrativas plurais, múltiplas linguagens**. Uberlândia: EDUFU, 2005.

comprar algo de que necessitem. Outros compram artesanatos por questão de estética, porque está na “moda”, porque acham “bonito e mais barato” do que os vendidos nas lojas.

Para além desses motivos, chamou à atenção nas narrativas a forma como as pessoas que foram entrevistadas identificam-se com os trabalhadores não se importando se eles são brasileiros ou não.

Durante uma entrevista com a Sra. Marta Maria Bueno da Silva, 51 anos, sacoleira, que estava comprando artesanatos de uma trabalhadora latina, pergunto o que ela acha do trabalho que é realizado naquele espaço da Praça e ela diz:

*Eu acho ótimo, a pessoa, a pessoa tem que trabalhar, né? Porque se não trabalhar, igual eles veve aí tomando as coisas eu acho isso um absurdo porque é o seguinte, eu acho que é melhor do que roubar, né? A pessoa se vira como ele tem condições.*¹⁵⁹

Atribuindo um valor positivo esta senhora compreende que as pessoas têm direito ao trabalho, sendo que qualquer trabalho é válido para que não haja a necessidade de roubar. Esses sujeitos são, em sua grande maioria, também trabalhadores e se reconhecem naquelas práticas, pois vêem seus trabalhos e seus modos de viver como um campo de possibilidade, pois não há garantias também para eles que um dia não precisarão trabalhar como aqueles da Praça Tubal Vilela. Desta forma, aquela experiência de vida e trabalho poderá um dia também ser a sua. Assim, valoriza aquele ofício como uma forma de viver honestamente legitimando as atividades desses trabalhadores.

Ao ser perguntada sobre o que acha daqueles trabalhadores da Praça Tubal Vilela, a Sra. Marta diz:

*[...] eu admiro muito eles, se eu, o que depender de mim e tal, dê o maior força, desde que a pessoa não está roubando, ele está trabalhando honestamente, ele pode tá fazendo o que for, ele está trabalhando, ele está se virando do jeito que ele pode, porque eu sei de mim sabe? Se depender de mim e eu precisar de largar das minhas roupas e eu barre até rua, catá até lixo eu cato, pra mim trabalhar, mas roubar não.*¹⁶⁰

A Sra. Marta constrói seu enredo tendo como horizonte experiências que muitas vezes também são suas. Desta forma, ao falar sobre esses trabalhadores ela projeta seu

¹⁵⁹ Entrevista realizada com a Sra. Marta Maria Bueno da Silva, na Praça Tubal Vilela em Uberlândia, no dia 21 de maio de 2007.

¹⁶⁰ Idem.

modo de vida falando a todo o momento de experiências que ela, enquanto trabalhadora, também compartilha com eles.

Sua narrativa permite pensar sobre as tensões quotidianas vividas pelos trabalhadores e como se dão as condições de vida desses sujeitos. O enredo que constrói traz as dissidências para o foco, mostrando que a imagem produzida no jornal e pela Prefeitura sobre os trabalhadores da praça não é única.

Em suas visões estes outros trabalhadores legitimam a presença desses sujeitos nos espaços da cidade quebrando a “idéia de marginalidade”, informalidade ou ilegalidade que aparece no jornal e que é apresentada pela Prefeitura Municipal.

Assim como essas visões, reconhecem também um terreno comum de experiências e aí o desemprego, o subemprego, a luta pela sobrevivência, o que faz com que concordem com as práticas dos trabalhadores que utilizam os espaços da cidade, pois se “*eu precisar largar das minhas roupas e eu barre até rua, cata até lixo eu cato, pra mim trabalhar, mas roubar não*”¹⁶¹. Valorizam, assim, o trabalho que é realizado na praça e elogiam a criatividade dos produtos comercializados.

Nesta mesma direção, o Sr. Clayton de Oliveira Santos, de 29 anos, auxiliar de serviços gerais, fala sobre o que ele acha do trabalho realizado na Praça Tubal Vilela:

*Aí, eu acho assim muito interessante que todas as pessoas estão aqui, né? Num propósito, né? De estar aqui lutando pelo dia-a-dia, pelo pão de cada dia, desenvolvendo seu talento, trabalhando, né? Eu acho importante é porque aqui fica, como fica é em quantidade, tem não muito assim, vários, né? Trabalhando e você encontra várias coisas, né? Você vê ali um que faz artesanato, vê outro que vende que vende outra coisa e aí você tem opções para encontrar a coisa que você quer encontrar.*¹⁶²

Desta forma, há uma valorização do trabalho dos artesãos que estão ali “*desenvolvendo seu talento*”¹⁶³ e o reconhecimento da luta pelo pão de cada dia que também é vivida pelo Sr. Clayton ainda que em outro espaço, mas que possui o mesmo valor, pois é realizada de forma honesta.

Também os trabalhadores brasileiros que realizam seus trabalhos nos espaços da cidade e, portanto, dividem estes espaços com os trabalhadores latinos, trazem em suas narrativas o que para eles significa a convivência com estes sujeitos.

¹⁶¹ Entrevista realizada com a Sra. Marta Maria Bueno da Silva, na Praça Tubal Vilela em Uberlândia, no dia 21 de maio de 2007.

¹⁶² Entrevista realizada com o Sr. Clayton de Oliveira Santos, na Praça Tubal Vilela, em Uberlândia, durante a compra de um artesanato feito de arame no momento da entrevista dada pelo Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em 29 de maio de 2007.

¹⁶³ Idem.

Durante a entrevista com o Sr. Adilson Ferreira, brasileiro de 60 anos que trabalha na Praça Tubal Vilela vendendo artesanato, indaguei sobre qual a importância que ele percebe no trabalho realizado pelos trabalhadores latinos, e ele responde:

*É um trabalho importante, né? Porque eles às vezes têm muito mais conhecimento, muito mais experiência do que a gente na área de artesanatos, então, inclusive eu aprendia a trabalhar com linhas com um peruano que já retornou ao país dele, então, há também esse intercâmbio, não só da língua, mas também esse intercâmbio assim cultural, profissional na área do artesanato.*¹⁶⁴

No caso do Sr. Adilson a convivência com os trabalhadores latinos significou um intercâmbio de experiências. Assim, as relações se fundamentaram por meio da cultura, de seus modos de viver e trabalhar.

Buscando refletir sobre as possíveis diferenças entre esses trabalhadores, indaguei ainda ao Sr. Adilson se ele percebe diferenças entre os que vieram de outros países e os trabalhadores nascidos no Brasil e ele respondeu:

*Eu acho que, que pra eles ainda é mais difícil porque eu também já fui estrangeiro na Europa e eu tenho essa experiência. Eu tive na Espanha, ni Portugal e, um estrangeiro sobreviver na Europa é muito difícil porque você é, apesar de ter conseguido trabalho, mas era informal também, mas trabalho assim, é, com carteira assinada a primeira coisa que eles pergunta é “você tem papel?” Então pra eles aqui também a mesma condição, né? Que é colocada lá na Europa, lá fora, pra eles aqui também a mesma situação porque eles conseguem trabalhar só na informalidade, um trabalho, é, carteira assinada é muito difícil por causa da documentação que é exigida pelo governo brasileiro.*¹⁶⁵

Partindo de suas experiências e vivências compartilhadas com estes trabalhadores o Sr. Adilson traz novamente o problema da “ilegalidade” vivido por esses sujeitos como uma situação que marca a diferença entre eles. Ser estrangeiro significa muitas vezes trabalho “informal”, insegurança, tensões cotidianas com o poder estabelecido frente às leis que os excluem.

Para contornar estes problemas surge então o trabalho artesanal como uma escolha em suas vidas. Embora o Sr. Adilson fale do problema do trabalho na informalidade, o que percebo é que o trabalho que realizam não é visto por eles como informal, mas como uma forma de “arte”, um modo de viver e de “ganhar a vida”.

Se por um lado este modo de trabalhar os conduz a relações conflituosas, principalmente em relação à fiscalização da Prefeitura Municipal, por outro este modo

¹⁶⁴ Entrevista realizada com o Sr. Adilson Ferreira, em Uberlândia, no dia 23 de outubro de 2007.

¹⁶⁵ Idem.

de viver, que não está dissociado de seus trabalhos, me leva a refletir sobre suas andanças como uma escolha diante das adversidades enfrentadas no dia-a-dia.

Partindo dessas reflexões será discutido no próximo capítulo os sentidos e significados por eles atribuídos a sua “arte” de trabalhar e o modo itinerante de viver vinculados à experiência social e a suas culturas.

CAPÍTULO III

A arte do fazer-se trabalhador num modo de viver em itinerâncias

*“Caminante, son tus huellas
el camino y nada más;
caminante, no hay camino,
se hace camino al andar.
Al andar se hace camino
y al volver la vista atrás
se ve la senda que nunca
se ha de volver a pisar.
Caminante no hay camino
sino estelas en la mar....”*

(Antonio Machado – poeta español)

Nos capítulos anteriores foi discutido: como os trabalhadores latinos se tornam visíveis nos espaços da cidade ao disputarem e constituírem territórios; os conflitos presentes nas relações que experimentam; a importância e as tensões acerca das redes de solidariedade criadas para viverem suas andanças e o trabalho que realizam em itinerância.

Agora chegou o momento de discutir seus trabalhos como uma alternativa que oportuniza seus modos de vida e refletir ainda sobre os limites deste modo de viver e o constante movimento de (re)projetar o futuro tendo como referência o tempo presente. Mais uma vez, o leitor persistente que não desistiu de acompanhar os muitos caminhos percorridos onde as experiências dos trabalhadores latinos foram sendo sondadas é convidado a ficar por mais algumas páginas onde encontrará diferentes sonhos, desejos e expectativas.

A vida em itinerância imprime marcas na maneira como os trabalhadores latinos produzem e concebem seus trabalhos. Assim como suas experiências, mesmo que compartilhadas, são vividas de formas diferenciadas, também seus modos de produzir-se enquanto trabalhadores se diferenciam. Ao longo de suas andanças vão apreendendo saberes e fazendo escolhas que lhes possibilitam o prosseguir, contornando dificuldades e adversidades que possam surgir. Por isso é importante destacar as especificidades de suas vivências, uma vez que elas significam opções feitas e são portadoras de historicidades, o que rompe com a idéia de uma produção cultural dissociada dos modos como interpretam seus viveres nas cidades por onde passam.

Na diversidade de trabalhadores que compuseram o universo de reflexão deste trabalho encontram-se aqueles que produzem objetos de uso pessoal, como brincos, pulseiras, colares, utilizando na sua confecção materiais como linhas, sementes, palha, metais, couro; aqueles que trabalham o arame transformando-o em enfeites para casa em formato de flores ou animais com o nome de quem o comprou ou para quem o receberá de presente; outros são os músicos que gravam seus próprios CDs, tornando-se intérpretes de diversos estilos de música, enquanto outros ainda trabalham com a venda desse material.

Além dessa diversidade de produção, ao analisar suas narrativas percebi que as diferenças também se revelam no modo como concebem seus trabalhos e, por meio dele, como vivem suas itinerâncias impulsionados pela busca constante de constituição de um público para seus “arte-fatos”.

Embora os conflitos estejam sempre presentes, já que este trabalho se faz nas disputas no espaço, é ele que abre as possibilidades para que estes sujeitos construam seus modos de viver em itinerância, transformando-se ao mesmo tempo em uma estratégia à situação de “ilegalidade” devido à garantia de certa autonomia¹⁶⁶.

Não posso deixar de chamar atenção mais uma vez para a situação de “ilegalidade” em que muitos desses trabalhadores se encontram e que apontam em suas narrativas ao elaborarem, ao longo das entrevistas, suas experiências. Vejo que esta situação pode ser uma das pressões que os levam a trabalhar principalmente nas ruas das cidades.

Conversando com o músico Edwin Lars Sota León ficaram claras as dificuldades que o considerado estrangeiro tem para encontrar um trabalho. Ao ser perguntado sobre como foi para conseguir regularizar seus documentos para sua permanência e sobre possíveis dificuldades, ele diz:

*Já conseguiu logo, né? Mas tem muitas personas que tan indocumentadas, né? Tem muita persona que tá em situación é mais (inaudível) sobretudo pra trabalhar, né? Pra você trabalhar, né? Pra você trabalhar fichado assim pra outros ilegais, né? É mais complicado, né? Dificulta, por isso que tem muito estrangeiro aqui em Uberlândia, em Brasil tudo que, que eles optam por trabalho autônomo, né? É artesanía, CD, otros tipos de cosas, né? Vendas, né? Camelô, essas cosas.*¹⁶⁷

¹⁶⁶ Como já foi discutido no capítulo anterior, ao me referir a autonomia entendo-a não como sinônimo de liberdade, mas como mediada pelas relações que tensionam os viveres desses trabalhadores. Sobre esta problemática ver: THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, v. 1; 2001, v. 2; 2002, v. 3.

¹⁶⁷ Entrevista realizada em Uberlândia com o Sr. Edwin Lars Sota León, no dia 14 de junho de 2006.

As suas escolhas se entrelaçam aos limites que a situação de “ilegalidade” e a condição de trabalhadores lhes impõem. Não basta querer outro trabalho, é necessário ser considerado “formal” e institucionalmente um “cidadão” brasileiro, é necessário adquirir os documentos de nacionalidade, pois sem eles não há possibilidade de escolherem outros modos de trabalhar e sobreviver.

A narrativa do músico Edwin evidencia como o trabalho que realiza o vai conduzindo a este modo de viver em itinerância que ao mesmo tempo possibilita seu viver. Ao ser perguntado por que escolheu vir para o Brasil ele responde:

*Então, a gente como músicos que la gente é la gente já viajou muito, muita parte do mundo, né? Europa, parte de aqui de América como Equador, Colômbia, Venezuela, Bolívia, Paraguai, então, la gente viu una, una boa, boa expectativa de trabalho aqui, né? Faz tempo que la gente veio aqui que foi faz, mais ou menos a oito anos atrás, né? É, no tinha muitos músicos por aqui, né? Entón, era una novidade o trabalho andino que la gente faz, né? Os instrumentos de sopros entón la gente veio, apareceu aqui, né? Então, la gente gostou, foi ficando, ficando e ficou, né? Hasta ahora.*¹⁶⁸

Em seu horizonte de expectativas o Brasil surgiu como uma possibilidade para ganhar a vida, assim como, anteriormente foi a Europa, o Equador, a Venezuela entre outros países que buscou como alternativa para viver. Ficar no Brasil só aconteceu por ser seu trabalho uma “novidade” o que lhe abriu então espaço para, além de sua produção, viver aqui com sua família.

É interessante notar que o trabalho andino e os instrumentos de sopro aos quais este trabalhador se refere são formas de trabalhar que marcam sua diferença. Embora possa ser visto pela indústria cultural como mais uma “peculiaridade” a ser monopolizada, transformada e importada como uma mercadoria folclorizada, para o Sr. Edwin significa transformação de sua cultura em um modo de viver e trabalhar.

Tomando as palavras de Stuart Hall acredito que, “*o que vem ocorrendo freqüentemente ao longo do tempo é a rápida destruição de estilos específicos de vida e sua transformação em algo novo*”¹⁶⁹. No entanto, este processo de transformação, embora muitas vezes o enxerguemos apenas como conformação, significa também persistir, afinal, concordando com Hall percebo que “*não existe uma ‘cultura popular’*

¹⁶⁸ Entrevista realizada em Uberlândia com o Sr. Edwin Lars Sota León, no dia 14 de junho de 2006.

¹⁶⁹ HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: _____. **Da diáspora**; identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 232.

íntegra, autêntica e autônoma, situada fora do campo de força das relações de poder e dominação culturais”¹⁷⁰.

É nesse sentido que percebo em suas narrativas momentos de conformação, mas também de resistência na luta social travada por esses trabalhadores num campo de tensão contínuo entre eles e a classe que se quer hegemônica, o que permite pensar as culturas não apenas como formas de vida, mas como formas de luta¹⁷¹.

Interessada em saber se este trabalhador acredita que é possível viver bem com o trabalho que realiza indaguei ao Sr. Edwin sobre isso e ele respondeu:

*[...] aqui em Uberlândia não pode viver sempre da, de tocar não, pois é mais complicado, né? O pessoal enjua então você tem que está mudando, né? Como tá viajando. [...] Entón, as vendas vão baixando, baixando, então, tem que estar mudando.*¹⁷²

Mesmo que se estabeleça durante alguns meses, ou até mesmo anos, em uma cidade, este trabalhador, assim como muitos outros que realizam este trabalho, está em um constante movimento que oportuniza o viver. A partir de sua narrativa pude compreender que para que ele possa viver bem sua vida, sustentando sua família, faz-se necessário viver viajando. Suas andanças estão articuladas à produção de um público, afinal, “o pessoal enjua então você tem que está mudando, né?”¹⁷³

Fiquei pensando o que seria essa idéia do “enjoar” de seu trabalho e suas andanças devido a este problema senão a busca de impedir uma possível massificação de sua produção? Afinal, massificar pode significar entrar na lógica da banalização, retirando de sua música o potencial que a traduz como repertório de práticas de sujeitos e culturas nas relações de troca, nos atos de conhecer o outro na linguagem com a qual este outro se apresenta publicamente.

O procedimento de difusão, espetacularização e expropriação em que a cultura é “fetichizada”, virando mercadoria principalmente por meio das grandes indústrias transnacionais e de turismo que deslocam os significados firmados numa cultura, é disputado por estes trabalhadores. Ao se inserirem e significarem este processo e resistirem às tentativas de exclusões ou simples folclorização, se adaptam a ele e imprimem seus valores a produtos que são vistos por muitos como simples peculiaridades.

¹⁷⁰ HALL, Stuart. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: _____. **Da diáspora**; identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 238.

¹⁷¹ Ibidem.

¹⁷² Entrevista realizada com o Sr. Edwin Lars Sota León, em Uberlândia, no dia 14 de junho de 2006.

¹⁷³ Idem.

No entanto, mesmo que o fascínio pelo exótico possa ser reelaborado e apropriado por esses trabalhadores como uma forma de resistir às pressões do mundo capitalista, não podemos esquecer que este processo no qual estão inseridos significa também desigual participação na formação do chamado patrimônio cultural.

Isto conduz, como chama atenção Néstor Garcia Canclini, a uma hierarquia de capitais culturais, onde diferentes grupos se apropriam de forma diversa das “heranças” culturais, selecionando aquilo que consideram de valor. Desta forma, o patrimônio torna-se um espaço de luta material e simbólica entre as classes. A seleção por grupos que detém o poder do que é considerado de valor em uma sociedade reproduz diferenças entre as classes, ao mesmo tempo em que exclui a produção cultural de certos grupos sociais¹⁷⁴.

Esta seleção busca absorver as manifestações culturais consideradas pelos grupos dominantes como “populares” principalmente com o intuito de controlá-las. Em um duplo movimento, ao mesmo tempo em que o Estado promove uma determinada cultura convertendo-a em patrimônio cultural, também tenta domesticá-la, desvinculando-a da classe que a produziu e vinculando-a a novas classes sociais, forjando assim uma tradição nacional, representante de certa nacionalidade¹⁷⁵.

A tentativa de forjar uma tradição não ocorre de forma neutra, segundo Raymond Williams, ela é sempre seletiva e expressa pressões e limites dominantes e hegemônicos, sendo um meio prático de incorporação que para isso toma um passado como modelo para o presente na busca de definir uma identificação social e cultural. Segundo Williams:

*De toda uma possível área de passado e presente, numa cultura particular, certos significados e práticas são escolhidos para ênfase e certos outros significados e práticas são postos de lado, ou negligenciados. Não obstante, dentro de uma determinada hegemonia, e como um de seus processos decisivos, essa seleção é apresentada e passa habitualmente como ‘a tradição’, ‘o passado significativo’. O que temos, então, a dizer sobre qualquer tradição é que nesse sentido ela é um aspecto da organização social e cultural contemporânea, no interesse do domínio de uma classe específica. É uma versão do passado que se deve ligar ao presente e ratificá-lo. O que ela oferece na prática é um senso de continuidade predisposta.*¹⁷⁶

¹⁷⁴ CANCLINI, Néstor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. In: HOLLANDA, H. Buarque de (Org.). **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Tema: Cidade. n. 23, p. 94-115, 1994.

¹⁷⁵ CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**. Aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1989.

¹⁷⁶ WILLIAMS, Raymond. Tradições, Instituições e formações. In: _____. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 118-123.

Nessa direção, o que vem sendo considerado de valor? Qual tradição cultural é vista como realmente significativa? Como esses trabalhadores latinos podem participar e usufruir de direitos provenientes de políticas, como aquelas advindas de leis de incentivo à cultura?

A valorização da cultura enquanto um meio para sobrevivência de diversos grupos e etnias move diferentes ações e está presente no Brasil e noutros países, significativamente no que diz respeito às políticas culturais. No caso específico, as ações da UNESCO no Brasil trazem a idéia de direito à diversidade, no entanto, está diretamente ligada à relação entre cultura e desenvolvimento, portanto à idéia de economia criativa, como também o incentivo à expansão do turismo cultural.

Essas idéias materializam-se no documento produzido pela UNESCO onde foram definidas, por meio do Plano Nacional de Cultura, algumas prioridades que devem nortear suas ações entre os anos de 2005 e 2015. Dentre essas prioridades destaca-se: Administração Pública da Cultura; Direitos Culturais e Cidadania; Cultura e Desenvolvimento; Patrimônio Cultural; Comunicação é cultura. Essas prioridades têm como objetivo principal garantir o direito à cidadania e à cultura. No entanto, sua principal linha de ação para alcançar este objetivo se dá por meio da:

“[...] promoção da relação entre cultura e desenvolvimento [...]. Dois pontos centrais podem ser identificados. O primeiro diz respeito ao impacto econômico da cultura. De forma geral, esse potencial é reconhecido no Brasil, mas pouco se fez para avaliar seu verdadeiro valor por meio da criação de bancos de dados e de um sistema permanente de avaliação. A UNESCO poderia apoiar os esforços das instituições públicas nesse sentido. O segundo campo de ação diz respeito à Convenção sobre Diversidade Cultural. O artesanato tradicional, as pequenas manufaturas, a moda e o design são áreas estratégicas para o Brasil, tendo em vista a gama de produtos oferecidos e sua capacidade de melhorar as condições de vida dos grupos mais pobres.”¹⁷⁷

A possibilidade de alcançar com sucesso esses objetivos está, segundo o próprio documento, no crescimento da consciência da dimensão econômica que possui este setor e principalmente da ação estatal que passa a afirmar a cultura como setor estratégico, promovendo campanha nacional em favor da definição de um orçamento mínimo para a cultura.

¹⁷⁷ MARCO estratégico para Unesco no Brasil. Brasília, out. 2006, p. 45-46. Disponível em: <http://www.unesco.org.br/publicacoes/livros/marcoestrategicoUNESCO/mostra_documento>. Acesso em: 23 jan. 2007.

Para concretizar esses objetivos é apontada ainda a necessidade de capacitação e do compartilhamento de conhecimentos. Isso significa que, dentro dessas ações, a cultura como um direito encontra seus limites no momento em que vem a possibilitar ou não o desenvolvimento econômico.

Além disso, o que me chama atenção é que o investimento em turismo cultural, em artesanatos, gastronomia, entre outros, está diretamente ligado aos possíveis significados que estes possuem enquanto representantes de uma cultura regional ou mesmo como expressão de nacionalidade. É enquanto um testemunho de uma cultura nacional que o Estado escolhe e busca promover a criatividade cultural de uma determinada região ou comunidade.

Tendo em vista este horizonte fico pensando como estes trabalhadores latinos poderiam participar desse processo de incentivo à cultura já que suas produções culturais não podem ser “classificadas” como nacionais, afinal, não são consideradas típicas de nenhuma região do país e, como bem sabemos, busca-se promover a produção cultural que seja reconhecida como símbolo de certa nacionalidade.

Ao refletir sobre estas questões penso que para além delas não podemos esquecer que estes trabalhadores são conscientes desta valorização da “cultura” e por se apropriarem dela não significa que dão a esta produção o mesmo sentido dado pelas políticas culturais produzidas por órgãos governamentais que focalizam principalmente o desenvolvimento econômico do país ou de determinada região. Até mesmo porque, como já foi apontado, o que estes trabalhadores produzem não é visto como “um modo de fazer tipicamente brasileiro”.

Conscientes das possibilidades que o trabalho abre, estes sujeitos se deslocam, viajam e interferem ativamente no processo de globalização, criando assim alternativas para melhores condições de vida em diferentes partes do mundo.

Ao entrevistar o músico Henrique Miranda, peruano de 30 anos que estava na Praça Tubal Vilela, pergunto-lhe por que ele veio para Uberlândia e ele responde:

*Não, na realidade eu no, isso faz parte do meu trabalho, hoje em dia faz parte viajar assim em diferentes cidades, né? Para fazer o meu trabalho que é divulgação do meu trabalho, CD, né? É assim, no só Uberlândia no, grandes cidades do Brasil e América Latina e América Central.*¹⁷⁸

Evidencia-se na narrativa deste trabalhador que sua escolha não foi pela cidade de Uberlândia enquanto um espaço físico onde poderia se estabelecer definitivamente.

¹⁷⁸ Entrevista realizada com o Sr. Henrique Miranda, em Uberlândia, no dia 25 de novembro de 2006.

Sua opção faz parte de seu trabalho enquanto um modo de vida que o (re)direciona para diversas cidades na busca por um público, sem separar produção e divulgação afinal como ele mesmo diz ele está em Uberlândia por seu trabalho “*que é divulgação do meu trabalho, CD, né?*”¹⁷⁹.

Assim como o músico Edwin, as criações musicais do Sr. Henrique são articuladas à necessidade de constituir um público para o que produz e por isso também a viagem se torna parte de sua vida.

Sobre esta necessidade de constituir um público para seus trabalhos fala ainda o Sr. Henrique quando perguntado se as músicas com as quais trabalha são restritas à cultura de seu país:

*Olha, no início da, da carreira de músico nós fazíamos uma música así bastante música nacional de meu país, após o tempo así já visitando otros países la gente resolveu fazer música já mais así de internacional, que como la gente estava fazendo um poco de música así digamos así entre aspas é “música comercial”, resolvemos fazer regravações de, de, de música internacional, así bandas así como Scorpions, The Gueen, Jon Bon Jovi, The Eric Clepton e así grandes bandas, grandes compositores, grandes músicos mesmo [...] aqui, em qualquer lugar do mundo todo mundo conhece essas bandas que eu já te falei... Quase em tudo mundo, não só em país de habla hispana, né? Em otros países de otras línguas conocen essa turma porque são muito famosas e a diferença é que la gente faz, assim, música bem orquestrada, tipo sinfônica, né? Orquestra sinfônica, entón, é isso que faz a diferença nosso trabalho com otros trabalhos, né? Eu acho que, é, os integrantes da turma son de diferentes países, não é? Entón, a, o pensamento, a idéia que tem cada um deles ajuda muito nessa diferencia que faz nosso trabalho com os otros trabalhos.*¹⁸⁰

Sua narrativa evidencia que no processo de adequação da produção há também a impressão de um valor, afinal, são eles que escolhem o que vão produzir com vistas a alcançar um determinado público já conhecido por eles.

Para além do valor agregado em suas produções está também o valor dado por eles que pode ser percebido por seus critérios de escolha. No caso do músico Henrique a primeira opção foi a música de seu país, o Peru, no entanto, ampliando as dimensões de alcance de seu trabalho agregou também aquilo que ele chama de música internacional que pode atingir um público mais amplo.

Cabe ressaltar que esta ampliação não significa a simples introdução de novos estilos musicais em seu repertório, ao escolher estas músicas são também feitas

¹⁷⁹ Entrevista realizada com o Sr. Henrique Miranda, em Uberlândia, no dia 25 de novembro de 2006.

¹⁸⁰ Idem.

adaptações, produzindo o que ele chama de música bem orquestrada o que para ele diferencia seu trabalho.

Compreendo que ao transformar sua produção para um público este trabalhador busca ampliar as possibilidades de seu trabalho numa conjugação de submissão e ao mesmo tempo resistência ao processo de mercantilização da cultura. Agregar e recriar músicas que são conhecidas em vários países significa se inserir em um circuito transnacional que ao se apropriar dos bens culturais de diferentes povos dissolvem o sentido social de sua produção¹⁸¹.

É interessante notar também que este trabalhador ressalta sua diferença por meio de sua cultura e da dos demais trabalhadores que compõem o grupo de músicos do qual faz parte. Esta diferença salientada em sua narrativa permite perceber suas culturas enquanto “*um terreno sobre o qual as transformações são operadas*”¹⁸². Como um campo onde cotidianamente luta-se por um lugar na sociedade. Ou seja, cultura enquanto espaço de tensão, de luta por direitos, cidadania e reconhecimento.

Isso permite compreender que não é apenas o processo de globalização no abstrato que gera transformações na vida desses sujeitos, mas principalmente as transformações que vão sendo gestadas pela própria classe trabalhadora na relação com outras classes, relações que muitas vezes significam disputa por valores.

Para além dos músicos, o circuito de produção de música artesanal não se restringe aos intérpretes, mas é ampliado à medida que existem outros trabalhadores que passam a trabalhar especificamente na venda deste tipo de material. Ao entrevistar o Sr. Isaías, vendedor de CDs de música andina, indaguei-lhe como ele começou a trabalhar especificamente com a venda desses CDs, insisti em saber de onde surgiu esta idéia e ele disse:

*Ah, foi por causa de um colega meu que chegou aqui vendendo CD, o peruano, o Héber, né? E o Héber viu que eu trabalhava com CD pirata, CD pirata daqui desses CDs comuns que estão por aí, né? Ele me disse “CD pirata dá problema!” Eu sei que dá problema, mas eu tô fazendo isso no, no sei que posso fazer, ele falou: “junta o seu dinheiro e eu le vendo material e você trabalha com CDs andinos, são melhores, são menos concorrido e no son piratas”, então fizemos a sociedad, por isso entrei nesse CD andino.*¹⁸³

¹⁸¹ BARBERO, Jesús-Martin. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

¹⁸² HALL, Stuart. **Da diáspora**; identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 232.

¹⁸³ Entrevista realizada em Uberlândia com o Sr. Isaías Manuel Velásquez Villegas, no dia 14 de junho de 2006.

A perspectiva de que o trabalho com CDs de música andina poderia ser mais seguro, pois não é um material pirata, com certeza foi um meio encontrado para escapar dos problemas com os fiscais. No entanto, o que me chamou atenção foi como o problema de estar vendendo CDs piratas foi resolvido por meio da existência de uma rede de relações que o liga a outros trabalhadores, tornando possível então a mudança, abrindo-lhe outra perspectiva de trabalho.

Além disso, cabe destacar a expectativa de inserção diferenciada que este tipo de produção poderia lhe proporcionar. Visando driblar a concorrência este trabalhador opta por vender esse tipo de produção musical, fruto de relações que são construídas entre estes trabalhadores por meio da amizade e companheirismo.

O valor que possui o trabalho realizado por eles enquanto uma alternativa pode ser percebido em outras narrativas. Esse valor evidencia-se no enredo tecido pelo Sr. Fernando quando ele, para falar sobre o problema dos fiscais e como essa situação os faz sentir como ladrões, diz:

*Impotente nos fiscal, contra os fiscal, porque você tá impotente você não pode alegar nada, não pode falar nada, os cara vem mal, é, sin educação, pega seus trem, joga pra dentro da sacola e tchau o que, aí você que fica así ó, como vai fazer manhã pagar nosso pão. Porque eles te levam até as ferramentas se eles quer, eles quer levar, eu não dexo, eu não dexo, eu brigo por isso, mas eles tem o coragem de falar levar, que eles quer me levar minhas ferramentas, eu falo “se tu levar minhas ferramentas, tu vai ter que levar minhas mãos também, porque minhas mãos são da minha ferramenta” e eu não vendo ferramenta, entendeu? Porque se eles quer levar minhas ferramentas, leva minhas mãos, então. Me coloca dentro de uma sacola porque a máquina sou eu que faz.*¹⁸⁴

A privação dos atos de praticar sua arte, de fazer seu trabalho, o que lhe faz sentir-se impotente, pode ser contornada pela produção “autônoma” dos objetos que vende. É nesse sentido que o artesanato, enquanto uma ação alternativa é considerado por ele uma arte e uma opção que lhe dá mais “liberdade”.

Continuando sua narrativa o Sr. Fernando afirma que em “qualquer lugar do mundo que eu vou eu sou artista, em câmbio, fiscal é só aqui no Uberlândia, fiscal eles são aqui, em câmbio eu sou artista em qualquer lugar”¹⁸⁵. Sua fala carrega o sentido que atribui a seu trabalho e o valor que ele possui. Para este artesão, ser um “artista” como ele, é ter a possibilidade de viver em itinerância, em estar em diferentes partes do mundo e, principalmente, ter seu trabalho reconhecido.

¹⁸⁴ Entrevista realizada com o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em Uberlândia, no dia 29 de maio de 2007.

¹⁸⁵ Idem.

Ao perguntar ao Sr. Fernando sobre o porquê da escolha de Uberlândia para viver, ele diz:

*A que mais eu, em realidad, realidad, eu vou te falar que eu no fico em Uberlândia. Na realidade eu pego quando venho fico uma semana, duas semanas e já vou embora para outro lugar. O sea, aqui eu tenho minha casa, minhas coisas, decidi morar aqui por causa do que eu te expliquei, por causa do trabalho, do trabalho no, do, do, do, que es barato viver aqui e por causa dos material que preciso pra trabalhar. Depois desso, eu não fico muito em lugar, em nenhum lugar, o máximo que he ficado aqui em Uberlândia há sido um mês, depois de um mês já ou aparece alguma festa ou decido ir a outra ciudad por causa mismo de meu trabalho, como o meu trabalho es algo que alguém quando compra no compra de novo, aí necessito vol..., procurar um novo mercado porque meu trabalho ele é (inaudível) e vem trazer novidade. Es, meu trabalho tem eso, (inaudível) novidade é bom, mas quando es sem novidade já todo mundo tem já no es mais bom, procurar outra cidade que sea novidade de novo.*¹⁸⁶

Para este artesão estar em Uberlândia neste processo de trabalho que vive está diretamente ligado às condições de busca por um novo mercado de trabalho. Por isso sua escolha por esta cidade não se desliga de seu trabalho mesmo que isso signifique um local fixo para um viver movido por itinerâncias. Ao mesmo tempo não desvincula seu trabalho de sua vida: “*es barato viver aqui e por causa dos material que preciso pra trabalhar*”¹⁸⁷.

A importância de se ter uma moradia fixa apareceu em outras narrativas, como por exemplo, na entrevista que fiz com o Sr. Marcelo quando lhe perguntei se ele e sua esposa voltariam a Uberlândia já que haviam me dito que tinham intenção de irem para a cidade de Anápolis-GO e ele me respondeu:

*Si, vamos fazer o seguinte, vamos deixar alugado aqui se Deus quiser, é já falei, já falei com a senhora porque a gente pensava ir a Rio de Janeiro naquela época dos Rolling Stones e tal que eu peguei uma gripe, increíble, né? E, ela tem um número de conta, então, a gente tiraria o dinheiro, mandaria o dinheiro pelo banco pra ela pra deixar aqui como morada fixa. É bom ter um lugar fixo, entendeu?*¹⁸⁸

Suas experiências dos modos de morar estão diretamente articuladas aos modos como trabalham e da conseqüente necessidade de viajar, o que transforma as relações de moradia ou mesmo engendra diferentes formas de morar que por vezes acontece por

¹⁸⁶ Entrevista realizada com o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em Uberlândia, no dia 13 de março de 2006.

¹⁸⁷ Idem.

¹⁸⁸ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

meio do aluguel, mas há também os períodos em que ficam nas casas de colegas de trabalho que conheceram durante as viagens, em albergues ou mesmo em barracas.

É bom ter uma moradia fixa, no entanto, além disso, fiquei pensando que esta morada, que não significa necessariamente propriedade, pode conter a expectativa de um dia realmente poder ficar e trabalhar sem ter a necessidade de sair constantemente em busca de um novo público para suas produções, e que o permanecer não signifique transformar seus trabalhos em algo comum ou mesmo massificado.

Sua narrativa também explicita alguns motivos que os levam a sair, neste caso o show dos Rolling Stones no Rio de Janeiro, em outros momentos feiras ou shows em nossa própria região, no verão as praias para trabalhar. Este constante movimento liga suas produções à divulgação por eles mesmos de seus trabalhos.

Além da constante necessidade de buscar novas cidades para venda e divulgação de suas produções, chamou-me a atenção ao longo das entrevistas que iam sendo gravadas a idéia de que o trabalho artesanal é sinônimo de criatividade. Isso me levou a refletir sobre o significado que esta forma de trabalhar tem na vida desses sujeitos.

Ao entrevistar o Sr. Marcelo e lhe pedir para que falasse sobre o trabalho que realiza, este trabalhador trouxe em sua narrativa o tema da fiscalização, mas contestando-o e justificando seu direito ao trabalho da seguinte maneira:

*[...] la fiscalización no respetan la constitución porque eu estou ligado, no me lembro bien qual es lo inciso e todo aquilo, pero um artesano de Cascavel una vez leió pra mim directamente da constitución que tanto lo artesanato como la artesanía e como la arte é, tenía, tem livre exposición em Brasil constitucionalmente, aí é bastante extraño que, que são brutales incluso, no?*¹⁸⁹

Sujeito consciente e ativo, mostra-se conhecedor de seus direitos que são garantidos pela Lei, independentemente de sua nacionalidade. Sua forma de requerer direitos a ocupar aquele espaço através da Constituição brasileira permite ainda pensar como ele busca romper com uma cidadania excludente, uma vez que exige também para ele o cumprimento de uma lei produzida pelo Estado brasileiro.

Assim como o Sr. Marcelo, o Sr. Alejandro Schwindt fala de seu direito em estar em um local público tendo como base a Constituição brasileira. Durante a produção da entrevista perguntei-lhe se havia problemas em seu trabalho com os fiscais ou com a polícia e ele respondeu:

¹⁸⁹ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 de junho de 2007.

*Bueno, los fiscales perturbam muito aqui em Uberlândia, é, muitas vezes querem pegar os trabalhos da gente [...] pero em la constitución nacional brasileira aquele que faz arte, lo que eu faço es arte tem direito a trabalhar e não pode perturbar os fiscais só que, é, ellos não respetan a constituição nacional que ellos fizeram, é, ellos, é, falam que aqui quem manda son ellos, pero... Ellos passam por encima de una lei que é de Brasil...*¹⁹⁰

Assim, embora sejam considerados estrangeiros pelo Estado brasileiro, buscam fundamentar sua presença nas diferentes cidades e o direito ao trabalho por meio da Constituição brasileira. Possivelmente estes entrevistados referem-se à Constituição Nacional de 1988, artigo 250, seção II, Da Cultura, que diz: “*O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais*”.

Ao conceberem seus trabalhos enquanto uma arte torna possível se valer da lei para firmar suas presenças e exigir respeito. Assim interpretam a Constituição enquanto aquilo que lhes pode garantir o direito aos espaços da cidade, ao desenvolvimento e produção de seus trabalhos, enfim, o direito a viver sendo respeitados e valorizados naquilo que fazem.

Ainda falando de sua experiência de trabalho nos espaços da cidade de Uberlândia, o Sr. Marcelo permite ampliar esta reflexão sobre o trabalho ligado à arte, portanto, mais livre, quando diz:

*Então, é, é, em nosso caso, é, nosso trabalho graças a Deus está em harmonia com, com nosso sentir, no é, no é um trabalho que a gente sinta como uma obrigação, eso es una feita muito importante, tá legal? E esse se há feito que nos dá coragem e también nos dá um poco de paciência que a gente às vezes perde, é com esses tipos de inconvenientes assim como una fiscalización injusta porque la arte e la artesanato é, não fazem competência com ninguém porque el artesano sempre está criando coisas, no, no es así como por exemplo você é um loja e vai otra e vê, os mismos diseños, aquela modinha, entendeu? É, são coisas realmente que tão perto de arte, perto de arte e que dão alegria incluso aos lugares públicos, atraem turismo e digo tem um gran valor realmente, así como de, de crecimiento social e cultural.*¹⁹¹

No enredo que o Sr. Marcelo vai construindo ao ser instigado por minhas perguntas, ele atribui ao trabalho que realiza certa autonomia, algo que não é apenas uma obrigação, mas principalmente uma arte. Apesar de vender produtos como qualquer trabalhador que está na Praça Tubal Vilela, ele entende que aquilo que faz foge

¹⁹⁰ Entrevista realiza com o Sr. Alejandro Schwindt, em Uberlândia, na Praça Clarimundo Carneiro, no dia 15 de setembro de 2006.

¹⁹¹ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 de junho de 2007.

de padrões impostos e por isso destoa de outras produções oferecidas no mercado, o que diferencia seu trabalho dos demais.

Ao dizer que “*no é um trabalho que a gente sinta como uma obrigação*”¹⁹², fico pensando neste *a gente* como uma forma de traduzir seu sentimento de que não está sozinho. As expressões no plural, como “*nosso caso*”, “*nosso trabalho*”, “*nosso sentir*”, demarcam, juntamente com “*a gente*” a idéia de grupo¹⁹³. Em sua narrativa ele delimita e se identifica a um grupo que compartilha experiências em comum, definindo-se por meio de suas práticas e vivências, nas maneiras de experimentar as relações de trabalho e mesmo de dominação¹⁹⁴.

Ao diferenciar-se e ao mesmo tempo identificar-se com um grupo, este trabalhador coloca do outro lado a ação dos fiscais como algo injusto, pois impõe limites ao seu modo de viver e trabalhar.

Além disso, a negação do Sr. Marcelo ao dizer “*una fiscalización injusta porque la arte e la artesanato é, não fazem competência com ninguém*”¹⁹⁵ permite refletir sobre outros motivos para a intensa fiscalização. Fiquei pensando, a partir de sua narrativa, se a idéia de que os produtos que vendem competem com os vendidos nas lojas não seria também uma forma utilizada para justificar a presença dos fiscais e encobrir outros interesses, principalmente aqueles ligados à vontade das classes dominantes de “ordenar” a cidade hierarquizando seus espaços. Desta forma, sua narrativa permite a percepção dos conflitos e disputas que vivencia, as tensões presentes no espaço que requer como seu por direito.

No entanto, o mais interessante é que, por saber como são vistas as pessoas que realizam este tipo de trabalho, o Sr. Marcelo justifica sua presença neste espaço não só por meio da lei que lhe foi informada por um colega, mas também pelo “*crescimento social e cultural*”¹⁹⁶ que proporcionam. Percebo este valor atribuído ao seu trabalho também como uma forma de qualificar seu público que seria aquele mais ligado à arte, aquele que foge dos “*misimos desenhos, aquela modinha*”¹⁹⁷.

¹⁹² Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 de junho de 2007.

¹⁹³ Na língua espanhola a expressão “*la gente*” aponta para “as pessoas de um modo geral” e não para o sentido de “a gente” em português que até substitui o pronome “nós” na conjugação verbal. Na fala do entrevistado ficou claro que as duas línguas compartilham o mesmo ato discursivo, ou seja, mescla as idéias que quer expressar em um português invadido pela língua materna e vice-versa.

¹⁹⁴ HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura 1**. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Presença, 1973.

¹⁹⁵ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 de junho de 2007.

¹⁹⁶ Idem.

¹⁹⁷ Idem.

No processo de apropriação e reapropriação vivido este trabalhador busca se firmar por meio do reconhecimento de que o que faz não é algo comum ou simples mercadoria, mas possui valor, agrega uma cultura onde ele se reconhece. Sujeito imerso no processo de globalização cultural, disputa, resiste e por vezes se adapta ao processo do qual faz parte.

Consciente do que significa hoje o trabalho com o artesanato e conhecedor da enorme dimensão que esta prática alcançou nos últimos anos tornando-se não apenas fonte de sustento para inúmeras famílias, mas também chamariz para turistas interessados em consumir este tipo de produção cultural, este trabalhador traz a idéia de que seu direito em estar naquele espaço não se fundamenta apenas na necessidade e no direito que possui de trabalhar, mas também por estar produzindo objetos artísticos que “*dão alegria incluso aos lugares públicos, atraem turismo*”¹⁹⁸.

No entanto, percebo que o trabalho que realizam, mesmo permeado pelo processo de transnacionalização e mercantilização da cultura, se traduz e diferencia-se a partir de suas experiências. Seus modos de trabalhar significam escolhas, opções realizadas, permeadas por tensões e necessidades que foram sendo dribladas ao longo de suas histórias. É uma saída encontrada para continuarem suas vidas, assim como anteriormente foram outras atividades.

Ao perguntar a Sra. Norca se no Peru ela também era artesã ela diz:

*Lá não. Nem pensava, nem sabia de eso. Lá, é trabalhei así, trabalhei como, em em taller de roupa costurando, depois trabalhei así como secretária. Eu, e daí trabalhei é, montei um restaurante pequeno assim, aí que ajudó, ajudou um pouco, eso trabalhei muito tempo, muito tempo até eu vir aqui, eso ajudou muito e depois quando eu cheguei aqui eu encontrei a meu esposo trabalhando de artesão e la gente aprendeu, acabou aprendiendo e tamos trabalhando nisso.*¹⁹⁹

Em sua narrativa a Sra. Norca fala da necessidade em estar sempre trabalhando, o que faz pensar que, embora suas experiências sejam diversificadas, esta artesã traz em seu enredo sua condição de trabalhadora, não importando assim, o tipo de trabalho realizado, mas as experiências que demarcam os limites de seu viver.

Os diversos trabalhos realizados por ela levam a refletir sobre as condições de vida que são colocadas aos trabalhadores e como estes criam alternativas para contorná-

¹⁹⁸ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 de junho de 2007.

¹⁹⁹ Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em Uberlândia, no dia 23 de março de 2006.

las. Nesse sentido percebo que a produção artesanal foi mais uma alternativa construída por ela e por sua família para sobrevivência.

Assim como na narrativa da Sra. Norca também interpretei na narrativa do Sr. Marcelo o trabalho artesanal como uma escolha feita para melhoria de sua vida. Ao lhe perguntar se ele alguma vez já havia pensando em deixar de trabalhar com artesanato ele respondeu:

É, vou te falar, eu tenho 52 años e estou fazendo artesanato a, dos vinte anos, eu tive período de trabalho com artesanato e tive período em que estudei, tive emprego que trabalhei em psicologia, trabalhei com yoga, fui promotor de vendas, sei lá tudo o que a gente fez, entendeu? [...] Aí soy oficiale em pastelaria que foi o que eu trabalhei na Argentina, é, trabalhei com massagens, com dígita pressão, aquele massagem chinês, é, sei lá, fiz tudo... Vendi perfumes, eu fazia os perfumes, pegava as essências em São Paulo, fiz de tudo, entendeu? Em 52 años e tive muitos años em que não fiz artesanatos, mas sempre gostei e aprendi muitas coisas já te falei.²⁰⁰

O que percebo é que ao longo de suas vivências o Sr. Marcelo foi construindo alternativas, buscando soluções que pudessem atender suas necessidades, encontrando brechas no processo de mercantilização da cultura, o que em um determinado momento fez com que o artesanato se tornasse um recurso econômico.

A realização, ao longo de sua vida, de diferentes trabalhos, alguns até mesmo curiosos leva a refletir sobre este viver em que se tem que saber fazer um pouco de tudo, em que se aprende uma variedade de atividades que certamente tornam-se a garantia de nunca ficar sem um trabalho, sem ter o mínimo necessário para viver.

Continuando sua narrativa este trabalhador diz:

Trabalhei, fiz calçado, sandália, rasteirinhas, sapato tipo a ver esse aqui, es una miniaturinha que eu fazia desse jeito mais mesmo, você entendeu? [...] Eu aprendi a soldar em prata, trabalhei com pedras, com soldadura de prata na Argentina depois de una temporada boa no Uruguai, é, tem um balneário muito famoso lá chamado La Paloma, é perto de Punta de Leste. [...]. É, aí eu conheci uma turma de argentinos que trabalhavam muito bem e me envitaram a ir a Argentina a passar uns dias lá e eu fui pra lá depois do verão aí aprendi a soldar prata com eles também e a trabalhar pedras, entendeu? Foi muito, foi muito bom.²⁰¹

A experiência que transborda de sua narrativa chama a atenção em relação a forma como este trabalhador foi adquirindo conhecimentos para o trabalho. Mesmo sendo formado em psicologia e tendo trabalhado na área, também aprendeu de maneira

²⁰⁰ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

²⁰¹ Idem.

autônoma, desligada de instituições, saberes que lhe proporcionaram alternativas a seu viver e que nesses 52 anos de vida lhe garantiu sustento.

Estes saberes que não são técnicos, nem se aprendem em cursos, foram desenvolvidos, para além das necessidades que os motivaram, por meio de relações estabelecidas onde experiências foram sendo compartilhadas. Nessa direção, também o Sr. Edwin, ao ser perguntado sobre como teve a idéia de trabalhar com música, diz:

*No, lá eu tocava ya, né? Entón de algum, de algum jeito la gente subsistia com isso, né? Agora eu no, eu morava com minha mãe, eu fazia, no começo eu fazia algo como, como couver pra mim mesmo, né? Como algum diversão, mas daí começaram os problemas políticos em Peru aí que eu decidi sair e aí, aí vi que era algo bom, né? Para poder trabalhar e é algo bom que o mundo, o mundo tudo aceitava né? Entón, aí ficou. [...] yo gosta de ficar na rua porque você sempre está en contacto con las personas, né? Com todo o tipo de gente, né?*²⁰²

Trazendo como referência seu viver em família na casa da sua mãe e os problemas políticos no Peru principalmente ligados à crise em que mergulhou este país durante o governo de Alberto Fujimori²⁰³, este trabalhador transforma algo que para ele inicialmente era uma diversão em uma saída para seu viver. Assim, seu trabalho é firmado nas suas referências culturais ao mesmo tempo em que imprime nele seus valores e a maneira como interpreta o mundo.

É interessante notar que hoje (2007) suas criações são constantes e não se limita à música tradicional de seu país. Ampliando seu repertório ele diz:

*[...] hoje por hoy na rua la gente consigue vender muito CD evangélico, né? La gente acostumbró tocar música evangélica também porque ali tem una, la persona tem una espiritualidad e todo eso viu? Tem muito, muito, hoy por hoy está creciendo o mercado evangélico, a espiritualidad evangélica tá crescendo muito, demais e daí a gente de algum jeito la gente está ajudando, né? Porque, porque como está o mundo tá complicado, né? Tá complicado.*²⁰⁴

O que percebo é que este trabalhador não hesitou em inserir em seu repertório músicas evangélicas, o que lhe garante um público diversificado. No entanto, é importante salientar que a constituição de seu público é delimitada por ele a partir da escolha do repertório e do valor que atribui à música que interpreta. Mesmo que

²⁰² Entrevista realizada com o Sr. Edwin Lars Sota León, em Uberlândia, no dia 14 de junho de 2006.

²⁰³ Alberto Fujimori governou o Peru entre os anos de 1990 e 1995 (primeiro mandato); 1995 a 2000 (segundo mandato) e de 28 de julho a 19 de novembro de 2000 (terceiro mandato) quando renunciou a presidência devido a uma série de escândalos que envolveram seu governo: corrupção, enriquecimento ilícito, evasão de divisa, genocídio (morte de 25 peruanos durante manifestação contra seu governo), abuso dos direitos humanos e seqüestro. Para maiores informações ver: <<http://www.anovademocracia.com.br/index.php/Fujimori-o-extraditado.html>>. Acesso em: 22 mar. 2007.

²⁰⁴ Entrevista realizada com o Sr. Edwin Lars Sota León, em Uberlândia no dia 14 de junho de 2006.

aproveite a expansão do mercado de músicas evangélicas, isto não ocorre de forma aleatória com vistas apenas ao lucro, pois este estilo de música tem para ele um significado, afinal por meio de seu trabalho “*de algum jeito la gente está ajudando, né? Porque, porque como está o mundo tá complicado, né? Tá complicado*”²⁰⁵. Em seu enredo percebo, por tanto, que suas escolhas significam a participação ativa no processo de transformação social e cultural e não apenas uma adaptação.

Além disso, é possível identificar em sua fala a escolha do espaço da rua como um espaço onde as relações, as vivências e as amizades são construídas. Desta forma, o sentido dado a ele não se restringe somente ao mundo do trabalho.

Acredito que quando o Sr. Edwin diz “*yo gusta de ficar na rua porque você sempre está en contacto con las personas, né?*”²⁰⁶ é possível vislumbrar experiências que, permeadas pelo trabalho artesanal que produz, abre seu mundo a outras pessoas, outros sentidos e culturas, ou seja, a um outro mundo que se encontra com o dele naquele espaço. Este encontro pode significar a construção de relações de companheirismo ao mesmo tempo em que pode significar tensão frente a interesses e valores divergentes.

Insistindo na necessidade de compreender como esses trabalhadores começaram a produzir tais trabalhos percebi que este tema evidenciava-se em algumas narrativas quando relatavam sobre seu modo de trabalhar e de suas produções. Ao perguntar ao Sr. Alejandro sobre como ele teve a idéia de fazer artesanato ele diz:

*[...] comecei a fazer artesanato e viajando, andando por diferentes países você aprende diferentes formas de trabajar, é, aqui em Brasil tem um jeito pra trabalhar com artesanato, em la Argentina tem um jeito diferente, é, em Uruguai tem um jeito similar a Argentina, depois tem Chile que tem um jeito similar también, aqui trabalha muito com semente.*²⁰⁷

Sua narrativa permite compreender que trabalhar envolve escolhas feitas a partir de suas experiências de itinerâncias. Em suas andanças esses trabalhadores vão identificando, aprendendo e adaptando diferentes formas de trabalho. O artesão Marcelo, ao falar sobre como começou a trabalhar com artesanatos, permite vislumbrar este agregado de experiências diversificadas que constitui o produto final de seu trabalho:

²⁰⁵ Entrevista realizada com o Sr. Edwin Lars Sota León, em Uberlândia no dia 14 de junho de 2006.

²⁰⁶ Idem.

²⁰⁷ Entrevista realizada com o Sr. Alejandro Schwindt, em Uberlândia, no dia 15 de setembro de 2006.

*[...] personalmente eu comecei trabalhando o couro porque Uruguai es un gran productor de couro, entonces lá você tem todo lo referente ao couro muito barato, é, e o mercado lá siempre foi bom, sobre todo com o turismo, são coros de boa qualidade los uruguayos, entendeu? Aí no verão mais que nada e por aí nas lojas do centro você faz uma produção de bueno, boa qualidade de bolsa, de sandálias artesanais, todo aquela linha, né? Bilheteira, porta-documentos, sei lá, de todo, é, e você colocava bem, colocava bem todo aquilo, é, você por exemplo, é, viaja a sul de Argentina e lá eles mexem mais com pedras. Você vai norte de Argentina eles mexem mais com tear porque estão mais perto da Bolívia, daquelas tradições, você nota, nota essas coisas. Vem pra Brasil tem muita semente, lá não temos, lá se paga muito bem se eu levo a semente que tenho aqui todo mundo vai me comprar, entendeu? Agora eu posso cobrar los precios lá que eu não posso cobrar aqui, entendeu? Este, é así mismo cada região tem a sua peculiaridade sim. Vamos supor, los baianos e los nordestinos, é, tem una tradición de trabalhar com tear, pero eles fazem unos trabalhos que vem, são de cultura africana, são aqueles que se chamam olhos de deus, eu não sei se você está ligada, que fazem também em centro América. São muitos coloridos, tipo rombos, tem exágoros multicoloridos, que eles vem de una tradición espiritual, espiritista, para chamar espíritos bons e todo aquele historia do candomblé e muitos bonitos, muito bonito. Fibras vegetais, lá no vai ver, em Argentina não vai encontrar muita gente que trabalhe capim dourado, palha, entendeu?*²⁰⁸

Ao narrar sobre a diversidade de produções, sua narrativa trouxe à luz uma diversidade cultural. Além disso, fico pensando como seu trabalho impulsiona suas andanças, afinal certas produções possuem valor diversificado em cada região. Como diz o Sr. Marcelo “*[...] eu posso cobrar los precios lá que eu não posso cobrar aqui, entendeu?*”²⁰⁹.

Nessa direção, o que percebo por meio das narrativas desses trabalhadores é que a valorização da produção cultural pela população em geral, passou a ser vista como uma oportunidade de vida sendo apropriada e adaptada por esses trabalhadores como um meio de manter seus modos de viver em itinerância, assim como de sobreviver e resistir à exploração do sistema capitalista burlando-o em alguns momentos por meio de seus trabalhos.

Isto significa que as produções artesanais desses trabalhadores latinos não expressam um modo de fazer típico de seus países de origem. Na busca por melhores condições de vida, diferentes modos de produção foram sendo recriados e/ou inventados.

Estes trabalhadores foram aprendendo a produzir trabalho de modo artesanal por meio das relações constituídas e durante suas andanças. Por isso, aquilo que produzem, embora possa possuir características marcantes de determinadas regiões da América

²⁰⁸ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 02 de junho de 2007.

²⁰⁹ Idem.

Latina, não se constituem como “tradições” congeladas ou restritas que representam esta ou aquela nacionalidade. Há uma mistura de formas de produzir, de matérias e de culturas.

Além disso, percebi também que esta forma de entender o trabalho que realizam enquanto uma arte leva a certa separação entre eles e aqueles chamados de camelôs, ou seja, outros trabalhadores que muitas vezes estão na mesma situação, mas que não produzem “artisticamente” seus próprios trabalhos.

Ao perguntar ao Sr. Fernando sobre a fiscalização ele diz:

Não, eu acho que tá, se eles combatessem o contrabando, acho legal isso do contrabando, não tô de acordo contrabando, pirataria e essas coisas, mas um cara que tá com a mão cheia de calo de virar arame, que es cultura, que es, es algo artesanal, que não é importado e nem vendido, o único importado sou eu, entende? Então, é, que os caras vêm querendo reprimir algo que es cultural, que es artístico, que es bonito. [...] Não tem sentido, pra mim não, pra mim não e ainda que a lei brasileira federal nos deixa trabalhar, nos deixa expor nosso trabalho, só que existem leyes municipais que falam que não, entendeu?²¹⁰ [...] Porque lamentavelmente um no Brasil, no só no Uberlândia senão bastantes regiones do Brasil é o artesão não é visto como artista senão é visto como camelô, aí eles te tratam como camelô... Não sô um camelô, mas eles trata a gente como um camelô e vão cara e eu fico com essa raiva, no?²¹¹.

O Sr. Fernando busca desligar-se da imagem de camelô. Ao atribuir a seu trabalho o status de “cultura” ou de “arte”, este artesão retira o valor e esquece as necessidades de outros trabalhadores que, assim como ele, ocupam os espaços da cidade. A diferença vai sendo construída a partir do tipo de produto comercializado que denota contrabando ou pirataria.

Já ao conversar com o Sr. Marcelo percebi que ele trazia outros elementos em sua narrativa o que possibilitou ampliar a reflexão sobre esta problemática. Quando lhe perguntei durante uma entrevista sobre a fiscalização, ele respondeu:

[...] eles com os artesãos no, não tem muito problema não, o artesão verdadeiro, no? O camelô tem problema, mas a gente que faz cosas com suas mãos assim criativa, no estilo assim hippie por falar de algum jeito, no? Eles no, no mexem demais, por aí é, eles fazem levantar tudo do lugar pra ir embora así, pero no pega muita coisa de nós e às vezes nem siquiera fala mal da gente ir embora, entendeu? Mas por aí chegam uma turma deles que se tem alguma encomenda e de algum companheiro eles são levados, é não muito mas de qualquer jeito a gente pode se ajeitar pra trabalhar, entendeu? É, fazer alguma coisa mais leve não uma banca tão grande, é levar menos coisa, caminhar, sei

²¹⁰ Entrevista realizada com o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em Uberlândia, no dia 13 de março de 2006.

²¹¹ Entrevista realizada com o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em Uberlândia, no dia 29 de maio de 2007.

*lá. Se eles vem por um lado vai pra outro lado, entendeu? Ajeitar a situação, assim dá, dá perfeito e o trabalho sigue rendendo bem pra nós. Mas é triste porque tem muita gente que estão necessitando trabalhar na rua mesmo e unos são pra criar filhos, pra ajudar os nietos o para si mesmo, tem muito aposentado que está ganhando um dinheirinho lá muito ruim e tem muita idade, eu espero na estar assim quando tenha 70, 80 anos, e eles estão fugindo e sendo incomodados, entendeu? Já chegar ao centro lá es um sacrifício pra eles, o calor e tem esse cara que eu te falei que pegaram o banquinho, o senhor, ele tem oitenta e tantos anos e ele é grandão e dois por três ele se marea lá no centro, já vimos caer ele duas o três vezes, no é mama?*²¹²

Deste modo este trabalhador, assim como o Sr. Fernando, desliga-se dos chamados camelôs por meio da idéia de que seu trabalho é criativo, pois é produto de suas próprias mãos. No entanto, ele reflete sobre os problemas vividos pelos trabalhadores que estão nas ruas da cidade, trazendo assim a possibilidade de pensar esta situação enquanto um problema social e não apenas ligado ao contrabando, à pirataria ou à falta de criatividade desses outros trabalhadores.

Sua narrativa permite refletir sobre as condições impostas a estes trabalhadores que, em alguns casos devido à idade e em muitos devido ao desemprego, se submetem a viver tendo que fugir de fiscais e policiais como se fossem culpados por suas condições de trabalho. Fiquei pensando quais os limites desse modo de viver em itinerância principalmente para os com mais de sessenta anos ou para aqueles que têm filhos na idade escolar.

Entrelaçado aos limites há os sonhos que os fazem continuar enfrentando as dificuldades de trabalhar nas ruas da cidade. Embora este trabalho realizado nas ruas lhes imponha entraves, e ao mesmo tempo leve à persistência diante dos embates, é possível pensar até que ponto tais atos não são alimentados por expectativas de outras mudanças para além daquelas vividas no tempo imediato, isto é, no tempo dos embates das relações de trabalho, nas disputas pelos espaços da cidade. Nesse sentido, fiquei pensando: quais as expectativas de futuro que são alimentadas quotidianamente por esses trabalhadores? O que esperam sobre o que é possível mudar neste tempo presente?

É possível identificar que, vinculada às suas expectativas, está o desejo de mudanças nas leis que regulamentam o ir e vir entre os países. Por meio da mudança nessas regulamentações os conflitos possivelmente não estariam sendo vividos desta

²¹² Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

forma, mas seriam refeitos em termos que suas ações nos espaços públicos das diversas cidades poderiam não mais ser vistas como atos de transgressão²¹³.

O enredo do artesão Marcelo traz os componentes desses seus sonhos e utopias. Ainda que de forma implícita, percebo que ao falar de seu trabalho este sujeito fala de expectativas de futuro, seja com base nas dificuldades presentes ou no projetar o futuro tendo como referências os afetos familiares, a vida dos filhos e netos e daí a necessidade de continuar o trabalho, para que a vida deles seja a mudança, isto é, a possibilidade de materialização no futuro dos sonhos projetados a partir desse presente vivido. Além disso, ele trabalha em função da perspectiva de que “*espero na estar assim quando tenha 70, 80 anos, e eles estão fugindo e sendo incomodados, entendeu?*”²¹⁴, situação sempre presente em seu dia-a-dia e que certamente delimita seus sonhos e a projeção para um futuro mais tranqüilo, sem perseguições.

Continuando sua narrativa, o Sr. Marcelo possibilita aprofundar esta reflexão ao dizer:

*[...] se te pegam te levam coisas, não os artesãos já falei, mas gente que vende guarda-chuva, agora com a gente dos passes, um negócio incrível e bueno, depois tem aquela história que por aí tá certa, né? Gente que contrabando do Paraguai, sei lá. Aí, por aí hasta eu dou a razão pra eles, né? Aunque é um tema pra tratar também, hayuá. [...] Se você abrir a Paraguai está abrindo a mercado chinês e o Brasil tem crescer, entendeu? Aí tem que tomar medidas e isto está certo, mas também não é só a repressão, tem que dar trabalho, né? Educação também e saúde.*²¹⁵

Trabalhadores, brasileiros ou não, embora possuam suas diferenças são submetidos a condições similares de vida. Estes trabalhadores, artesãos ou não, não estão isolados, seguem seus caminhos construindo relações mesmo que certo *status* possa ser colocado como entrave a uma identificação de grupo. Embora possam se encontrar em condições diferenciadas, acredito que o interesse em comum de permanecer nestes espaços, de continuar seus trabalhos e garantir o viver os una em

²¹³ Cabe destacar que esses não são sonhos apenas dos trabalhadores da América do Sul. A partir das reflexões realizadas na disciplina de História da América III (INHIS – UFU), ao longo do 1º semestre de 2007, foi possível compreender melhor que esses são também sonhos de outros trabalhadores que cruzam as fronteiras do México e EUA com o desejo de atravessar não apenas uma fronteira geográfica, mas principalmente as fronteiras sociais e simbólicas impostas pelo capital sobre estes trabalhadores, uma vez que a lógica de formação das sociedades latino-americanas não se desvincula da divisão social do trabalho, dos mecanismos de dominação e expropriação do capital. Essas reflexões partem principalmente da leitura de textos do escritor Carlos Fuentes que coloca como problemática a fronteira inacabada entre o México e os EUA: afinal até que ponto os EUA não são também hispânicos? Ver: FUENTES, Carlos. Os Estados Unidos hispânicos. In: _____. **O espelho enterrado**. Reflexões sobre a Espanha e o Novo Mundo. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2001.

²¹⁴ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

²¹⁵ Idem.

certos momentos, criando um campo de experiências compartilhadas, onde há um horizonte comum entre eles.

Além disso, ao tratar esta problemática de uma separação entre os artesãos e os considerados camelôs não posso deixar de lado o fato de que não são todos os trabalhadores latinos que produzem trabalho artesanal, há também aqueles que trabalham revendendo diferentes tipos de produtos.

Entre estes trabalhadores está o Sr. Isaías. Ao lhe perguntar como ele resolveu trabalhar com os CDs ele diz:

*Não porque esses, esses negócios de vender coisas assim de forma ambulante, pode ser CD, pode ser capa de celular, pode ser qualquer coisa, né? Isso no, não é importante, o importante é que eu estou assim trabalhando por que yo com minha idade, já quase 50 anos é muito difícil arrumar emprego, né? É muito difícil e, entón a gente termina inventando alguma coisa pra fazer para continuar sobrevivendo, né? Entón, aí cai, vamos dizer que, inevitavelmente, cai na informalidade, como se diz. [...] por que eu ficando desempregado eu resolvi fazer alguma coisa para sobreviver, então, aí eu entrei nessa história de vender alguma coisa, né? Vendia capa de celular, depois vendi CDs e agora estou vendendo esses CDs de música andina, né? Muitas coisas já vendi claro, né?*²¹⁶

Na busca por alternativas para seu viver, este trabalhador foi criando e diversificando formas para trabalhar na rua. Sua narrativa leva a refletir sobre as variadas formas buscadas pelos trabalhadores para garantir sua sobrevivência e como os problemas como de desemprego não são individuais, mas sociais, e que por isso não podem ser resolvidos por ações isoladas ou simplesmente através da retirada dos trabalhadores das ruas, negando-lhes o direito ao trabalho, escondendo-os em outros espaços, como muitas vezes querem os grupos dominantes.

Ao conversar com estes trabalhadores sobre seus modos de viver pude perceber que a produção desse trabalho artesanal e autônomo na luta contra a exclusão e por seus direitos enquanto cidadãos e trabalhadores mostram as fronteiras sociais de uma sociedade desigual e excludente.

Os limites desse modo de viver ficam evidentes na narrativa do Sr. Isaías quando lhe pergunto sobre possíveis dificuldades econômicas e ele diz:

No, isso aí yo no vi, eu vim com um pequeno dinheiro, né? Mas depois, é, os problemas sociais do Brasil vão absolvendo a gente, a gente vai entrando em todas, em todas as vivências que o brasileiro tem, né? Dificuldades, às vezes

²¹⁶ Entrevista realizada com o Sr. Isaías Manuel Velásquez Villegas, em Uberlândia, no dia 13 de março de 2006.

*tem dinheiro, às vezes tem, às vezes não tem. Entón, a gente vai se incorporando aos problemas do lugar onde está morando.*²¹⁷

Em outra entrevista, ao lhe perguntar sobre o mesmo problema ele diz:

*Eu, eu, eu, eu vou cumprindo, né? Eu não faço compromissos, não faço compras assim, eu não tenho grandes dívidas, né? Então, por isso eu vou cumprindo, eu vou mantendo meus compromissos, não há problemas. Não dá pra ajudar os filhos, né? O problema é esse, não dá pra ajudar os filhos, pelo menos o mais novo, né? De vez em quando eu mando algum dinheiro, 100 reais, 150 reais, mas nem sempre, mas pra mim dá, pelo o que eu consumo, né? Pelo que eu gasto dá.*²¹⁸

Se muitas vezes o trabalho que eles consideram autônomo e suas itinerâncias na busca por melhorias são a saída encontrada para sobreviver, não podemos esquecer que também possuem seus limites. Fico pensando em quais condições estes trabalhadores vivem nos períodos em que os fiscais não lhes permitem ocupar as ruas como espaço de trabalho ou quando vai chegando o fim do mês e a maioria da população tem que economizar, evitando assim gastos que não são considerados importantes para a família naquele momento.

Ao mesmo tempo, seus sonhos e expectativas são projetados sobre os filhos, estando em diálogo constante com este tempo presente, sendo expressos em seu enredo ao falar e significar as diversas experiências vividas.

Assim como para o Sr. Isaías também para a Sra. Norca os problemas financeiros estão presentes. Ao lhe perguntar sobre possíveis dificuldades ela diz: “*A dificuldade mesmo es de morar em casa alugada, o mês chega rápido tem que pagar, dispensas, van escolar de minha filha, passagem para o viagens, separa espacios para trabalhar nos exposições, es muito forte as dispensas aqui*”²¹⁹.

Sua narrativa traduz as condições que lhes são impostas, porém é importante destacar que os problemas apontados não delimitam apenas a situação desses trabalhadores latinos, mas abre a possibilidade de refletir sobre quais as condições em que outros trabalhadores vivem. A casa alugada, o mês que termina com rapidez dando impressão que será quase impossível “vencer” as contas, o transporte com preços abusivos, etc., são problemas vividos pelos trabalhadores em geral.

²¹⁷ Entrevista realizada com o Sr. Isaías Manuel Velásquez Villegas, em Uberlândia, no dia 13 de março de 2006.

²¹⁸ Entrevista realizada com o Sr. Isaías Manuel Velásquez Villegas, em Uberlândia, no dia 14 de junho de 2006.

²¹⁹ Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em Uberlândia, no dia 23 de março de 2006.

Para além das dificuldades, percebi que nem todos vivem da mesma forma a itinerância. Em uma entrevista realizada com a Sra. Norca em sua casa, pergunto sobre as possíveis dificuldades em estar no Brasil com o visto vencido, e ela responde:

*Tudo, com tudo. É, tem que seguir así mesmo, trabalhando. Se fica sin trabalhar também no, no pode, no pode vivir, no pode comer nada, alimentar, alimentarse, o mais que tem crianças também um, se, se ser, por exemplo, meu esposo e eu pode trabalhar, até não ter uma casa, né? Viajando, fica nas festas, fica nas barracas, es muita gente que faz isso, mas tendo crianças es mais responsabilidade, muita responsabilidade, tem que, mais um trabalha por eles también, se, se sacrificam mais.*²²⁰

Mais uma vez a Sra. Norca evidencia um horizonte de classe em que as dificuldades não estão colocadas apenas para os estrangeiros, mas são vivenciadas por todas as pessoas que trabalham como ela.

Uma forma possível de contornar o problema do aluguel é apontada por ela como o uso de barracas durante suas viagens. No entanto, o que percebo em sua fala é que sua experiência de vida em itinerância é demarcada pelas responsabilidades com a família, com a filha. Por isso, não viaja tanto quanto os outros trabalhadores latinos.

Quando lhe perguntei se o modo dela viver aqui é diferente de como ela vivia no Peru ela diz:

*É, é diferente mesmo. Porque lá estava junto com minha família, em casa e hoje no, né? Porque meu esposo fica viajando, eu fico em casa. Ele viaja así fica uma semana longe depois venha a casa três dias así logo ele vai embora de novo*²²¹.

*[...] eu fico aqui em casa, eu fico em casa aí, por exemplo, sexta, sábado e domingo posso ir ajudar a ele quando a cidade es perto, se es longe não dá, não dá pra ir, ele fica sozinho o vem otra pessoa quem ajuda ele.*²²²

Interpreto seu enredo como uma possibilidade de compreender o papel e a contribuição das mulheres para que este modo de viver seja assegurado. É a mulher que “segura as pontas” enquanto o homem viaja a trabalho. É ela que ao longo da semana cuida da casa, da filha, da alimentação, garantindo assim que seja possível a reprodução deste trabalho. Sua opção em acompanhar seu marido em suas viagens apenas nos finais de semana e ficar em casa nos demais dias ancora-se em seus valores morais e éticos, em um compromisso com a família.

²²⁰ Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em Uberlândia, no dia 14 de abril de 2006.

²²¹ Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em Uberlândia, no dia 23 de março de 2006.

²²² Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em Uberlândia, no dia 14 de abril de 2006.

Percebendo as dificuldades vividas por esta artesã perguntei-lhe se ela gostaria de fazer outro trabalho e ela disse:

*Aqui para mim es muito difícil achar outro trabalho, es difícil. É, eu tento ficar com esse trabalho mesmo assim, com esse eu mesma que faço e es mais fácil, né? Para ver a minha filha também aqui em casa, ela vai na escola, tenho que ficar fazer almoço e mandar ela na escola.*²²³

Seu enredo é tecido a partir dos sonhos que projeta no futuro daquilo que busca mudar no presente. Mesmo conhecendo todos os limites, esta trabalhadora persiste, pois sabe que só assim é possível continuar seu viver e o de sua família. Por isso continua sua luta, busca alternativas que lhe possibilitem viver, mesmo que em alguns momentos possa apenas conseguir sobreviver.

Ao perguntar ao Sr. Marcelo sobre possíveis dificuldades para ficar no Brasil ele diz:

O você entra na porta brilhante e o Brasil é todo azul, entendeu? O todo rosa, não sei como que falar. Tudo bonito, tudo legal, lindo...

P: *Cor-de-rosa.*

*Ah, isso aí. O é terrível, o é terrível, eu já conheço gente que morreu aqui, foi apanhado e otro que foi roubado e otro que piró, conheço gente que piro, uruguaio estou falando. É, e tem muitos otros que se diran de boa mesmo, entendeu? É, gente que tem organizado, por exemplo, em São Paulo um taller, una oficina com operários montando bijuterias, vendendo nas lojas com unos cartões assim de, de fregueses e pá e carros e pi...*²²⁴

Sua narrativa permite refletir sobre a dimensão utópica e trágica da experiência de viver em itinerância que se articula com a experiência de fazer-se trabalhador. Mesmo tendo o desejo de dar “*de boa mesmo... vendendo nas lojas com unos cartões assim de, de fregueses e pá e carros e pi...*”²²⁵, ele tem consciência que esta “*porta brilhante*”²²⁶ não se abre a todos.

Contrariando muitos entusiastas da globalização que vêem nela a possibilidade mesmo de intercâmbios culturais, percebo, ao refletir sobre as experiências desses trabalhadores, a necessidade de questionar este processo de globalização. Afinal, para muitos trabalhadores, este mundo globalizado apenas significa a exclusão do direito à cidadania na diferença.

²²³ Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em Uberlândia, no dia 23 de março de 2006.

²²⁴ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

²²⁵ Idem.

²²⁶ Idem.

A globalização que é apresentada por muitos como um meio de estimular a “interculturalidade”²²⁷ significa muitas vezes a reprodução da exclusão social, pois mesmo rompendo fronteiras não desarticulou a divisão social do trabalho. Deste modo, fronteiras geográficas são rompidas para que, mais à frente, fronteiras sociais sejam recolocadas.

No entanto, apesar das dificuldades e dos limites deste modo de viver, compreendo que as tensões vividas geram ações estratégicas por parte desses sujeitos que criam diversas alternativas para continuar suas vidas mesmo diante de adversidades.

Sujeitos ativos no processo em que vivem não se resignam apenas a sobreviver. As estratégias que criam e as alternativas que buscam mostram que estes trabalhadores continuam sonhando com um viver melhor, mais digno, onde seus direitos básicos sejam respeitados.

Ao longo da produção das entrevistas sonhos, desejos e expectativas, assim como angústias e temores foram se delineando em suas falas. Ao realizar uma entrevista com o Sr. Marcelo pergunto-lhe o porquê de ter resolvido deixar o Uruguai e ele responde:

Eu gostava de lá, la gente gostava de mim, tudo bem, estava tudo bueno pra mim mas virou tudo com aquela crisis como acontece muitas vezes e aí eu chorei (inaudível) que eu queria passar a minha velhice em paz e eu, uno de meus sonhos, ainda não sou coroa mas tô perto, é, era ficar no Brasil porque eu já conhecia Brasil e amo o Brasil, faz muito tempo, entendeu? E dentro das minhas possibilidades o, o melhor pra mim envelhecer e morrer es el querido aquí, o querido Brasil así que eu cheguei a Uruguai com a determinação de saludar a minha filha e a minha nieta e fugir de Uruguai.²²⁸

Sua narrativa faz refletir sobre as dificuldades enfrentadas, as crises econômicas que desestruturam vidas. Por outro lado, não se limita aos problemas econômicos vividos. A partir de sua saída da Argentina que lhe faz temer por sua velhice, este trabalhador passa a se inquietar em relação a seu futuro. Consciente que não possui garantias além daquelas que alcança por meio de seu trabalho, fico pensando sobre os possíveis “temores de envelhecer” sem que seus direitos básicos sejam garantidos. Como é estar nesta condição e sentir que os dias passam, a saúde já não é a mesma e o país que escolheu como seu não lhe reconhece como cidadão? Essas são preocupações que acredito fazem parte do universo dos trabalhadores latinos que possuem mais idade.

²²⁷ Sobre esta problemática ver: CANCLINI, Néstor Garcia. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

²²⁸ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

As dificuldades não impedem este trabalhador de sonhar, de ter expectativas para seu futuro e buscar materializar seus desejos. Quando, ao término da entrevista, lhe pergunto se ele gostaria de falar mais alguma coisa sobre sua experiência no Brasil ou sobre suas experiências de viagem, ele responde:

É, eu não quero que minha vida termine agora, mas se terminar agora estou muito feliz porque de algum jeito estou cumprindo alguma com coisas que eu queria e foi como te falei na mão de Deus. É, eu tentei fazer coisas e pude fazer la, son cosas humildes por ai você olha de fora e se fala “esse cara pobre, se conforma com muito poco”, pero pra situação que eu saí, é, o que eu, o poco que eu tinha e a minha vida assim organizada com cierta poesia ainda, entendeu? Pra mim é maravilhoso Gisele, entendeu? Então eu humildemente não tenho que pedir nada porque Deus manda, entendeu? Pero se tem alguna una cosa de que me dê uns quantos anos mais de vida aqui no Brasil e poder passear um poco mais desfrutar mais ver así a minha filha como quero de novo passar um momento bom e seguir trabalhando com as minhas coisas que eu amo, né? Fazer coisas mais lindas ainda aprender mais coisas. Ainda, ainda tô formando, formando meu oficina me faltan algumas ferramentas não muitas, mas eu quero tener elas también, entendeu?”²²⁹

Acredito que seu medo de que a vida termine agora está ligado aos momentos em que sua saúde não estava tão bem e ao fato de que no dia em que esta entrevista foi gravada este trabalhador não sentia-se bem. Além disso, não posso esquecer que sua experiência com os órgãos de saúde pública e as tensões em relação a eles, principalmente devido à situação de ilegalidade, faz com que ele tema²³⁰. Sua narrativa aponta para uma incerteza frente ao rumo que a vida possa ter.

No entanto, para além das dificuldades, sua visão sobre o futuro é de uma pessoa consciente dos obstáculos, mas que nem por isso abandona suas lutas e com elas seus desejos, ao mesmo tempo em que se sente uma pessoa realizada: “*estou muito feliz porque de algum jeito estou cumprindo alguma com coisas que eu queria*”²³¹.

É nessa direção que percebo que seu trabalho transforma-se na alternativa que garante seu viver e que vai dando prazer à sua vida. Por isso, mesmo com todos os problemas e mesmo sabendo da fiscalização intensa ele não deixa de desejar seu espaço. Assim, mesmo que todas as circunstâncias lhe neguem o direito a seu trabalho este artesão tem a expectativa de, a partir de sua resistência, ver seu direito a trabalhar garantido, isso o faz sonhar com sua própria oficina de artesanato e, não apenas sonhar, mas lutar para concretizar seu desejo.

²²⁹ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

²³⁰ Esta relação com os órgãos de saúde pública foi trabalhada no primeiro capítulo quando discuti os problemas enfrentados por esses trabalhadores.

²³¹ Entrevista realizada com o Sr. Marcelo Rodriguez, em Uberlândia, no dia 24 de abril de 2006.

Também a narrativa da Sra. Norca aponta suas expectativas para o futuro. Ao lhe perguntar o que ela esperava encontrar no Brasil quando veio para cá, ela respondeu:

É diferente. Así, eu achei que o trabalho era melhor, eu ia ganhar, desculpa, ia ganhar mais e guardar um dinheiro para por comprar um terreno aí eu, quem no soña com uma casa, né? [...] Las dificultades são muitas. Difícil aqui, tem, la gente tem que estar legal mesmo, tem que ter um lugar para trabalhar, por exemplo, se puder conseguir una loja, né? Por um negócio. É, é isso é bom pero não tem como. [...] Tem que tá legal mesmo aqui. Pode ser mais adiante, pode ser, ninguém sabe lo que vai acontecer ou pode ser que eu fique voltando a meu país. (...) Voltar a meu país e, aí se, aí tem mais liberdade, né? Pode viajar, pode fazer lo que quiser. No tanto lo que quiser, no tanto isso, pero tem muita mais facilidade, só tem que ter um bom dinheiro para por um negócio para, para sobrevivir, se não também é difícil.²³²

Ao contrário do Sr. Marcelo, para esta trabalhadora o Brasil não é o lugar com que ela sonhou ficar, envelhecer, construir sua vida. No entanto, mesmo com todas as dificuldades que de certo modo frustraram algumas de suas expectativas esta trabalhadora ainda sonha com seu lugar, para trabalhar e viver. Além disso, acredito que ela cria uma imagem do passado com base em um presente difícil que vivencia, ao mesmo tempo em que projeta seus sonhos e desejos para um futuro em que ela possa ter mais “liberdade de viajar” e “fazer o que quiser”.

O futuro muitas vezes apresenta-se como uma incógnita, por isso a Sra. Norca não deixa de projetar nele seus desejos. O sonho de ter sua casa e sua própria loja move as ações desta artesã e não a deixa desistir.

Assim como a Sra. Norca, também a Sra. Núvia sonha com o seu lugar. Ao lhe perguntar qual é a expectativa para sua vida ela disse:

Minha expectativa é só trabalhar, menina. Nossa trabalhar porque quero comprar uma casa, o que mais quero é comprar uma casa porque meu marido gosta de aqui, gosta desse país, meus meninos tão se acostumando, tão gostando e aqui a vida é muito diferente, a educação também é diferente, não é que sea melhor mas só que (dan conta pra nós), né? Entón o que mais queria é ter uma casa, né? Pra morar aqui, eu quero ficar aqui.²³³

Outra vez o contraditório faz-se presente, afinal, mesmo que seus modos de vida estejam ligados à itinerância, suas narrativas conduzem ao desejo que têm em conseguir um local fixo que lhes dêem garantias. No caso de Núvia, percebo que o desemprego a angustia, pois sem trabalho seu sonho de ter sua própria casa é frustrado, por isso

²³² Entrevista realizada com a Sra. Norca Esperanza Basquez Rojas, em Uberlândia, no dia 23 de março de 2006.

²³³ Entrevista realizada com a Sra. Núvia Celeste Pacho Micalto, em Uberlândia, no dia 20 de abril de 2006.

projeta para seu futuro o direito tanto ao trabalho quanto a um viver digno mediado pela casa própria que significa ao mesmo tempo o fim do aluguel e o estabelecimento definitivo no Brasil.

Também o trabalhador Isaías tem o sonho de um dia ter uma casa. Ao narrar sobre sua vontade de um dia ir para os EUA lhe perguntei se ele voltaria para o Brasil ou para o Chile e ele disse: “*Eu voltaria porque aqui eu tenho meus filhos, né? Eu queria comprar uma casa para eles aqui no Uberlândia, né? Específica, especificamente aqui no Uberlândia, no Martins*”²³⁴. Seus sonhos projetam-se no futuro para seus filhos. Sua expectativa está em um dia poder permanecer, as responsabilidades com a família e o desejo de garantir um futuro mais tranquilo marcam suas perspectivas e a de outros trabalhadores mais velhos quanto ao futuro.

Já nas narrativas dos trabalhadores mais jovens percebi que as projeções para o futuro evidenciam outros desejos. Durante uma das entrevistas que realizei com o artesão Fernando lhe perguntei se ele pensava em voltar para Argentina, ele disse:

*[...] não sei como te explicar, minha idéia é conhecer otros países hoje e amanhã. Gostaria de algum dia quando eu chegasse a velho morar em algum lugar que ficasse perto do mar e essas coisas, quando já minhas pernas não consiga andar mais, por agora não penso nisso, penso só em andar.*²³⁵

Em sua fala interpretei outras expectativas que levam a pensar que os sonhos também são delimitados pelas vivências e experiências de cada sujeito. A projeção de seu futuro está em continuar suas andanças, no entanto, não pude ignorar que, mesmo com as diferenças nas perspectivas entre estes diferentes sujeitos, também suas narrativas permitiram vislumbrar a vontade de ter um lugar para onde ir na velhice.

Assim como o Sr. Fernando, também o artesão Alejandro tem como expectativa continuar suas andanças. Quando lhe perguntei se ele já havia pensando em ficar no Brasil, ele diz:

Eu pensei muitas vezes em ficar em Brasil só que ainda no sé donde gostaria de ficar é, no es porque eu no, no sei que ciudad gostaria de, de estar pero é, quiero seguir viajando, quiero seguir andando e se em algum momento acho um lugar que eu goste muito aí fico e volto pra Argentina, vengo pra Brasil, voy pra otros países é, ainda por agora no he pensado em ficar em Brasil, em algum lugar, gostaria de seguir andando muito, de ir pra Itália, pra Espanha, Francia, conocer Europa, viajar por Europa, é gostaria de viajar por muitos

²³⁴ Entrevista realizada com o Sr. Isaías Manuel Velásquez Villegas, em Uberlândia, no dia 14 de junho de 2006.

²³⁵ Entrevista realizada com o Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez, em Uberlândia, no dia 13 de março de 2006.

*países mais ainda, eu quiero seguir andando por muitos países, é, gostaria de ir a México, gostaria de ir muito, a muitos lugares más, así que no tenho muita vontade de agarrar e falar eu quiero ficar em este ciudad por causa de que aí já no, no estaria andando. É solo eso.*²³⁶

Sua narrativa aponta que o fixar-se em algum lugar significa o fim do seu modo de viver em itinerância. Embora outras narrativas de outros trabalhadores apontem a vontade de ficar em algum lugar, a experiência desse trabalhador o faz querer continuar suas andanças, para ele ainda não é o momento de mudar seu modo de viver. Outros desejos e sonhos o movem e o impulsionam a querer continuar. Se no caso dos outros trabalhadores era a necessidade de buscar melhorias, de garantir um futuro mais seguro que os levam a se deslocarem constantemente, no caso do Sr. Alejandro a vontade de permanecer vivendo em itinerância é o que o leva a não se estabelecer de forma definitiva em nenhum lugar.

Ao longo deste trabalho muitos foram os desejos, sonhos, angústias e temores que estes trabalhadores expressaram no decorrer das gravações de suas narrativas. Embora possa haver uma multiplicidade de vontades e valores, acredito que o que cria uma identificação entre os diferentes trabalhadores latinos são seus modos de viver em itinerância, de lutar por seus direitos enquanto cidadãos sem ter uma pátria, de não serem considerados “ilegais”. Este viver envolve a família, os amigos, os companheiros de trabalho, ou seja, outras relações para além daquelas que se ligam diretamente ao trabalho que produzem.

Andar, rompendo as fronteiras geográficas e lutando contra as fronteiras sociais que se interpõem entre os trabalhadores e seus desejos e necessidades, é um modo de viver que os leva a agirem em busca de seus direitos nas sociedades onde alguns poucos estabeleceram de antemão a quem caberiam os direitos que eles mesmos delimitaram.

²³⁶ Entrevista realizada com o Sr. Alejandro Schwindt, em Uberlândia, no dia 15 de setembro de 2006.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar esta pesquisa percebo que o tema trabalhado não pode ser visto como encerrado. O caminho de reflexão escolhido por mim foi um entre tantos outros possíveis, uma vez que minhas escolhas estão principalmente ligadas às reflexões desenvolvidas na Linha Trabalho e Movimentos Sociais tendo como perspectiva a História Social. Isso significou a busca constante de um olhar político que colocasse em foco as dissidências, problematizando as experiências, culturas e disputas presentes no modo de viver dos sujeitos que deram vida a este trabalho.

Vejo a materialização de minha pesquisa neste texto como uma escolha pessoal ao mesmo tempo em que em diálogo com as discussões e reflexões realizadas em torno da História Social, o que faz com que a responsabilidade sobre o que neste trabalho foi discutido seja minha, no entanto, faz também com que fique uma grande dívida com os pesquisadores – professores e alunos da Linha Trabalho e Movimentos Sociais – que estimularam tais reflexões.

A opção teórico-metodológica esteve centrada na forma como concebo o papel do historiador enquanto aquele que, buscando problematizar o “como” e o “porque” do que acontece, posiciona-se politicamente fazendo opções sobre temas a serem investigados; trazendo para o centro do debate outras histórias que não aquelas continuamente revalidadas por uma historiografia que, se colocando como progressista, acaba por anular as lutas sociais e glorificando vencedores.

Assim, acredito que o papel do historiador deva ser o de desconstruir modelos fixos, apontar diferentes caminhos, discutir e indagar sobre projetos para sociedade que se apresentam como universais e legítimos, afinal, como diz a historiadora Déa Ribeiro Fenelon, “*nada nos garante que o que triunfou foi sempre o melhor e que os projetos alternativos ou as lutas cotidianas ainda que perdedoras, não devem merecer também a nossa atenção de historiadores*”²³⁷.

Assim, foi posicionando-me politicamente e buscando interferir na realidade vivida que escolhi os caminhos trilhados ao longo deste texto. As opções feitas neste trabalho significaram a tentativa de não cair na visão reducionista da simples

²³⁷ FENELON, Déa Ribeiro. Trabalho, cultura e História Social: perspectivas de investigação. **Revista Projeto História**. São Paulo, EDUC, n. 4, jun. 1985, p. 25.

determinação base-superestrutura, o que me fez buscar compreender os sujeitos desta pesquisa procurando sempre explicitar os diferentes significados e contrapartidas das relações que são constituídas por eles, suas escolhas, contradições, conformações e resistências. Isto me conduziu à tentativa de compreender suas experiências no fazer-se desses sujeitos, fugindo de determinações estruturais dadas.

Para além das escolhas há que ser salientado também que a produção desta dissertação foi forjada em concomitância com o trabalho de professora na rede pública de ensino do Estado de Minas Gerais. Assim, as reflexões desenvolvidas durante este trabalho estão diretamente relacionadas a um enfrentamento de problemas vinculados à prática de ensino e pesquisa.

Por outro lado, não é possível negar que este “duplo” comprometimento significou, também, sacrificar o tempo de descanso ou de lazer para que fosse possível a produção deste trabalho que, além das leituras, discussões, pesquisa e escrita, também esteve permeado por uma constante (re)formulação de idéias e rompimento com conceitos e pressupostos.

O que aqui foi desenvolvido foram reflexões que buscaram compreender minimamente as experiências de trabalhadores latinos em suas andanças pelo mundo. Embora tenha buscado problematizar uma multiplicidade de questões que foram sendo abertas no decorrer da pesquisa por meio do diálogo com as fontes, como cidadania, nação, modos e experiências de trabalho e disputas pelos espaços da cidade, percebo que muitos outros ainda ficam como possibilidade para compreender as questões que se colocam em nosso tempo presente.

Os modos de viver dos trabalhadores latino-americanos conduziram a reflexões acerca das fronteiras não apenas geográficas, mas principalmente sociais construídas quotidianamente ao mesmo tempo que rompidas diariamente por esses sujeitos, o que leva a questões fundamentais acerca do que é pertencer e quais as relações constituídas. Quais as dimensões de direito e expectativas que essas pessoas têm?

Ao tentar direcionar um outro olhar sobre esses sujeitos e seus modos de viver, o que mais me chamou a atenção foram as disputas que eles vivem, seja contra o poder estabelecido, seja entre eles mesmos, o que indica como não é tranquilo o processo de constituição da classe. Por meio da pesquisa empreendida foi possível sondar questões relacionadas à problemática da luta de classes, a busca pelo reconhecimento de direitos e por condições básicas para o viver.

Ao ampliar o campo da pesquisa procurando outros olhares sobre estes trabalhadores que não aqueles pautados pela imprensa ou pelo discurso da Prefeitura Municipal, foi possível vislumbrar também as expectativas de outros trabalhadores, seus sonhos e dificuldades. A partir dessa percepção é que optamos por construir um texto em que as relações constituídas estivessem sempre em movimento, o que em alguns momentos foi abrindo espaço para as contradições e as conformações.

O entrecruzar de diferentes narrativas conduziu a percepção da dinâmica social vivida por estes sujeitos e os desafios e problemas inerentes ao espaço da rua.

A análise das diferentes fontes utilizadas permitiu desconstruir a imagem de uma cidade ordenada e sem conflitos, além de possibilitar questionar uma memória que se quer oficial e que expropria a classe trabalhadora de seus direitos a uma história própria.

Ao refletir sobre o que suas narrativas evidenciavam sobre seus modos de trabalhar, acabei me deparando com a problemática da produção de artesanatos e, ligada a ela, a necessidade de compreender o que significa hoje a produção artesanal deixando de olhá-la apenas como fragmento folclórico e inserindo-a no processo histórico vivido, no tempo presente em que políticas culturais ganham importância e são desenvolvidas com vistas especificamente a essas produções.

Esta discussão, que ao longo do terceiro capítulo se restringiu à produção de seus trabalhos, trouxe à luz questões que não faziam parte do meu campo de preocupações. Afinal, para onde caminham as políticas culturais em nosso país? Qual o real significado da presença da UNESCO para as ações acerca da cultura? O que de fato é considerado um bem cultural? Quais os limites e horizontes que tais escolhas colocam? Quais sentidos têm as políticas de preservação em nosso país?

Além disso, cabe destacar que é por compreender que as pessoas falam a partir do que vem reorganizando em suas vidas que optamos por não dividir o texto desta dissertação entre a saída e a chegada desses sujeitos, buscando o passado para chegar ao presente. No entanto, percebo que fica como possibilidade pensar ainda as condições desses trabalhadores no lugar de onde vieram, aprofundar as questões sobre as transformações em suas vidas que os impulsionaram a sair de seus países.

Ao escrever estas últimas páginas percebo que as disputas permanecem e se transformam. O impedimento de entrada de visitantes brasileiros à Espanha, mesmo que apenas em paradas para conexão como ocorreram durante este início de 2008 evidenciam problemáticas inerentes ao processo de globalização e possível quebra de

fronteiras. O que percebo é que a questão referente aos limites desse processo permanecem e se recolocam em diferentes contextos.

Por ser dinâmica a história transforma-se, traz novas questões às antigas certezas, nos colocando sempre a necessidade de refletir sobre o real vivido e questionar as normas e padrões que se apresentam muitas vezes como naturais. Ou mesmo, nos convida continuamente a indagar sobre transformações que se apresentam como inovadoras, mas que muitas vezes apenas recoloca os antigos problemas em novas roupagens.

Muitas problemáticas que aqui foram esboçadas ficam ainda em aberto. São questões significativas e que apontam para a necessidade de profundas transformações em nossa sociedade, principalmente em relação ao respeito e ao direito à diferença.

Finalizo este texto consciente das dificuldades acerca do trabalho com a memória, percebendo-o como fundamental, mas reconhecendo que se faz necessário desenvolver uma sensibilidade que não se encontra em manuais de pesquisa e que só a prática e o tempo de amadurecimento do próprio historiador podem trazer.

Tendo consciência de meus limites, espero com esta pesquisa ter contribuído com o debate social para compreensão sobre os viveres em itinerância dos trabalhadores latinos. Como suas lutas, o fazer-se no social indicam uma forma de reprojeter o futuro por meio de outras lutas que não estão necessariamente restritas ao chão da fábrica.

Quero ainda ressaltar que o trabalho com essas outras histórias permitiu compreender melhor a sociedade em que vivo, as disputas que se fazem no social enquanto disputas de valores, as tramas do processo de dominação e as resistências a este processo forjadas nas vivências dos sujeitos sociais.

O crescimento que vivi nestes anos do curso de mestrado foi gratificante e enriquecedor, assim, chego ao final com a certeza de que valeu a pena todas as vezes que saí das aulas e das orientações com minhas certezas desestruturadas. Sei que muitas dúvidas ainda ficam, mas certamente aí se encontra a beleza do trabalho do historiador e a necessidade de estar sempre buscando novas interpretações, outros olhares sobre velhos pesares.

FONTES

ENTREVISTAS

Marcelo Rodriguez: (nome fictício a pedido do próprio entrevistado) 52 anos, uruguaio. Veio com sua esposa Carmem para o Brasil em maio de 2004, entrando no país como turista. Quando realizei a primeira entrevista com ele no dia 21 de fevereiro de 2006 na Praça Tubal Vilela fazia apenas cinco meses que haviam chegado a Uberlândia. A segunda entrevista foi feita no dia 24 de abril de 2006 em sua casa no Bairro Martins, em uma rua próxima a Rodoviária. Formado em Psicologia, trabalha hoje como artesão, mas também já exerceu outras atividades como soldador de prata e pizzaiolo na Argentina, país em que morou por sete anos.

Fernando Marcelo Gonzáles Altez: 27 anos, argentino. Mora em Uberlândia há dois anos com sua esposa brasileira e seu filho nascido no Brasil. Estudou até o nível secundário. Ainda menor de idade veio pela primeira vez para o Brasil, retornando meses depois para Argentina. Viveu também no Chile onde tentou trabalhar como músico em ônibus. Hoje trabalha como artesão. Sua entrevista foi gravada na Praça Tubal Vilela no dia 13 de março de 2006 e no dia 29 de maio de 2007.

Isaías Manoel Velásquez Villegas: 50 anos, chileno. Formado em Enfermagem, fazia parte da Marinha Chilena durante a ditadura do General Pinochet. Veio para o Brasil em 1980, mas não tinha a intenção de permanecer, seu desejo era ir para Espanha. Mora em Uberlândia há cinco anos, atualmente reside no Bairro Martins. Solteiro, tem dois filhos que vivem com a mãe em Salvador; exerceu, durante estes 26 anos de vida no Brasil, diversas profissões, no entanto, não conseguiu exercer aqui a enfermagem. As entrevistas foram gravadas na Praça Tubal Vilela nos dias 13 de março de 2006; 14 de junho de 2006 e 29 de maio de 2007, nesta praça o senhor Isaías trabalha vendendo CDs de música instrumental andina e evangélica.

Norca Esperanza Basquez Rojas: 33 anos, peruana. Veio para o Brasil em 2003 por causa de seu marido que já estava trabalhando no país havia três anos. Com faculdade de turismo incompleta, a senhora Norca realizou diferentes trabalhos no Peru, como secretária, vendedora de roupas em uma loja, dona de um pequeno restaurante, etc. Apresentou-se para mim como artesã, trabalho realizado juntamente com seu marido e

agora também junto com sua irmã que veio viver com ela em 2005. A primeira entrevista realizada no dia 23 de março de 2006 foi na Praça Tubal Vilela onde esta senhora vende seus artesanatos. A segunda entrevista foi realizada no dia 14 de abril de 2006 em sua casa no Bairro Martins, onde hoje (2007) mantém uma pequena loja na parte da frente da sua casa para vender seus artesanatos.

Núvia Celeste Pacho Micalto: 34 anos, equatoriana. Professora de Letras, veio para o Brasil em 2005 em companhia de seus dois filhos para viver com seu marido, o senhor Edwin Lars Sota León, que já vivia no Brasil por oito anos. A primeira entrevista aconteceu na Praça Tubal Vilela no dia 23 de março de 2006, quando fui apresentada a ela pela senhora Norca, apesar de a senhora Núvia não ser artesã vai à praça para encontrar com seus conhecidos que lá trabalham, também é neste local que seu marido em alguns meses do ano trabalha tocando flauta pan e vendendo os CDs que produz de música instrumental andina e evangélica. A segunda entrevista foi realizada em sua casa no Bairro Santa Mônica no dia 20 de abril de 2006.

Edwin Lars Sota León: músico peruano de pouco mais de 34 anos. Percorreu a América Latina e alguns países da Europa, estabelecendo-se no Brasil em 1998, quando seu grupo foi desfeito. Tem sua residência em Uberlândia no Bairro Santa Mônica, onde vive com sua esposa e seus dois filhos, no entanto fica durante alguns meses do ano em Brasília, cidade onde possui uma gravadora/produtora de CDs. A entrevista gravada com ele aconteceu no dia 14 de junho de 2006, na Praça Tubal Vilela onde o músico apresentava seu trabalho e vendia seus CDs.

José Jacome Toroni: 50 anos, paulistano. Veio para Uberlândia há oito anos com sua esposa e filhos em busca de oportunidade para seus filhos e de uma vida mais sossegada. Sua entrevista foi produzida no dia 1º de agosto de 2006.

Alejandro Schwindt: 30 anos, argentino. Técnico em Mecânica de Carros, trabalha hoje (2007) como artesão viajando por diversos países da América Latina. Esta é a segunda vez que o senhor Alejandro vem trabalhar no Brasil, na primeira vez ficou um mês no início de 2005, nesta sua segunda viagem ao Brasil já está há oito meses. A entrevista foi gravada no dia 15 de setembro de 2006 na Praça Clarimundo Carneiro onde o senhor Alejandro vendia seus artesanatos.

Moisés Martinez: 30 anos, argentino. Veio pela primeira vez de passeio ao Brasil em 1998 para a cidade de São Paulo onde vivia seu tio, depois, terminado o segundo grau, voltou ao Brasil como músico, trabalhando agora em um grupo musical chamado

Nasca. Estando apenas de passagem por Uberlândia para conhecer a cidade, a entrevista foi realizada na Praça Tubal Vilela no dia 25 de novembro de 2006.

Henrique Miranda: 30 anos, peruano. Está no Brasil desde 2000, vivendo como músico do grupo Nasca na cidade São Paulo, embora trabalhe viajando também por outras cidades. Estando apenas de passagem por Uberlândia com seu amigo Moisés, a entrevista foi realizada no dia 25 de novembro de 2006.

Moniele Aparecida Alves: 15 anos, estudante brasileira de Ensino Médio. A entrevista foi realizada na Praça Tubal Vilela em 21 de maio de 2007 logo após ter comprado um artesanato da Sra. Flor.

Maria Luiza das Graças Silva: 53 anos, dona de casa, residente no Bairro Canaã. A entrevista foi realizada na Praça Tubal Vilela em 21 de maio de 2007 logo após ter comprado um artesanato da Sra. Flor.

Marta Maria Bueno da Silva: 51 anos, sacoleira, residente no Bairro Jardim Ipanema. A entrevista foi realizada na Praça Tubal Vilela em 21 de maio de 2007 logo após ter comprado um artesanato da Sra. Flor.

Clayton de Oliveira Santos: 29 anos, serviços gerais, residente no Bairro Tibery. A entrevista foi realizada na Praça Tubal Vilela em 21 de maio de 2007 logo após ter comprado um artesanato do Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez.

Guilherme Sargenti: 21 anos, estudante brasileiro de Engenharia Mecânica da UFU, residente no Bairro Santa Mônica. A entrevista foi realizada na Praça Tubal Vilela em 21 de maio de 2007 logo após ter comprado um artesanato do Sr. Fernando Marcelo Gonzáles Altez.

Maria Dalvani Ferreira: 56 anos. Nascida em Ituiutaba, veio para Uberlândia há 29 anos como doméstica, depois de um ano na cidade passou a trabalhar na Praça Tubal Vilela; até o primeiro semestre de 2007 vendia churros quando foi notificada pela fiscalização, o que a fez passar a vender pipoca e batata frita também na Praça Tubal Vilela. Entrevista gravada no dia 23 de outubro de 2007.

Adilson Ferreira: 60 anos. Nascido em Belo Horizonte formou-se como eletricista. Veio para Uberlândia há vinte anos quando deixou sua profissão e realizou diferentes atividades até que há três anos passou a trabalhar na Praça Tubal Vilela vendendo artesanatos. Entrevista gravada no dia 23 de outubro de 2007.

IMPrensa

Jornal Correio de Uberlândia (1993-2006) – Pesquisa realizada no Arquivo Público Municipal de Uberlândia.

Jornal Folha de São Paulo (1995-2005) – Pesquisa realizada no Banco de Dados (digitalizado) do Grupo Folha.

REVISTAS

Revista Travessia – A revista do migrante (1988-2006).

LEGISLAÇÕES

Estatuto do Estrangeiro. Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980.

Estatuto dos Refugiados. Lei no. 9.474, de 22 de julho de 1997.

SITES

<http://www.unesco.org.br> (Unesco no Brasil).

<http://www.csem.org.br/> (Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios).

<http://www.cemsp.com.br/> (Centro de Estudos Migratórios).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Antônio de. Os trabalhadores e seus espaços: cultura, experiência e cotidiano nos estudos históricos sobre identidade coletiva. In: MACHADO, Maria Clara T.; PATRIOTA, Rosângela (Org.). **Política, cultura e movimentos sociais: contemporaneidades historiográficas**. Uberlândia: EDUFU, 2001. p. 27-42.

ARANTES, Antônio A. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

ARCE, José Manuel Valenzuela. De migras e migrações. Diásporas, cidadania e nação (Latino) Americana. In: CANCLINI, Nestor Garcia (Org.). **Culturas da Ibero-América**. Diagnósticos e propostas para seu desenvolvimento. São Paulo: Editora Moderna, 2003. p. 153-183.

BARBERO, Jesús-Martin. **Dos meios às mediações**. Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

_____. **Ofício de cartógrafo; travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

BARBOSA, Marta Emísia Jacinto. Famintos do Ceará – imprensa e fotografia entre o final do século XIX e o início do século XX. 2004. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004. (mimeo)

BATISTA, Sheille Soares de Freitas. **Buscando a cidade e construindo viveres**. Relações entre campo e cidade. Uberlândia, UFU, 2003. Dissertação (Mestrado em História). (mimeo)

BONASSI, Margherita. **Canta América sem fronteiras: imigrantes latino-americanos no Brasil**. 1999. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

BRESCIANI, Maria Stella. Cidade e História. In: OLIVEIRA, Lucia Lippi (Org.). **Cidade: História e desafios**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

CALVO, Célia Rocha et. al. Trabalho e movimentos sociais: histórias, memórias e produção historiográfica. In: CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco; MACHADO, Maria Clara Tomás (Org.). **História: narrativas plurais, múltiplas linguagens**. Uberlândia: EDUFU, 2005.

CALVO, Célia Rocha. Uma Praça, numa cidade: patrimônio histórico e cidadania cultural. In: MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto de; KOURY, Yara Aun (Org.). **Outras histórias**: memórias e linguagens. São Paulo: Olho D'água, 2006.

_____. **Muitas memórias e histórias de uma cidade**: experiências e lembranças de viveres urbanos. Uberlândia 1938-1990. 2001. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

CANCLINI, Néstor Garcia. O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional. In: HOLLANDA, H. Buarque de (Org.). **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**. Tema: Cidade. n. 23, p. 94-115, 1994.

_____. **A globalização imaginada**. São Paulo: Iluminuras, 2003.

_____. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

_____. **Culturas híbridas**. Estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2006.

CARDOSO, Arnaldo Francisco. Migrações internacionais: os blocos regionais e a mobilidade mundial de mão de obra. **São Paulo em Perspectiva**, v. 16, n. 2, p. 112-124, 2002.

CARVALHO, José Alberto Magno de; CAMPOS, Marden Barbosa de. A variação do saldo migratório internacional do Brasil. **Estudos avançados**, v. 20, n. 57, p. 55-58, mai./ago. 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Conformismo e resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1989.

_____. **Cultura e Democracia**; o discurso competente e outras falas. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

_____. **Simulacro e Poder**. Uma análise da mídia. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

_____. **Cidadania cultural**; o direito à cultura. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

_____. Eric Hobsbawm e a invenção do Estado-Nação. In: _____. **Cidadania cultural**. O direito à cultura. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

COUTO, Ana Magna da Silva. **Trabalho, cotidiano e sobrevivência**; catadores de papel e seus modos de vida na cidade – Uberlândia-1970-1999. 2000. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2000.

CRUZ, Heloisa Faria. A cidade do reclame: propaganda e periodismo em São Paulo – 1890-1915. **Revista Projeto História**. São Paulo, PPGH-PUC-SP, n. 13, 1996.

CUNHA, M. Clementina P. Nação, um lugar comum. In: MACIEL, Laura A.; SIMÕES, Júlio A. (Org.). **Pátria amada esquartejada**. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992. p. 29-43.

DOMINGUEZ, Luis Esteban. **Imigração argentina em São Paulo - 1970-1983**: ressignificando identidades. 2004. Dissertação (Mestrado em História Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004.

FENELON, Déa Ribeiro. Trabalho, cultura e História Social: perspectivas de investigação. **Revista Projeto História**. São Paulo, EDUC, n. 4, p. 21-37, jun. 1985.

_____. Cidades. **Pesquisa em História**. São Paulo: Olho D'água; Programa de Estudos Pós-Graduados em História, PUC-SP, n. 1, 1999.

_____ et al (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'água, 2004.

_____. Reflexões. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA, 2007, Uberlândia. Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em História, Linha Trabalho e Movimentos Sociais, jun. 2007.

FUENTES, Carlos. Os Estados Unidos hispânicos. In: _____. **O espelho enterrado**. Reflexões sobre a Espanha e o Novo Mundo. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2001.

GODELIER, Maurice. Trabalho. In: ROMANO, R. (Org.). **ENCICLOPÉDIA Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986. v. 7 (Modo de Produção/Desenvolvimento/Subdesenvolvimento), p. 11-62.

GRANET-ABISSET, Anne Marie. O historiador e a fotografia. **Revista Projeto História**. São Paulo, EDUC, número 24, janeiro de 2002, pp. 9-26.

HALL, Stuart. **Da diáspora**; identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

HOBBSBAWM, E. J. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **Sobre História**. Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

HOGGART, Richard. **As utilizações da cultura 1**. Aspectos da vida cultural da classe trabalhadora. Lisboa: Presença, 1973.

KHOURY, Yara Aun. Muitas memórias, outras histórias: cultura e o sujeito na história. In: FENELON, Déa Ribeiro et al (Org.). **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'água, 2004.

LE GOFF, Jacques. A cidade inovadora, palco de igualdade e festa da troca (Introdução). In: _____. **Por amor às cidades**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

MACIEL, Laura Antunes. **A nação por um fio**; caminhos e imagens da “Comissão Rondon”. São Paulo: Educ, 1998.

_____. Produzindo notícias e histórias: algumas questões em torno da relação telégrafo e imprensa 1880-1920. In: FENELON, Déa Ribeiro et al. **Muitas memórias, outras histórias**. São Paulo: Olho D'água, 2004. p. 14-41.

MADEIROS, E. Antunes. **Trabalhadores e viveres urbanos**: trajetórias e disputas na conformação da cidade. Uberlândia – 1970-2001. Uberlândia, UFU, 2002. Dissertação (Mestrado em História) (mimeo).

MARTES, Ana Cristina Braga; WEBER, Soares. Remessas de recursos dos imigrantes. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, USP, v. 20, n. 57, p. 41-54, mai./ago. 2006.

MORAIS, Sérgio Paulo. **Trabalho e cidade**; trajetórias e vivências de carroceiros na cidade de Uberlândia. 1970-2000. 2002. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2002.

NETO, Helion Póvoa. A imagem da imprensa sobre a emigração brasileira. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, USP, v. 20, n. 57, p. 25-39, 2006

ORTIZ, Renato. El contexto mundial y el iberoamericano; Las culturas de la contemporaneidad. In: **Cultura y sustentabilidad en Iberoamérica**. Barcelona: Fundación Interarts, 2005. p. 23-39.

PATARRA, Neide Lopes. Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais. **Estudos avançados**, São Paulo, USP, v. 20, n. 57, p. 07-24, mai./ago. 2006.

_____. Migrações internacionais: uma nova questão demográfica. **Revista Brasileira de Estudos Populacionais**. Campinas, (13), p. 101-113, 1996.

PATRIOTA, Rosângela (Org.). **Política, cultura e movimentos sociais: contemporaneidades historiográficas**. Uberlândia: EDUFU, 2001. p. 27- 42.

PESAVENTO, Sandra J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Revista Brasileira de História**. ANPUH, v. 27, n. 53, 2007.

PORTELLI, Alessandro. Sonhos Ucrônicos. Memórias e possíveis mundos dos trabalhadores. **Revista Projeto História**. São Paulo, EDUC, n. 10, p. 41-58, dez. 1993.

_____. A filosofia e os fatos; narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

_____. Forma e significado na História Oral. A pesquisa como um experimento de igualdade. **Revista Projeto História**. São Paulo, EDUC, n. 14, p.7-24, fev. 1997.

_____. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. **Revista Projeto História**. São Paulo, EDUC, n. 15, p. 13-33, abr. 1997.

_____. Debate com Alessandro Portelli. **Revista Projeto História**. São Paulo, EDUC, n. 15, p. 35-49, abr. 1997.

POVOA NETO, Helion. A imagem da imprensa sobre a emigração brasileira. **Revista Estudos Avançados**, v. 20, n. 57, p. 25-39, mai./ago. 2006.

REIS, Rossana Rocha. Soberania, direitos humanos e migrações internacionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 19, n. 55, p. 149-164, jun. 2004.

REVISTA CARTA CAPITAL. São Paulo: Editora Confiança, n. 435, 14 mar. 2007.

RONCAYOLO, Marcel. Cidade. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986. v. 8 (Região).

SADER, Eder. **Um rumor de botas**; a militarização do Estado na América Latina. São Paulo: Editora Pólis, 1982.

SADER, Emir. **O anjo torto**. Esquerda e (direita) no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SAMUEL, Raphael. História local e História Oral. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH: Marco Zero, v. 9, n. 9, set. 1989/fev. 1990.

_____. Teatros da memória. **Revista Projeto História**. São Paulo: EDUC, n. 14, p. 41-81, fev. 1997.

SANTANA, Leonardo Henrique. **“1988 Uberlândia fez 100 anos”**. Uma leitura da cidade aniversariante nos cadernos do jornal Correio de Uberlândia. Monografia (Graduação em História). Uberlândia: CDHIS, 2007 (mimeo).

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. Em busca da presença dos nacionais pobres: espaços urbanos, trabalho, cultura e transgressão. In: _____. **Nem tudo era italiano**. São Paulo e Pobreza (1890-1915). São Paulo: Annablume/Fapesp, 1998.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. A questão: o uso do território. In: _____. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. São Paulo: Editora Record, 2001.

SARLO, Beatriz. **Paisagens imaginárias**. Intelectuais, artes e meios de comunicação. São Paulo: Edusp, 2005.

_____. **Tempo presente**; notas sobre a mudança de uma cultura. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

_____. **Cenas da vida pós-moderna**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

SILVA, Marcos A. O trabalho da linguagem. **Revista Brasileira de História**. v. 6, n. 11, p. 45-61, 1986.

SILVA, Regina Helena. Os cronistas da cidade ou “os fazedores do ar”; a cidade dos cronistas ou “Belo Horizonte Belo”. In: _____. **A cidade de Minas**. 1991. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Federal de Minas Gerais, 1991.

SILVA, Sidney Antonio da. Bolivianos em São Paulo: entre o sonho e a realidade. **Revista Estudos Avançados**, v. 20, n. 57, p.157-170, mai./ago. 2006.

_____. **Costurando sonhos**. Trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo. São Paulo: Paulinas, 1997.

TELLES, Vera da Silva. A experiência da insegurança: trabalho e família nas classes trabalhadoras urbanas em São Paulo. **Tempo Social - Revista de Sociologia**. São Paulo, USP, v. 4, n. 1-2, p. 53-93, 1992.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**: uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

_____. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

_____. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. v. 1 (1997); v. 2 (2001); v. 3 (2002).

_____. Folclore, Antropologia e História Social. In: _____. **As peculiaridades dos ingleses** e outros artigos. Campinas: Editora UNICAMP, 2007.

THOMPSON, Dorothy. Marxismo e história; agendas escondidas do século XIX. **Cadernos AEL: populismo e trabalhismo**. Campinas, UNICAMP/IFCH/AEL, v. 11, n. 20/21, p. 209-221/ p. 225-237, 2004.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória; questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Revista Projeto História**. São Paulo, EDUC, n. 15, abr. 1997, p. 51-71.

_____. Debate com Alistair Thomson. **Revista Projeto História**. São Paulo, EDUC, n. 15, abr. 1997, p. 73-84.

_____; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p. 65-91.

THOMSON, Alistair. Histórias (co)movedoras: História Oral e estudo de migração. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, n. 44, p. 341-364, 2002.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo et. al. **Pesquisa em história**. São Paulo: Editora Ática, 2003.

WILLIAMS, Raymond. Língua. In: _____. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

_____. **Campo e cidade**; na história e na literatura. São Paulo. Companhia das Letras, 2000.

ZICMAN, Renée Barata. História através da imprensa – Algumas considerações metodológicas. **Revista Projeto História**. São Paulo, EDUC, n. 4, p. 89-102, jun. 1985.

BIBLIOGRAFIA DISPONÍVEL NA INTERNET

AMARAL, Ernesto Friedrich de Lima; FÍGOLI, Moema Gonçalves Bueno. **Métodos e técnicas de mensuração e caracterização de movimentos migratórios**. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_583.pdf>. Acesso em: 9 dez. 2006.

BAENINGER, Rosana. **O Brasil no contexto das migrações internacionais da América Latina**. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/migracoes/migr09.htm>>. Acesso em: 26 ago. 2006.

BARROS, Carlos Juliano. **Senzalas bolivianas**. Disponível em: <<http://www.reporterbrasil.com.br>>. Acesso em: 17 jul. 2005.

BARTH, Daiani L. **Brasileiros ilegais detidos na fronteira**. Disponível em: <<http://www.midiamigra.com.br/imprensa/main.php?codNoticia=159>> Acesso em: 17 jul. 2005.

BASSEGIO, Luiz. **Migrantes: discriminados e necessários?** Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=15101>>. Acesso em: 17 jul. 2005.

_____. **Imigrantes: trabalhando como escravos?** Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=12646>>. Acesso em: 17 jul. 2005.

BATISTA Jr., João. **Bolivianos migram com sonho de trabalhar**. Disponível em: <http://www.abraji.org.br/index.php?id=90&id_noticia=219>. Acesso em: 17 jul. 2005.

BRITO, Fausto. **Ensaio sobre as migrações internacionais no desenvolvimento do capitalismo**. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/r12/brito.doc>. Acesso em: 17 jul. 2005.

CALDERÓN, Fernando G.; SZMUKLER, Alicia B. **Aspectos culturales de las migraciones em el Mercosur**. Disponível em: <<http://www.unesco.org/most/calderon.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2006.

CARLEIAL, Adelita. **Redes sociais entre migrantes**. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_640.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2007.

CHAUÍ, Marilena. **Contra a violência**. Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=3467>> Acesso em: 01 abr. 2007. (Site da Fundação Perseu Abramo)

DORNELAS, Carlos. **Latinos clandestinos**. Disponível em: <<http://www.midiamigra.com.br/imprensa/main.php?codNoticia=93>>. Acesso em: 17 jul. 2005.

ESTATUTO do Estrangeiro, Lei n. 6.815 de 19 de agosto de 1980. Disponível em: <<http://www.mj.gov.br/Estrangeiros/Estatuto.htm>> Acesso em: 03 mai. 2006.

KURZ, Robert; Grupo Krisis. **Manifesto contra o trabalho**. Edição Portuguesa. Disponível em: <<http://obeco.planetaclix.pt/>>. Acesso em: 11 mar. 2006.

LOBO, Carlos; STEFANI, João; SOUSA, Guilherme. **Migração na América do Sul: territorialidades e espacialidades da imigração sulamericana no Brasil.** Disponível em: <http://www.abep.org.br/usuario/GerenciaNavegacao.php?caderno_id=494&nivel=4>. Acesso em: 9 dez. 2006.

MARINUCCI, Roberto. **Breve panorama das migrações internacionais, entre 1980 e 2005.** Disponível em: <http://www.csem.org.br/docs/migracoes_contemporaneas.doc>. Acesso em: 14 jan. 2006.

MARREIRO, Flávia. **Migrantes latinos são explorados em São Paulo.** Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u62525.shtml>>. Acesso em: 17 jul. 2005.

MATOS, Ralfo; BRAGA, Fernando. **Redes sociais, redes territoriais, e migrações.** Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_113.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2006.

MILESI, Rosita. **O Estatuto do Estrangeiro e as medidas compulsórias de deportação, expulsão e extradição.** Disponível em: <http://www.csem.org.br/docs/artigo_deport_expul.doc>. Acesso em: 18 jan. 2007.

_____. **Refugiados e migrações forçadas: reflexão aos 20 anos da Declaração de Cartagena.** Disponível em: <<http://www.fsmm2006.org/PDF/17%20Sem%20Políticas%20Publicas%20Ir.pdf>>. Acesso em: 14 de janeiro de 2007.

_____. **Migrações internacionais: teorias, políticas e movimentos sociais.** Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 18 out. 2006.

PIZARRO, Gabriela Rodríguez. **Estado de las migraciones en el mundo.** Disponível em: <<http://www.migrante.org.br/estadosdelasmigraciones.doc>>. Acesso em: 17 jul. 2005.

REIS, Rossana Rocha. **Soberania, direitos humanos e migrações internacionais.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v19n55/a09v1955.pdf>>. Acesso em: 17 jul. 2005.

SEYFERTH, Giralda. **Imigração no Brasil**: os preceitos de exclusão. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/reportagens/migracoes/migr03.htm>>. Acesso em: 16 ago. 2006.

SILVA, Daiana Ruff da. **Refugiados colombianos se adaptam à vida no Brasil**. Disponível em: <<http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=15773>>. Acesso em: 17 jul. 2005.

_____. Latinos são 53% de americanos nascidos no exterior. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/mundo/interna/0,,OI356652-EI318,00.html>>. Acesso em: 23 jul. 2005.